

ALINE RODRIGUES DA SILVA

**PRÁTICAS DISCURSIVAS E ESPETACULARIZAÇÃO DE
MULHERES QUE USAM DROGAS: uma história do presente**

Três Lagoas – MS

2024

ALINE RODRIGUES DA SILVA

**PRÁTICAS DISCURSIVAS E ESPETACULARIZAÇÃO DE
MULHERES QUE USAM DROGAS: uma história do presente**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (Área de concentração: Estudos Linguísticos), do Câmpus de Três Lagoas da Universidade Federal de Mato grosso do Sul - UFMS, como requisito para obtenção do título de Doutora em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. **Celina
Aparecida Garcia de Souza
Nascimento.**

Três Lagoas – MS

Agosto/ 2024

Banca examinadora

Prof^a. Dr^a Celina Aparecida Garcia de Souza Nascimento Universidade Federal de Mato grosso do Sul – UFMS (Orientadora)

Prof^a. Dr^a. Marluza Terezinha da Rosa – Universidade Federal de Santa Maria – UFSM/ FW (Titular)

Prof^a. Dr^a. Silvelena Cosmos Dias - Universidade Federal de Mato grosso do Sul – UFMS/ CPTL (Titular)

Prof^o. Dr^o. Marcelo Rocha Barros Gonçalves – UFMS/CPTL (Titular)

Prof^o. Dr^o. Ednaldo Tartaglia Santos – UNIFAP (Titular)

Prof^a. Dr^a. Daniella Rubbo Rodrigues Rondelli – PUC/CAMPINAS (Titular)

Prof^a. Dr^a. Silvane Aparecida Freitas – UEMS (Suplente externo)

Prof^a. Dr^a. Claudete Cameschi de Souza – UFMS/CPTL (Suplente interno)

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), que me acolheu durante quatro anos na graduação, dois no mestrado e mais cinco anos no doutorado. Agradeço, também, ao PIVIC (Programa Institucional de Iniciação Científica Voluntária); à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), agência de fomento que me auxiliou com bolsa pelo BIBID e pelo mestrado; e à FUNDECT (Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul), agência de fomento que me auxiliou com bolsa pelo doutorado.

À minha querida orientadora, professora doutora Celina Aparecida Garcia de Souza Nascimento, que me acompanhou no doutorado, no mestrado e participou dos principais momentos da minha formação acadêmica desde o início e com a Iniciação Científica do terceiro ao quarto ano da graduação.

À professora doutora Claudete Cameschi de Souza, que foi minha orientadora no PIBID (Programa de Iniciação à Docência), durante os dois últimos anos da graduação.

À professora doutora Joceli Catarina Stassi Sé, que também foi minha orientadora no PIBID, durante o meu segundo ano de graduação. Por isso e pelo meu desenvolvimento como professora, agradeço ao PIBID.

Ao professor doutor Armando Marino Filho, pelas caronas e hospedagens, pelas conversas e pela orientação no grupo de pesquisa “Implicações da teoria histórico-cultural para o ensino e aprendizagem” no qual tive a oportunidade de estudar sobre psicologia do ensino e da aprendizagem, além das disciplinas da graduação e assistir/participar de aulas lecionadas no segundo ano do ensino fundamental.

Aos professores doutores Solange de Carvalho Fortilli, Vania Maria Lescano Guerra, Taísa Peres de Oliveira, Sebastião Carlos Leite Gonçalves, Claudete Cameschi de Souza, Fabrício Tetsuya Parreira Ono e Celina Aparecida

Garcia de Souza Nascimento, que, por meio das disciplinas do mestrado, contribuíram para o meu desenvolvimento acadêmico e pessoal.

Aos professores doutores Silvelena Cosmo Dias e Fabrício Tetsuya Parreira Ono e Claudete Moreno Ghiraldelo por comporem a minha banca de qualificação e defesa do mestrado, se dedicarem à leitura desta dissertação e contribuírem com suas críticas e elogios.

Aos professores doutores Marluza Terezinha da Rosa, Silvelena Cosmos Dias, Marcelo Rocha Barros Gonçalves, Ednaldo Tartaglia Santos e Daniella Rubbo Rodrigues Rondelli por comporem a minha banca de defesa do doutorado, também se dedicarem à leitura desta tese e contribuírem com suas críticas e elogios.

Aos meus amigos Ágata de Carvalho Ferreira, Letícia de Almeida Barbosa e Raul Leme Medeiros. Todos conquistaram um lugar muito especial na minha vida e sempre estarão comigo mesmo que estejam distantes em algum momento. À Ágata, por sempre me incentivar a ser a minha melhor versão, tanto na vida pessoal quanto na profissional. À Letícia, por ser uma amiga que passou da graduação ao mestrado junto comigo, dividiu medos, felicidades e aprendizagens. Ao Raul, por ser meu amigo confidente e compartilhar os melhores lanches da cidade e as melhores viagens.

Aos meus pais, Sônia Rodrigues Pereira Correia e José Bezerra da Silva Rodrigues, por me apoiarem nas minhas decisões pessoais e profissionais, por zelar pelo meu estudo e serem minha maior motivação, junto com minha irmã, Vitória Rodrigues da Silva, que compartilhei os melhores momentos da minha vida, que senti saudades quando eu estava longe e por ser uma pessoa fantástica e carinhosa.

Por último, à pessoa mais importante da minha vida, meu filho, Felipe José Rodrigues. Uma surpresa fantástica, uma pessoa doce, carinhosa e esperta. Seu sorriso me move todos os dias.

“Quem controla o passado”, dizia o slogan do Partido, “controla o futuro: quem controla o presente controla o passado”. [...] O que quer que fosse verdade agora, era verdade de eternidade a eternidade.”

(George Orwell)

DA SILVA, Aline Rodrigues. **Práticas discursivas e espetacularização de mulheres que usam drogas: uma história do presente**. Três Lagoas, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2024, 125 (Tese de Doutorado).

Este estudo problematiza as práticas discursivas que associam o feminino às drogas, destacando como a mídia social, em particular o *Facebook*, atua na produção e circulação de significados que moldam percepções públicas. Na tese central, partimos da hipótese, que na história do presente, a estigmatização das mulheres que usam drogas seja espetacularizada e constituída a partir de discursos inscritos em normas de gênero, estereótipos sociais e relações de poder. Isto posto, tencionamos discutir as seguintes perguntas de pesquisa: como os discursos sobre o feminino e as drogas são produzidos e circulados na mídia *Facebook*? De que maneira esses discursos moldam a percepção pública sobre mulheres e consumo de drogas? Como as práticas discursivas contribuem para a construção da história do presente das mulheres que usam e abusam de substâncias psicoativas? Para discuti-las, esta pesquisa tem como objetivo geral problematizar as práticas discursivas entre o feminino e as drogas, concentrando-se na produção e circulação de sentidos por meio da mídia social *Facebook*. Os objetivos específicos incluem 1. Discutir como e quais marcas linguísticas de subjetividade aparecem nos dizeres; 2. compreender como os discursos constroem “verdades” sobre as mulheres; 3. problematizar essas supostas verdades em relação ao poder e saber e, 4. investigar as práticas discursivas e sua influência na história e memória. Baseamo-nos na proposta discursivo-desconstrutiva (Coracini, 2007; Foucault, 2007; Derrida, 1995; Lacan, 1985b) e na perspectiva arqueogenealógica, desenvolvida nas pesquisas de Foucault (1979; 2007). O *corpus* consiste em transcrições de dois vídeos transmitidos ao vivo pela página do *Facebook* "Pai resgatando vidas", uma instituição que acolhe pessoas em situação de uso/abuso de drogas, frequentemente em situação de rua, em uma casa monitorada por câmeras. A circulação das práticas que associam o feminino às drogas é intensificada pelos mecanismos de compartilhamento e curtidas, que priorizam conteúdos que evocam reações emocionais e criam bolhas de filtragem, reforçando crenças preexistentes e potencializando a disseminação de estigmas. Os resultados demonstram que a espetacularização das vidas privadas em redes sociais, especialmente nas *lives*, é interpretada como uma manifestação de poder que transforma eventos privados em performances públicas, caracterizando identidades e comportamentos de acordo com as expectativas sociais. A pesquisa é dividida em quatro partes: a primeira, “Do estado da arte à metodologia de pesquisa”, revisa estudos sobre a relação entre o feminino e as drogas, justificando a relevância da tese e apresentando sua metodologia; a segunda, “Imbricamentos históricos: entre o feminino e as drogas”, analisa como a mídia, especialmente o *Facebook*, constrói narrativas sobre mulheres usuárias de drogas; a terceira, “Práticas de si: uma análise das subjetividades em jogo”, investiga as práticas discursivas e as relações de poder envolvidas; e a quarta, “Acontecimento discursivo: uma análise sobre a espetacularização da vida”, explora a espetacularização da vida do outro e seu impacto na memória coletiva. Dessa forma, a pesquisa integra o debate sobre gênero, mídia e poder, além de oferecer um olhar crítico sobre as práticas discursivas que constroem a história e a memória das mulheres no contexto do uso de drogas.

Palavras-chave: Práticas discursivas; Espetacularização; Feminino; Drogas.

ABSTRACT

This study problematizes the discursive practices that associate femininity with drugs, highlighting how social media, particularly Facebook, acts in the production and circulation of meanings that shape public perceptions. In the central thesis, we start from the hypothesis that in the history of the present, the stigmatization of women who use drugs is spectacularized and constituted from discourses inscribed in gender norms, social stereotypes and power relations. That said, we intend to discuss the following research questions: how are discourses about femininity and drugs produced and reproduced in the Facebook media? How do these discourses shape the public perception of women and drug use? How do discursive practices contribute to the history construction of the present of women who use and abuse psychoactive substances? To discuss them, this research has the general objective of problematizing the discursive practices between femininity and drugs, focusing on the production and reproduction of meanings through the social media Facebook. The specific objectives include: 1. Discussing how and which linguistic marks of subjectivity appear in the statements; 2. Understanding how discourses construct “truths” about women; 3. Problematizing these supposed truths in relation to power and knowledge; and, 4. Investigating discursive practices and their influence on history and memory. Our base is on the discursive-deconstructive proposal (Coracini, 2007; Foucault, 2007; Derrida, 1995; Lacan, 1985b) and the archeogenealogical perspective developed in Foucault’s research (1979; 2007). Our corpus are transcriptions of two videos broadcast live on the Facebook page “Pai resgatando vidas”. The name refers to an institution that shelters people (often homeless) on drug use/abuse while also monitoring them with cameras. The reproduction of practices that associate femininity with drugs is intensified by sharing and liking mechanisms, which prioritize content that evokes emotional reactions and creates filter bubbles, reinforcing preexisting beliefs and increasing the spread of stigmas. The results demonstrate that the spectacularization of private lives on social media, especially in live broadcasts, is interpreted as a manifestation of power that transforms private events into public performances, characterizing identities and behaviors according to social expectations. The research is divided into four parts: the first, “From the state of the art to research methodology”, reviews studies on the relation between femininity and drugs, justifying the dissertation’s relevance and presenting its methodology; the second, “Historical intertwining: between femininity and drugs”, analyzes how the media, especially Facebook, constructs narratives about female drug users; the third, “Practices of the self: an analysis of the subjectivities at stake”, investigates the discursive practices and power relations involved; and the fourth, “Discursive event: an analysis of life spectacularization”, explores the life spectacularization of others and its impact on collective memory. Therefore, the research integrates the debate on gender, media and power, in addition to offering a critical look at the discursive practices that construct the history and memory of women in the drug use context.

Keywords: Discursive practices; Spectacularization; Feminine; Drugs.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS	08
--	----

PARTE I

DO ESTADO DA ARTE À METODOLOGIA DE PESQUISA	18
--	----

1. 1 Estado da arte: em que consiste?	18
---	----

1. 2 Como olhamos o objeto de pesquisa: memória e arquivo	30
---	----

1. 3 Sujeitos e múltiplos espaços discursivos	36
---	----

1.4 Metodologia: arqueologia e genealogia	38
---	----

PARTE II

IMBRICAMENTOS HISTÓRICOS: ENTRE O FEMININO E AS DROGAS	41
---	----

2.1 Feminino, discurso e poder no contexto do uso de drogas	41
---	----

2.2 A construção social da mídia	46
--	----

2.3 Pela mídia, a história do presente	49
--	----

2.4 Transcrição do <i>corpus</i> de pesquisa	52
--	----

PARTE III

PRÁTICAS DE SI: UMA ANÁLISE DAS SUBJETIVIDADES EM JOGO	56
---	----

3.1 O enunciado “pai”	59
-----------------------------	----

3.2 O diabo e o animal	62
------------------------------	----

3.3 Relações de poder e o poder sobre a vida	66
--	----

3.4 “Eu vou sair pela porta da frente”	70
--	----

3.5 Subjetividades enunciativas	73
---------------------------------------	----

PARTE IV

ACONTECIMENTO DISCURSIVO: UMA ANÁLISE SOBRE A ESPETACULARIZAÇÃO DA VIDA	76
--	----

4.1 A prisão do pai: um acontecimento discursivo	77
--	----

4.2 Discurso, poder e espetacularização	80
---	----

4.3 A espetacularização da moralidade e da identidade	87
---	----

CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
REFERÊNCIAS	99
ANEXO A: MEMORIAL DESCRITIVO: TRAÇOS DA PESQUISA-DOR-A	104
ANEXO B: Transcrição da fala dos sujeitos que compõem os vídeos	109

CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

O puritanismo, que coloca o problema das drogas — um puritanismo que implica que se deve estar contra ou a favor — é uma atitude equivocada. As drogas já fazem parte de nossa cultura. Da mesma forma que há boa música e má música, há boas e más drogas. E, então, da mesma forma que não podemos dizer somos “contra” a música, não podemos dizer que somos “contra” as drogas. (Foucault, 2004a)

A citação acima destaca uma abordagem sobre o uso de drogas e sua relação com a cultura e o controle social. Michel Foucault (2004a) reconhece que as drogas são uma parte intrínseca da cultura humana, e não podem ser dissociadas dela. Isso sugere uma visão de que o uso de drogas não é um fenômeno externo ou marginal, mas sim um aspecto fundamental das práticas culturais e sociais. Ao comparar drogas com música, Foucault (2004a) destaca a diversidade e a subjetividade envolvidas em ambas as esferas. Assim como existem diferentes gêneros e qualidades de música (boa e má música), existem diferentes tipos de drogas, cada uma com seus efeitos e contextos específicos. Essa analogia indica que não podemos fazer generalizações simplistas sobre drogas, assim como não podemos fazer generalizações sobre música. Argumenta-se também contra uma abordagem binária em relação às drogas, na qual as pessoas são categorizadas como sendo a favor ou contra o seu uso. Contudo, acrescentamos que ainda há drásticas diferenças entre os dois, ao passo que uma é prejudicial à saúde e a outra não.

Segundo Foucault (2004a), não seria necessário simplesmente estar "contra" as drogas, assim como não seria necessário estar "contra" a música. Essa posição parte de uma perspectiva mais complexa e nuanceada em relação ao uso de drogas, que reconhece a multiplicidade de significados e experiências associadas a elas. Foucault (2004) desafia noções simplistas sobre drogas e destaca a importância de considerar sua relação com a cultura, a subjetividade e o controle social de maneira mais ampla e complexa. Com Foucault (2004a), destacamos a necessidade de questionar as estruturas de poder e os discursos dominantes que moldam nossas percepções e práticas em relação a diversos aspectos da vida social e individual.

Ao considerar a complexidade das experiências das mulheres que consomem drogas e a multiplicidade de discursos que as cercam, o objetivo geral desta pesquisa é problematizar as práticas discursivas entre o feminino e as drogas, concentrando-se na produção e circulação de sentidos através da mídia social *Facebook*. A tese central é que, na história do presente, a estigmatização das mulheres que usam drogas é espetacularizada e constituída a partir de discursos inscritos em normas de gênero, estereótipos sociais e relações de poder. Além disso, argumentamos que esses discursos não são estáticos, mas sim dinâmicos e contestados, oferecendo espaço para resistência e subversão. Também, entendemos que as narrativas pessoais das mulheres oferecem problematizações sobre suas experiências, percepções e necessidades, e que essas narrativas têm o potencial de desafiar e subverter as práticas discursivas hegemônicas sobre o feminino e o consumo de drogas.

Dessa forma, questionamos: como os discursos sobre o feminino e as drogas são produzidos e circulados na mídia *Facebook*? De que maneira esses discursos moldam a percepção pública sobre mulheres e consumo de drogas? Como as relações discursivas entre o "feminino" e as drogas contribuem para a construção de verdades sobre as mulheres na sociedade contemporânea? Na tentativa de discutir as questões, os objetivos específicos incluem: 1. Discutir como e quais marcas linguísticas de subjetividade aparecem nos dizeres; 2. Compreender como os discursos constroem verdades sobre as mulheres; 3. Problematizar essas supostas verdades em relação ao poder e saber; e 4. Investigar as práticas discursivas e sua influência na história e memória.

A questão do uso de drogas não se constitui apenas como um problema, integra a cultura humana há anos como diversão, consolo, intensificação do convívio social, transcendência religiosa e estímulo. Porém, passou a ser perseguida no âmbito da ilegalidade e da criminalidade e vinculada ao adoecimento psíquico. O álcool, por exemplo, é alvo da lei seca, mas é tolerado nas sociedades ocidentais. Existem diferentes grupos de substâncias psicoativas, que podem ser separados de acordo com as reações que provocam em quem as utilizam, como depressão, estimulação ou perturbação. As drogas lícitas têm a comercialização legalizada e as ilícitas são proibidas de serem produzidas, comercializadas e consumidas (Marques, 2015). As drogas consideradas ilegais são, geralmente, fabricadas a partir da extração de plantas

como a cocaína, a maconha e a heroína e da sua transformação em drogas sintéticas utilizadas como tecnologias médicas e, fora do mercado oficial, criadas em laboratórios clandestinos, comercializadas como drogas recreativas (Galeas; Espinoza, 2020).

O fenômeno da descrição farmacológica medeia a tradução das tecnologias médicas em tecnologias da vida por meio das políticas de administração da vida. Galeas e Espinoza (2020) sugerem que as drogas sintéticas se tornaram tecnologias do corpo, uma vez que os usuários (re)produzem ficções corporais e (re)politizam suas experiências a partir de plataformas semiótico-materiais. Além de contribuir para transformar a economia, a legislação e a geopolítica, as drogas se tornaram tecnologias do corpo que produzem subjetividades. Além disso, elas constituem o corpo do discurso como um *pharmakon* (Derrida, 2005) em toda a sua ambivalência. No significativo drogas, há uma multiplicidade de substâncias.

De acordo com Lemke (2017), separam-se o humano do monstruoso, o medicamento como positividade e as drogas ilícitas como negatividade. A palavra droga foi convergida, forjada, por acontecimentos científicos e culturais, para ter uma conotação patológica. Os fármacos constituem tecnologias e formas de governo que convertem objetos de conhecimento e experiências do corpo em problemas: moral, político ou jurídico (Lemke, 2017). As drogas (incluindo os medicamentos) são tecnologias amplas e políticas que apontam para o controle do corpo e o governo da alma.

Define-se o consumo de drogas como uso (autoadministração de substâncias psicoativas), abuso (uso qualitativo ou quantitativamente danoso à saúde) ou dependência (quando a droga tem papel central e se torna indispensável ao funcionamento psíquico). A dependência química é um sintoma tridimensional que envolve a substância psicoativa, o indivíduo e o contexto, o *locus* sociocultural no qual o sujeito está inserido (Marques, 2015). O uso abusivo é tão intenso quanto a dependência, ambos apresentam problemas quanto ao consumo. Por não termos acesso ao diagnóstico de cada participante desta pesquisa, entendemos, com base nos estudos expostos, que entre eles há o uso abusivo e a dependência.

Existem diversas práticas de consumo de drogas, que envolvem bebida alcoólica, drogas ilícitas, medicamentos em vários contextos de uso como festa,

estudo, trabalho e estética. Esses aspectos podem modificar os efeitos subjetivos e objetivos do consumo. Como Moraes (2011), concordamos que as drogas integram as práticas humanas e nem todo uso de drogas é problemático. A partir dessa visão, buscamos respeitar as diferentes formas de ser e estar no mundo, orientados pela perspectiva da Redução de Danos, pela qual consideramos a impossibilidade de uma sociedade completamente sem drogas, também entendemos que a guerra às drogas é uma violência que fere o direito à liberdade da mente e do corpo.

A guerra às drogas tem sido um dos principais motores de políticas públicas repressivas e de controle social em diversos países, especialmente na América Latina. No Brasil, essa política se articula de maneira particularmente intensa com o conceito de necropolítica, delineado por Mbembe (2016), como o poder de decidir sobre a vida e a morte. A necropolítica é evidente na forma como o Estado brasileiro gerencia a vida das populações marginalizadas, muitas vezes, por meio de práticas de violência estatal e exclusão social. Conforme apontado por Batista (2003), a guerra às drogas é uma política necropolítica que legitima a morte de jovens negros e pobres nas periferias urbanas, com o objetivo, teoricamente, de combater ao tráfico de drogas. Esse discurso de guerra constrói o inimigo como um "outro" perigoso, muitas vezes racializado, que deve ser eliminado para a manutenção da ordem pública.

Por uma perspectiva diferente da guerra às drogas, que visa controlar o uso de drogas por meio de políticas da morte, a Redução de Danos pratica estratégias de cuidado e autocuidado que visam minimizar os danos causados pelo uso de drogas e diminuir a vulnerabilidade causada por exposições a situações de risco. A proposta tenta conhecer para intervir e, ao mesmo tempo, intervir para conhecer e construir práticas de cuidado. A resposta à pergunta "o que buscamos ao articular o feminino e as drogas?" não é simples, nem é concreta. É um debate que requer uma escavação pela história, debate teórico e empírico.

Nesse processo, a escrita/leitura desta tese também reflete um posicionamento subjetivo. Toda pesquisa carrega a marca de seu autor, uma subjetividade expressa no "Memorial descritivo: traços da pesquisa-dor-a", onde escrevo/leio em primeira pessoa do singular para expressar meus pensamentos e experiências; no desenvolvimento da pesquisa, escrevemos/lemos no plural

também para marcar nossas subjetividades: eu enquanto Outro¹, que sempre está presente em meus dizeres; e você, leitor, que também constrói os sentidos desta pesquisa enquanto a lê.

A postura crítica dos intelectuais não é definida por uma avaliação feita de uma posição supostamente distante ou externa, como alguém que, de fora, denuncia erros, problemas e injustiças, apontando soluções ou direções a seguir, como se fosse uma voz de consciência e eloquência universal. Pelo contrário, Foucault (1979) situa o papel do intelectual dentro da esfera política, onde ele é influenciado e moldado pelas dinâmicas de poder e conhecimento. No entanto, isso não implica que desapareça a distinção entre filósofo, cientista e senso comum. Foucault (1979) articula sua compreensão do papel social do intelectual em três aspectos específicos: sua posição de classe (como pequeno burguês a serviço do capitalismo ou intelectual orgânico do proletariado), suas condições de vida e trabalho (incluindo seu campo de pesquisa, seu ambiente de trabalho e as pressões políticas que enfrenta ou contra as quais se rebela na universidade, no hospital, etc.), e a dinâmica da "política da verdade" nas sociedades contemporâneas.

Portanto, entendemos que a crítica em Foucault é principalmente uma autocrítica, não se limitando apenas a criticar o que está fora do próprio intelectual. Essa crítica é considerada uma virtude moral do trabalhador intelectual. Assim, as análises de Foucault (1979) apontam para o compromisso ético-político do indivíduo que se preocupa consigo mesmo, uma noção que ele desenvolverá mais tarde como "cuidado de si". Em outras palavras, as práticas desse intelectual, incluindo sua participação em lutas sociais e resistências políticas, tanto em seu ambiente de trabalho quanto contra os grandes "regimes de verdade" hegemônicos na sociedade contemporânea, refletem suas escolhas ético-políticas e científicas. A noção foucaultiana de intelectual está intrinsecamente ligada, em certos aspectos e com variações, ao "instrumental

¹ De acordo com Lacan (1985b), o Outro (com "O" maiúsculo) representa a alteridade fundamental, ou seja, aquilo que está além do sujeito e que constitui sua identidade por meio da linguagem, do desejo e das relações sociais. O Outro é o lugar do discurso, da lei e do inconsciente, sendo fundamental para a constituição do sujeito, pois é através dele que nos reconhecemos e nos situamos no mundo. Ao comentário de Lacan (1985b), acrescentamos que a escrita não é apenas uma expressão pessoal, mas está inserida em um campo simbólico mais amplo, construído historicamente e compartilhado socialmente.

analítico" da crítica genealógica: a problematização dos saberes, das práticas de poder, dos regimes de verdade e das práticas de subjetivação.

Podemos afirmar que, segundo Foucault (1979), talvez exaltando a postura intelectual de Nietzsche como crítico, o papel do intelectual não se resume a comunicar a "verdade" às pessoas ou dizer a elas o que devem fazer ou pensar. Podemos também sugerir que, ao se dirigir aos outros por meio da fala ou da escrita, o intelectual deve demonstrar como é capaz de questionar suas próprias convicções, examinar seus próprios hábitos e como é capaz de reavaliá-los. Dessa forma, pode se apresentar como alguém capaz de "cuidar de si" e indicar aos outros a possibilidade de fazer o mesmo, embora sem prescrever como devem agir ou quais aspectos de suas vidas devem ser re-problematizados (Foucault, 2006). Nesse contexto, o intelectual se apresenta como alguém preocupado com o seu próprio desenvolvimento, e não com o dos outros. No entanto, isso não implica que a única forma de resistência ao poder político seja por meio da relação consigo mesmo. Afinal, como Foucault (2006) observa, quanto mais liberdade as pessoas têm em relação umas às outras, maior é o desejo de cada uma de influenciar o comportamento das outras. Quanto mais aberto é o jogo, mais ele se torna atrativo e fascinante (Foucault, 2006).

Dito isso, ao examinar nossos hábitos de escrita, notamos nossas tentativas rizomáticas, o desejo de expandir o olhar sobre o texto acadêmico. Porém, notamos também que falhamos, mesmo que ainda assim tenhamos cruzado análise e teoria, nossos hábitos positivistas possibilitaram uma escrita que separava os capítulos em teorias e análises em pesquisas anteriores. Dessa vez, arriscamo-nos um pouco mais em distinguir os capítulos desta tese em partes temáticas.

A primeira parte, "Do estado da arte à metodologia de pesquisa", consiste na pesquisa bibliográfica realizada com o objetivo de investigar quais estudos foram desenvolvidos acerca da relação entre o feminino e as drogas. A partir da exposição das pesquisas, destacamos a importância desta tese e quais podem ser suas contribuições para o campo de estudo dos discursos sobre o uso de drogas, além de explicitar sua metodologia. Ou seja, as técnicas, procedimentos e estratégias que conduzem a pesquisa, da construção do *corpus* à sua interpretação e análise.

A segunda parte, “Imbricamentos históricos: entre o feminino e as drogas”, diz respeito à discussão sobre a relação das mulheres com o consumo de drogas, além de enfatizar como as histórias do presente são construídas pela mídia e redes sociais, com especial foco no *Facebook*. A terceira parte, “Práticas de si: uma análise das subjetividades em jogo” traz um olhar sobre as práticas discursivas a partir da construção das relações de poder. A quarta parte, “Acontecimento discursivo: uma análise sobre a espetacularização da vida”, investiga essas práticas e a sua influência na memória a partir da espetacularização da vida do outro. Ainda que esteja anexo, é importante destacar que a descrição do percurso acadêmico e pessoal da pesquisadora que desenvolveu este trabalho é exposta no Anexo A “Memorial descritivo: traços da pesquisa-dor-a”. Por fim, tencionamos construir histórias do presente sobre as intersecções discursivas entre o que é considerado feminino e as drogas. Passemos agora à primeira parte do trabalho, a investigação sobre os estudos desenvolvidos acerca da relação entre o feminino e as drogas.

PARTE I

DO ESTADO DA ARTE À METODOLOGIA DE PESQUISA

Nesta parte inicial, expomos e discutimos o que é o estado da arte e lançamos um olhar sobre o objeto de pesquisa a partir das noções de memória, arquivo e sujeito. Tencionamos

1.1 Estado da arte: em que consiste?

O estado da arte não é apenas um mapeamento neutro das produções acadêmicas sobre determinado tema, é uma construção discursiva que organiza e hierarquiza sentidos, produzindo efeitos de verdade dentro de um campo do saber. Como aponta Foucault (2012, p. 08), "o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por meio do qual e pelo qual se luta". Assim, na elaboração do estado da arte, revisamos a literatura existente e participamos da disputa por significações, selecionando, interpretando e relacionando produções que legitimam ou tensionam determinadas posições discursivas. Nesse sentido, a pesquisadora se posiciona frente às vozes que a antecede, estabelece relações intertextuais e constrói um percurso argumentativo que justifica sua investigação.

Neste momento inicial, cabe destacar as pesquisas já existentes sobre nosso tema de estudo, uma vez que elas podem ser pontos de partida para pensarmos a relação entre nós mulheres e as drogas. Nessa cena discursiva, realizamos uma busca na plataforma *online* BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações), com a expressão "discurso mulheres drogas". Como resultado, foram encontradas noventa e quatro pesquisas sobre diferentes assuntos, a maioria sobre mulheres encarceradas por tráfico de drogas e violência contra mulher.

Entre as noventa e quatro teses e dissertações, selecionamos onze que abordam o assunto mulheres e uso abuso de drogas, algumas a partir de uma visão discursiva, três teses e oito dissertações. Primeiramente, descrevemos as teses e, em seguida, as dissertações, ambas de acordo com a data de publicação, em ordem crescente.

Clarissa Mendonça Corradi-Webster desenvolveu, em 2009, a tese "Consumo problemático de bebidas alcoólicas por mulheres: discursos e

histórias” pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, na área de Psicologia. O objetivo de Corradi-Webster (2009) foi fazer uma aproximação do discurso construcionista social para o campo de estudos do consumo de bebidas alcoólicas por mulheres. Para tanto, o estudo parte do discurso construcionista social, pelo qual considera-se a construção de sentidos por meio da linguagem no contexto histórico e cultural. Utilizou-se do método qualitativo descritivo, entendendo a linguagem como construtora da realidade. Foram realizadas entrevistas de história de vida (e anotações em caderno de campo) com duas mulheres, com síndrome de dependência de álcool, atendidas no serviço ambulatorial para tratamento de farmacodependências.

A análise proposta por Corradi-Webster (2009) discutiu alguns discursos que constroem sentidos sobre o consumo de bebidas alcoólicas por mulheres: epidemiológico, biomédico, sociológico e psicológico. Enquanto uma entrevistada demonstrou impotência frente ao consumo de álcool, a outra demonstrou não ter problemas em relação ao consumo de bebidas, ao contrário do que diz seus filhos. Ela nos convida a olhar as descrições utilizadas na área de álcool e drogas como discursos a fim de desnaturalizá-las. Convida a problematizar as “verdades” desse campo e desconstruí-las, compreendendo que o mesmo discurso pode ter efeitos diferentes sobre os sujeitos. A autora considera que os discursos não representam a realidade, eles produzem a realidade, sendo que alguns dos efeitos do discurso dos papéis sociais de gênero são a autoimagem negativa, a autocrítica elevada, a percepção de fraqueza e sentimentos de inadequação.

Concordamos com Corradi-Webster (2009) quando afirma que entender as verdades decorrentes do uso do discurso dos papéis sociais de gênero se torna importante para subsidiar pesquisas e construir uma relação de apoio às mulheres que se sentem oprimidas diante dos sentidos produzidos sobre o consumo de drogas. A desconstrução das “verdades” sobre mulheres e drogas, sugerida por Corradi-Webster (2009), oferece um suporte teórico fundamental para o objetivo específico da pesquisa de compreender como essas verdades se constituem em relações de poder e saber. Assim, o estudo contribui para aprofundar a análise crítica da circulação e do impacto dos discursos midiáticos na construção da história e memória das mulheres no contexto do uso de drogas.

A segunda tese foi elaborada por Katia Varela Gomes, em 2010, e se intitula “Dependência química em mulheres: figurações de um sintoma partilhado”. O trabalho se desenvolveu na USP de São Paulo, na área de Psicologia Social, com o objetivo de investigar os processos psíquicos relacionados à produção de sintomas em mulheres dependentes químicas. Como é uma pesquisa de campo, foi realizada em grupos terapêuticos no CAPSad (Centro de Atenção Psicossocial álcool e outras drogas), de São Paulo, totalizando dezesseis encontros de uma hora, um por semana. Participaram das sessões dezesseis mulheres usuárias de drogas lícitas e ilícitas. Dessa forma, o *corpus* se constituiu a partir de relatos das sessões e registros dos prontuários.

Nesse campo de investigação, realizou-se uma Análise Transicional (método de investigação dos processos psíquicos e intersubjetivos) e uma análise do discurso a partir das categorias formações intermediárias, modalidade de negatividade e complexo fraterno. Gomes (2010) conclui que o objeto-droga possui uma multiplicidade de funções que podem ser investigadas e exploradas em situações de grupo, são elas: poder tirânico e culpabilizante sobre o eu, libertação das exigências do Superego, silenciamento do turbilhão pulsional e a possibilidade de contato com o corpo. Após os seus efeitos, “o sujeito se depara com o horror frente ao desamparo originário e a um “abismo quase intransponível”” (Gomes, 2010, p. 213). A autora entende que a dependência química feminina se constrói como intolerável na feminilidade, é um sintoma partilhado, a feminilidade não se incorpora na experiência subjetiva, substituída por um objeto totalizante que nega a abertura ao mundo exterior, ao “fora-do-sexo” (Gomes, 2010, p. 213). O estudo exposto contribui para esta tese ao aprofundar a compreensão sobre os processos psíquicos e intersubjetivos que envolvem a dependência química feminina, demonstrando como a feminilidade, no contexto do uso de drogas, é construída como intolerável e deslocada para um objeto totalizante que nega a abertura ao mundo exterior. Essa perspectiva dialoga com a investigação proposta ao evidenciar como os discursos sobre o feminino e as drogas operam na produção de subjetividades e na construção de estigmas sociais.

A terceira tese que aborda o assunto em questão foi desenvolvida por Isabela Saraiva de Queiroz, em 2015, e se intitula “Norma de gênero e uso de drogas: normalização e diferença na experiência de mulheres”. A pesquisa foi

apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia, da Universidade Federal de Minas Gerais, com o objetivo de investigar o uso de drogas por mulheres no interior da norma de gênero heterossexual e seus efeitos no modo como se organiza a atenção à saúde neste campo.

Primeiramente, foi realizada uma revisão bibliográfica acerca dos estudos (de 1984 a 2013) sobre mulheres que usam drogas. Foram catalogados 142 trabalhos, entre eles, 93 artigos, 38 dissertações e 11 teses, a maioria da área da saúde. Essa revisão demonstrou que há trabalhos que utilizam a categoria gênero, porém, não como articulador teórico. Há muitos estudos quantitativos em comparação às análises de narrativas das mulheres sobre si. Depois, Queiroz (2015) discutiu sobre as contribuições dos estudos de Judith Butler e Michel Foucault para entender a constituição da norma de gênero heterossexual e os dispositivos de normalização. E, em seguida, fez-se a escuta das próprias mulheres enquanto enunciadoras das suas histórias.

Para a escuta de três mulheres que integram um serviço público de saúde mental, Queiroz (2015) desenvolveu a etnografia multissituada ou multilocal por meio da qual imergiu no cotidiano das mulheres entre abrigo, unidade de saúde, casas, ruas e escola. Pelo olhar dos especialistas da área de saúde, as mulheres são vistas por meio do dispositivo da medicalização, com uma intervenção institucional baseada na normalização biopolítica (gera a saúde e os corpos, não se preocupa com a escuta das singularidades). Por outro lado, com a escuta das singularidades, as mulheres mostraram que escapam aos dispositivos de normalização e inauguram práticas de si. Há uma recusa aos dispositivos de normalização, um modo de resistência às imposições de formas de ser, como o uso de drogas enquanto elemento mobilizador (para enfrentamento ao tédio do meio doméstico) ao invés de paralizador.

Desse modo, o uso de drogas foi significado como algo que confere movimento e sentido à vida, mesmo que contra as normativas sociais. A pesquisa evidencia a forma como a biopolítica e a medicalização estruturam o olhar institucional sobre essas mulheres. O estudo de Queiroz (2015) contribui para a pesquisa ao aprofundar a compreensão sobre como a norma de gênero e os dispositivos de normalização operam na construção dos discursos sobre mulheres que usam drogas.

Expostas as teses, passemos às dissertações sobre o tema pesquisado. Márcia Rebeca Rocha de Souza, em 2013, publicou a dissertação “Repercussões do envolvimento com drogas para a saúde de mulheres atendidas em um CAPSad de Salvador-BA”, pela Universidade Federal da Bahia, área de Enfermagem. O objetivo de Souza (2013) foi analisar as repercussões para a saúde de mulheres envolvidas com drogas atendidas no CAPSad do Centro Histórico de Salvador-BA. É uma pesquisa exploratória e descritiva de Análise de Conteúdo e que considera gênero enquanto categoria analítica com embasamento na Teoria de Gênero e Poder. A coleta de dados ocorreu entre setembro e dezembro de 2012, via entrevista semiestruturada com onze mulheres atendidas no CAPSad.

A pesquisa apresenta subsídios para a prática da enfermagem quando se trata da assistência às pessoas usuárias de álcool e outras drogas, ao passo que destaca o envolvimento de mulheres com drogas entrelaçado com suas histórias pessoais, danos físicos e psicossociais, não somente ao consumo e ao tráfico. O envolvimento de mulheres com as drogas e a sua repercussão acontece a partir de fatores individual, familiar, cultural, econômico e social. Souza (2013) aponta que algumas mulheres usuárias também apresentam como comportamento a prostituição para sustentar o seu uso ou para sustentar o seu uso e do parceiro, sendo expostas à uma dupla violência e à vulnerabilidades de saúde. Essa pesquisa pode contribuir para a compreensão das narrativas sobre mulheres usuárias de drogas, abordando como a experiência delas é permeada por estigmas sociais relacionados à sua condição de gênero e ao consumo de substâncias.

Katrucy Tenório Medeiros, em 2014, desenvolveu a pesquisa “As mulheres no fenômeno das drogas: representações sociais de usuárias de crack”, mestrado em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba. Medeiros (2014) buscou conhecer e analisar as Representações Sociais sobre o crack pelo olhar de dependentes químicas em tratamento. A pesquisa tem caráter descritivo e de campo a partir da Análise de Conteúdo, realizada em Comunidades Terapêuticas e Clínicas de Reabilitação feminina dos estados de PB e PE. Foram aplicados questionários sociodemográficos e realizadas entrevistas semiestruturadas com quarenta e cinco usuárias.

Medeiros (2014) discute que o crack é representado como devastador e desagregador, por ocasionar desordens nas famílias e abandonos ou afastamentos das consideradas funções femininas. Ser mulher usuária é visto como problema moral, um traço que constitui a desigualdade de gênero, o que reforça barreiras sociais e dificulta a procura por tratamento. A pesquisa aponta para a necessidade de atenção à rede de saúde mental, à assistência à mulher dependente química e às políticas públicas para o atendimento às especificidades femininas. Ao discutir a representação das mulheres usuárias de crack como moralmente problemáticas, o estudo pode contribuir para a análise dos discursos sobre a moralidade feminina e as barreiras sociais à procura de tratamento. Medeiros (2014) também destaca o impacto das representações sociais, o que pode ser útil para entender como esses discursos são amplificados e distorcidos em plataformas como o *Facebook*.

Mabel Dias Jansen da Silva, em 2016, com o estudo “Posições de sujeito usuário/a de substâncias psicoativas na política de redução de danos: uma análise cultural”, buscou investigar as posições de sujeito usuário/a de substâncias psicoativas e as reproduções de gênero no âmbito da Política de Redução de Danos. A pesquisa foi efetuada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na área de Educação, a partir da perspectiva dos Estudos de Gênero e Culturais com aproximações da análise cultural, sendo uma pesquisa documental. Discutiu-se a sobreposição de alguns termos como *usuário/dependente*, *uso/consumo* e *dependente*. Silva (2016) entende que há uma naturalização da relação entre SPA (substância psicoativa) e masculinidade e uma feminilidade que não se droga. O estudo buscou, então, desnaturalizar e destacar silenciamentos nas representações de feminino e masculino e que dificultam as especificidades no atendimento.

Mayk Diego Gomes da Glória Machado, em 2016, defendeu a dissertação “A questão do gênero, uso de drogas e violência” pela Universidade Federal de Goiás, na área de Psicologia. Com os Estudos de Gênero, Psicologia Feminista e estudos interdisciplinares sobre vivência de rua e saúde, o objetivo da pesquisa é compreender quais os sentidos atribuídos por mulheres usuárias de drogas, que se encontram ou passaram pelas ruas, às suas experiências neste contexto. Foram realizadas entrevistas e mapas dialógicos para categorizar o material

discursivo em quatro grupos: situação de rua; dinâmica do uso de drogas, violências sofridas; ser mulher em situação de rua.

Pela perspectiva de gênero, Machado (2016) notou que violências físicas, psicológicas e sexuais podem potencializar o uso de drogas por mulheres. Por conseguinte, entendemos que esse tipo de ponderação em pesquisas pode contribuir para planejamentos e intervenções em políticas públicas para as mulheres em situação de rua. Na contemporaneidade, as drogas contemplam o lugar de marginalidade aos usuários de acordo com a lógica proibicionista e a construção social dos discursos. A pesquisa pode enriquecer a compreensão de como o uso de drogas é muitas vezes uma resposta a contextos de violência e marginalização, temas que frequentemente aparecem nas narrativas de mídia sobre mulheres em situação de rua e abuso de substâncias.

Luisa de Marilak de Sousa Terto, em 2019, defendeu o estudo “Corpos femininos e o uso de crack: experiência, modos de subjetivação e agenciamentos” pela Universidade Católica de Pernambuco, na área de Psicologia Clínica. A pesquisa objetivou compreender a experiência de vida de mulheres usuárias de crack na contemporaneidade. O estudo é de perspectiva discursiva de inspiração foucaultiana, como explica a autora, que parte de sete entrevistas narrativas realizadas, por meio do método História de Vida, com mulheres entre 28 e 37 anos de idade e que vivem em Pernambuco. De forma complementar às entrevistas, também foi elaborado um diário de campo.

Terto (2019) entende que a categoria analítica do gênero é fundamental para compreender os processos orgânicos, fisiológicos e dos discursos e saberes que constituem as histórias. O discurso mítico sobre ser mãe produz a realidade de perda dos filhos quando se usa crack, o mesmo discurso e a tentativa de entrar nessa ordem discursiva produz o discurso da esperança de conseguir estar com os filhos. As análises mostraram que o discurso sobre “o ser mulher” produz modos de se relacionar e de ser a partir do processo de subjetivação agenciado por estratégias políticas, assim como normativas e culturais. Para além do agenciamento, no seu processo de subjetivação, o sujeito produz modos de subversão e resistência ao “poder disciplinador do discurso sobre a mulher que usa drogas” (Terto, 2019, p. 09).

Aline da Silva (2019) pesquisou no mestrado, em 2019, com os estudos sobre o consumo de drogas por mulheres, intitulado: “Estudo discursivo sobre a

(in)exclusão de mulheres com dependência química”, pelo PPGLETRAS/Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. O objetivo foi compreender a constituição dos processos de (in)exclusão, hospitalidade e (a)normalidade nos dizeres das mulheres com dependência química. Para tanto, fundamentou-se na perspectiva discursivo-desconstrutiva (Coracini, 2007; 2020) e na arqueogenealogia. Os procedimentos adotados foram visitas ao Centro de Atenção Psicossocial álcool e drogas (CAPS ad), de Três Lagoas (MS) e a coleta do *corpus* ocorreu por meio de entrevistas narrativas e textos escritos pelas mulheres atendidas na instituição.

A análise de Silva (2019) possibilitou entender que a família, amigos, empresa e Deus se constituem enquanto guias que ditam verdades e constroem efeito de verdade sobre as mulheres dependentes químicas a partir de uma aparente inclusão. Dessa forma, por meio do cuidado de si, a vontade de verdade exclui e constrói efeitos de poder sobre o corpo, constrói traços de si por intermédio do olhar do outro. Para que aconteça o processo de normalização, o silêncio age como interdição no discurso e a correção age como disciplinarização do corpo. Por fim, foi discutido e sistematizado os discursos que perpassavam os dizeres das mulheres: discurso institucional, discurso bíblico cristão, discurso do perigo, discurso da solidariedade institucional, discurso capitalista, discurso da solidão e o discurso da mudança.

Erika Ravena Batista Gomes (2020) desenvolveu a dissertação “Cotações femininas: gênero e percepções de mulheres dependentes químicas sobre drogas”, pela Universidade de Fortaleza, mestrado em Saúde Coletiva. O objetivo de Gomes (2020) foi compreender a relação entre questões de gênero e dependência química por meio da percepção de mulheres que buscaram acompanhamento em saúde por adicção. Por se tratar de Análise de Conteúdo, considerou-se as teorias de gênero e os estudos sobre dependência química. É uma pesquisa de campo descritiva, com coleta de dados via oito entrevistas semiestruturadas realizadas pelo *whatsapp messenger*. As entrevistas foram realizadas com mulheres dependentes de substâncias psicoativas lícitas e ilícitas que buscaram tratamento.

A análise de Gomes (2020) demonstra que há mais pressão familiar em relação às mulheres para que sessem o uso de drogas, além de cobrança que não é acompanhada de apoio. Nessa relação mulher-droga, reservam-se

determinados estigmas como prostituição, vergonha e imoralidade, reservam-se também vulnerabilidades como violências e morte. Notou-se que esses padrões reverberam exclusões, sofrimentos e adoecimentos. À nossa pesquisa, esse estudo contribui com uma perspectiva sobre as representações de mulheres e especialmente como são rotuladas e estigmatizadas por estereótipos de gênero e uso de drogas.

A pesquisadora Ana Luísa Rocha Martins Naslausky, em 2021, disponibilizou a dissertação “Entre flores, espinhos e cruz: etnografia de uma comunidade terapêutica feminina em Imperatriz/MA”. Essa pesquisa foi desenvolvida na Universidade Federal do Maranhão, na área de Sociologia, trata-se de um estudo de campo realizado, entre 2019 e 2021, na Comunidade Terapêutica (CT) Renascer Feminino (Imperatriz/MA), administrada por uma igreja evangélica. Naslausky (2021) utilizou o método etnográfico com seis entrevistas semiestruturadas (com cinco acolhidas e uma representante da equipe dirigente da comunidade), conversas e observação participante.

Os aprendizados adquiridos em uma CT visam remodelar identidades ditas deterioradas de usuárias problemáticas para compor uma identidade socialmente aceita. O processo de recuperação se torna bem sucedido quando há adesão às orientações institucionais. Para que haja recuperação da dependência química, seria preciso alcançar o ideal de mulher cristã pregado pela instituição e, ao mesmo tempo, para que se torne mulher cristã é preciso se afastar do vício. A autora discute como a recuperação e o sucesso social estão atrelados à mudança de comportamento e à conformidade com um ideal de feminilidade e moralidade. Esse estudo é relevante para a análise da espetacularização das vidas das mulheres em mídias sociais, pois auxilia na compreensão de como a recuperação e a reabilitação se tornam performances públicas.

Uma vez expostas as pesquisas sobre o envolvimento das mulheres com as drogas, é possível observar que não há pesquisas desse âmbito na área de Estudos Linguísticos de perspectiva discursiva, com exceção da pesquisa que desenvolvi no mestrado: Silva (2019). O que há são estudos da área de Psicologia Social e Clínica, Enfermagem, Saúde Coletiva, Educação e Sociologia, transicionando entre Discurso Construcionista Social, Análise do Discurso, Etnografia multissituada ou multilocal, Análise de Conteúdo, Teoria de

Gênero e Poder, Estudos de Gênero e Psicologia Feminista. No entanto, mesmo que de outras áreas, são estudos que contribuem para refletirmos como se constroem as relações das mulheres com as drogas.

Posterior à qualificação deste trabalho, foi necessário, então, realizar outra pesquisa no BDTD a fim de reatualizar nossa compreensão sobre a relação discursiva entre mulheres e drogas. Destacamos quatro trabalhos, três dissertações e uma tese, que serão apresentados a seguir. Rogério Lessa Horta, em 2007, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, publicou os resultados da sua pesquisa de doutorado “Mulheres e Drogas: O que a família tem com isso? Argumentos do Discurso Contemporâneo”. O trabalho visa ampliar a perspectiva do fenômeno do uso de drogas a partir de um recorte de gênero, destacando a relação entre mulheres e substâncias psicoativas. O pesquisador realizou análise argumentativa de documentos selecionados de alguns veículos de comunicação impressa como Veja, Zero Hora, Diário Gaúcho e Correio do Povo.

Foi possível constatar algumas estereotipias, algumas recorrências, entre elas, a distinção de sexo nas categorias profissionais, a menção exclusiva de casamentos heterossexuais e a sugestão de medidas terapêuticas limitadas a hospitalização e orientação médica para interromper o uso de substâncias. Além disso, o autor notou a importância do silêncio enquanto ausência de discussão sobre as questões políticas, econômicas, sociais e históricas relacionadas às substâncias psicoativas. A proximidade entre esses silêncios e estereotipias leva a um padrão repetitivo de atribuir os problemas com drogas aos indivíduos ou às famílias, o que sustenta discretamente o estado e os mercados vigentes, mantendo o tecido social vulnerável às substâncias psicoativas. O estudo recomenda desenvolver uma nova pedagogia para as famílias, envolvendo a colaboração entre a população e profissionais da mídia, saúde, educação e ciências sociais, para criar espaços de diálogo com menos silêncios. A principal contribuição da pesquisa de Horta (2007) à este trabalho foi instigar ao questionamento político, econômico, social e histórico sobre as substâncias psicoativas.

Em 2014, Cibele Maria Duarte de Aguiar publicou a dissertação “Vivências sexuais de mulheres jovens usuárias de crack” pelo departamento de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco. Pesquisa que teve como objetivo

analisar as vivências sexuais de mulheres jovens usuárias de crack e as repercussões dessas práticas para cada uma. Por meio da Análise Crítica do Discurso, a autora analisou as relações de poder nos discursos a partir da observação participante e entrevista semiestruturada com três mulheres entre 18 e 29 anos atendidas em serviço de tratamento intensivo para usuários de álcool e outras drogas em Recife. Aguiar (2014) observou a dificuldade de acesso à saúde educação, lazer e habitação enfrentada por jovens em bairros marcados pela violência e tráfico. Nesse contexto, elas começaram a usar crack e, muitas vezes, utilizam seus corpos para obter a droga, enfrentando riscos à sexualidade e violência física. Por vergonha de sua sexualidade e do uso de crack, raramente buscam ajuda nas unidades de saúde, ficando desassistidas. Embora tenham planos positivos para o futuro após saírem da instituição, faltam projetos profissionais.

O estudo de Aguiar (2014) sugere uma abordagem psicossocial para descobrir atividades que contribuam para a independência financeira, sendo crucial para quebrar o ciclo de uso de drogas, sendo um ponto importante a ser trabalhado no tratamento. A pesquisa também destacou a importância de repensar práticas institucionais em relação às iniquidades de gênero e questões de sexualidade, sugerindo a necessidade de capacitações adequadas que abordem essas questões de forma interseccional. Apesar das semelhanças, as jovens apresentam diferenças que podem influenciar suas perspectivas futuras. O estudo de Aguiar (2014) se apresenta como uma fonte de discussões sobre o corpo feminino e as drogas, uma vez que mais adiante, nesta pesquisa, entenderemos que as vivências sexuais de mulheres usuárias também se expressam na busca por tratamento, não apenas na busca pelas substâncias psicoativas.

Erika Ravena Batista Gomes, em 2020, desenvolveu a pesquisa de mestrado “Contações femininas: gênero e percepções de mulheres dependentes químicas sobre drogas”, pela Universidade de Fortaleza, com o objetivo de compreender a relação entre questões de gênero e dependência química partindo da percepção de mulheres que buscaram acompanhamento em saúde por adicção. É uma pesquisa descritiva desenvolvida pela perspectiva da Análise de Conteúdo de Bardin, das teorias de gênero e dos estudos sobre dependência química. Gomes (2020) analisou entrevistas semiestruturadas realizadas por

whatsapp messenger com oito mulheres dependentes de substâncias psicoativas lícitas e ilícitas que estavam em tratamento no Centro de Atenção Psicossocial álcool e drogas (CAPS ad) de Picos-PI.

Os resultados da pesquisa são apresentados em três categorias: Percepção de si; Percepção da droga; e Percepção da sociedade, discutindo as compreensões das mulheres sobre esses aspectos. Gomes (2020) observou que as questões de gênero influenciam fortemente as percepções femininas sobre si mesmas, os papéis de mulher na dependência química e como a sociedade valida seus comportamentos. Mulheres adictas enfrentam mais pressões familiares para abandonar o uso, geralmente sem o apoio necessário, e sentem-se mais julgadas e estigmatizadas do que os homens. Elas reconhecem riscos específicos devido ao gênero, singularizando a relação entre mulheres e drogas. Os estigmas associados às mulheres adictas somados às vulnerabilidades inerentes ao gênero feminino e à dominação masculina, aumentam os riscos de violência e morte. A análise preocupa-se com o quanto as expectativas sociais ainda determinam as vidas das mulheres e perpetuam exclusões, condenando muitas ao sofrimento e adoecimento. A principal contribuição da pesquisa em questão, para o nosso trabalho, é o estudo sobre a interseccionalidade, um olhar estratégico em relação ao *corpus*.

Mayk Diego Gomes da Glória Machado, em 2016, publicou a dissertação “Mulheres no contexto da rua: A questão do gênero, uso de drogas e a violência” com o objetivo de compreender quais os sentidos atribuídos por mulheres usuárias de drogas, que se encontram ou passaram pelas ruas, às suas experiências neste contexto. Estudo desenvolvido por meio da Psicologia Feminista, Estudos de Gênero e estudos interdisciplinares sobre vivência de rua e saúde. Foram realizadas entrevistas com os sujeitos de pesquisa e mapas dialógicos que possibilitaram a categorização do material discursivo em quatro blocos: situação de rua; dinâmica do uso de drogas, violências sofridas; ser mulher em situação de rua.

Machado (2016) concluiu que a perspectiva de gênero é extremamente útil para entender as experiências de mulheres em situação de rua, revelando as violências psicológicas, físicas e sexuais que enfrentam ao longo da vida. Essas experiências parecem aumentar o uso de drogas como uma forma de aliviar as angústias causadas pelas desigualdades de gênero. Esses dados são valiosos

para o planejamento e a intervenção em políticas públicas voltadas para a população de rua. É essencial realizar novas pesquisas para analisar criticamente a eficácia dessas políticas, especialmente em relação às mulheres nesse contexto. A pesquisa contribui para a compreensão aprofundada sobre as vivências das mulheres nas ruas e como algumas constroem sua relação com as drogas.

Desse modo, como Corradi-Webster (2009), convido-a (o), para a leitura deste texto, a olhar o mundo a partir da construção de discursos que, por vezes, podem ser (des)naturalizados e problematizados, bem como as verdades que atravessam esses discursos e têm diferentes efeitos sobre os sujeitos. Iniciamos nossa discussão com a apresentação da perspectiva de análise, nosso modo de olhar o *corpus*. Em seguida, desenhamos a metodologia de pesquisa e a discussão de algumas questões chave para situar o leitor sobre a relação entre o feminino e as drogas a partir da mídia social *Facebook*.

1.2 Como olhamos o objeto de pesquisa: memória e arquivo

Nesta pesquisa, inscrevemo-nos na perspectiva discursivo-desconstrutiva, que se baseia na desconstrução derridiana (1995), na psicanálise lacaniana (1998, 2003) e nos estudos de Foucault (1979, 2007). Para sustentar o processo analítico, respaldamo-nos na arqueogenealogia, metodologia² desenvolvida a partir dos métodos de pesquisa utilizados por Foucault (1979, 2007), a arqueologia e a genealogia. Enquanto a arqueologia consiste na “descrição sistemática de um discurso-objeto” (Foucault, 2007, p. 158), na definição dos discursos em suas especificidades, a genealogia é a interpretação da história como descontinuidade, sem busca de uma origem (Foucault, 1979). Descreve-se, então, a discursividade local e ativa-se os saberes emergentes dessa discursividade.

² De acordo com Araújo (2013), Foucault não entende método como um conjunto fixo de procedimentos, em vez disso, discute método como um ponto de chegada, como um processo histórico e analítico. Ao invés do termo método, analisa-se as relações de saber e poder por meio da arqueologia e da genealogia com foco nas inter-relações conceituais e nas descontinuidades discursivas. Método é, dessa forma, uma ferramenta crítica e reflexiva que pode ser adaptada conforme a demanda da proposta analítica. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/21608/21608.PDF>. Acesso em 04/02/2025; 16:59.

Pela perspectiva discursivo-desconstrutiva (Coracini, 2007), concordamos que o *corpus* é atravessado pelo olhar da desconfiança das evidências e das formas de continuidade dos discursos. Questionamos as definições e as leis que os discursos podem obedecer e por quais fenômenos são desenvolvidos (Foucault, 2007). É importante destacar que o termo problematização não quer dizer representação de um objeto preexistente, nem criação pelo discurso de um objeto que não existe. É o conjunto das práticas discursivas ou não discursivas que faz alguma coisa entrar no jogo do verdadeiro e do falso e a constitui como objeto para o pensamento (seja sob a forma de reflexão moral, do conhecimento científico, da análise política, etc.). (Foucault *apud* Escobar, 1984, p. 76).” (p. 08)

Segundo Coracini (2010, p. 127), Derrida³ projetou suas críticas à “epistemologia ocidental baseada no primado da racionalidade e da busca da verdade, no sujeito idealizado na época das luzes”. A partir dessa perspectiva, sua obra efetua a denominada desconstrução, um modo de pensar que problematiza o que parece natural, óbvio, o que resulta em estranhamentos e questionamentos. Ao contrário do que poderíamos entender, a desconstrução não significa destruir para construir sobre novas bases, ela tenciona questionar e deslocar velhas e novas bases. Agora que explicamos as bases do nosso modo de pensar desconstrutivo, faz-se necessário afirmar que a análise discursiva trabalha com enunciados e interpretações da sua discursividade. Para além de um recorte demarcável para a análise, o enunciado é:

uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles “fazem sentido” ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita) (Foucault, 2007, p. 98).

O enunciado⁴ não é estrutura, é uma função de existência pertencente aos signos e que demonstra seus sentidos por meio de regras. Não há critérios

³ Nascido na Argélia em 1930 e falecido em Paris aos 74 anos em 2004, Jacques Derrida perdeu sua cidadania francesa por ocasião da Segunda Guerra Mundial, mas recuperou-a. Essa perda de cidadania, mesmo que momentânea, deixou marcas na identidade do grupo que integrava, sobre a pertença ou não pertença da língua (Derrida, 2001, p. 35).

⁴ A discussão sobre enunciado faz-se necessária, uma vez que integra um percurso da análise discursiva, porém, não constitui nosso foco analítico. Dessa forma, ao invés de recortes enunciativos, demarcamos recortes discursivos.

estruturais para a formulação de enunciados enquanto unidade, porque não é uma unidade, é uma função que perpassa e possibilita o aparecimento de possíveis estruturas e unidades. Na análise discursiva, descrevemos essa função no exercício, nas condições, nas regras de controle e no campo de realização.

Posto isso, Foucault (2007) considera que o discurso não é, simplesmente, um entrecruzar de coisas e palavras, não é o contato entre uma língua e a realidade, mas é tratado como práticas que definem de forma sistemática os objetos sobre os quais se falam. O discurso é, então, composto por um conjunto de enunciados apoiados em um mesmo sistema de formação, ou seja, na mesma formação discursiva. É pela história que a organização das regras, na prática do discurso, é determinada, por isso e porque o discurso é constituído por um jogo de conceitos e transformações desses e suas relações que o discurso é inesgotável. Discurso é, dessa forma, uma unidade de descontinuidade que constitui a história.

Como um exercício da história, esses enunciados são constituídos pela memória discursiva, sendo que memória é interpretação constituída e elaborada por outros, sua constituição é heterogênea, fragmentária. É a tessitura de textos outros e que produzem outros, textos sempre abertos. A memória tem sua missão nos textos, missão enquanto herança, trabalho. Para Coracini (2010, p. 129), a memória

[...]é constituída de um sem-número de aspectos, de fantasmas, de espíritos se assim quisermos, de fragmentos de sujeitos que atravessa(ra)m nossa existência e que vão constituindo arquivos, ora mais, ora menos organizados, segundo a função que desempenha(ra)m na vida de cada um.

Dessa forma, entendemos que a memória é interpretação, ficção constituída após o acontecimento e que se submete “às leis ou regras – o que significa ao poder – do momento que se está vivendo” (Coracini, 2010, p. 130). Sobre essa questão, Derrida (2001, p. 07) aponta que “a memória, ou o arquivo, segue as mesmas leis do inconsciente, que, através de recalcamientos, quer, este leva à apropriação de um documento, à sua detenção, retenção ou interpretação”. Vivo na memória, o arquivo parece impossível de organização, são fragmentos, marcas advindas do exterior que marcam a singularidade do sujeito, marcam o corpo, de modo explícito e de modo não visível. Essas marcas

inscrevem a memória, recebida como herança, como traço indelével. Sobre essas marcas indeléveis, outras podem se inscrever via deslocamentos e transformações, tornam-se inscrições sobre inscrições.

O termo que utilizamos para designar os rastros da memória, arquivo (*archive*), pode remeter tanto a começo quanto a comando (autoridade) e provém do grego *arkhēion*, casa, “residência dos magistrados superiores, os *arcontes*” (Derrida, 2001, p. 12), que representavam a lei, detinham os documentos oficiais e os reuniam e interpretavam. Isto posto, esse princípio arcôntico também é um princípio de consignação, de reunião. Todo arquivo precisa, então, de um lugar (instância topológica) e de leis (instância monológica) para se construir.

Pelo princípio de consignação, notamos que arquivo demanda uma técnica de repetição e certa exterioridade, há sempre a possibilidade de repetição dos dizeres historicizados pela memória. Arquivo é a memória que se deseja guardar em vista de um por-vir, de um futuro, “uma alteridade em direção à qual o presente se projeta inexoravelmente” (Coracini, 2010, p. 132). Constitui por conjuntos de traços e marcas, inscrições que se tornam mais complexas com o tempo, mas que não se apagam, é uma substanciação de conhecimento histórico passível de interpretações a partir das circunstâncias históricas de sua produção (Coracini, 2010). A pesquisadora acrescenta que sua função é a preservação da memória e a criação de hierarquias e exclusões, uma vez que, nos planos políticos e culturais, o arquivo serve ao poder.

A tentativa de conservação dos dados que constituem os acontecimentos do arquivo desenvolve o que Derrida (2001) denominou de mal de arquivo, uma vez que ela o corrompe, o classifica, o modifica, o transforma. Em outras palavras, o arquivo existe porque a memória é esquecimento.

Não haveria certamente desejo de arquivo sem a finitude radical, sem a possibilidade de um esquecimento que não se limita ao recalçamento. Sobretudo, e eis aí o mais grave, além ou aquém deste simples limite que chamam finitude, não haveria mal de arquivo sem a ameaça desta pulsão de morte, de agressão ou destruição (Derrida, 2001, p. 32).

Em síntese, a memória é constituída por esquecimentos, pois não há retorno inocente às origens de acontecimentos. Os rastros dessa memória formam o arquivo, a “impaciência absoluta de um desejo de memória” (Derrida, 2001, p. 09), sempre incompleto, aberto a interpretações e classificações. A

memória diz respeito ao retorno à uma possível origem, ao passado, remete ao termo arquivo enquanto escavação arqueológica.

Constituímos o *corpus* de pesquisa enquanto arquivo, fragmentos, rastros da memória. Mas não tratamos o arquivo como rastros do verdadeiro, uma vez que sofre do que chamamos de mal de arquivo. Ao ser transcrito e classificado, o arquivo se transforma. É tarefa do analista enquanto arquivista, reunir fragmentos, documentos para constituírem um único, a ilusão do único arquivo, sempre aberto. Compomos este arquivo com transcrições de dois vídeos transmitidos ao vivo pela página do *Facebook* “Pai resgatando vidas” (<https://www.facebook.com/pairesgatandovidas>), uma instituição que acolhe pessoas em situação de dependência química, geralmente em situação de rua, para uma casa vigiada por câmeras. Ressalta-se que a transcrição de comentários sobre os respectivos vídeos também integra o *corpus*.

Por conseguinte, o *corpus* é constituído por onze recortes enunciativos selecionados da transcrição de dois vídeos (“Aline quer sair” e “Ana está com abstinência”) publicados na página do *Facebook* “Pai resgatando vidas”, entre os recortes estão dois comentários de cada vídeo. Os primeiros comentários serão designados como “Ana” R4-C1 e R4-C2 (primeiro e segundo comentário do recorte quatro), e os últimos comentários como “Aline” R7-C1 e R7-C2 (primeiro e segundo comentário do recorte sete). Ou seja, os recortes discursivos são identificados a partir da letra R e seus respectivos números, sendo que os recortes R4 e R7 são dois comentários realizados por pessoas que acompanham a página. Assim, os recortes se dispõem da seguinte forma: R1, R2, R3, R4-C1 (comentário 1 do recorte 4), R4-C2 (comentário 2 do recorte 4), R5, R6, R7-C1 (comentário 1 do recorte 7), R7-C2 (comentário 2 do recorte 7), R8, R9, R10 e R11.

A página “Pai resgatando vidas” expõe, diariamente, a vida dos moradores desse instituto, que se localiza na cidade de Manaus, Amazonas. São postados vídeos sobre entrada e saída dos participantes, sobre ocasiões especiais como aniversários e almoços, sobre distribuição de sopa pela cidade e sobre conversas informais com os participantes do projeto. A seleção dos vídeos considerou dois fatores que circunscrevem os objetivos desta pesquisa: 1) o sujeito de pesquisa (mulher que mantém (ou manteve) relação de abuso ou

dependência de substâncias psicoativas); e 2) A relação com outro(s) integrantes da casa ou com os internautas.

O *corpus* constitui, dessa forma, o arquivo discursivo problematizado, mas não somente o *corpus*. O arquivo é composto, também, pelos acontecimentos, que, de acordo com Foucault (2007), não é simplesmente um evento isolado ou um fato histórico específico, mas algo que perturba o contínuo histórico e abre novas possibilidades de interpretação e entendimento. Foucault (2007) vê o acontecimento como algo que introduz ruptura e descontinuidade na história. Ele argumenta que os acontecimentos rompem com a continuidade histórica e criam novas condições de possibilidade para a verdade e o poder. Para Foucault (2007), acontecimento é, então, uma ruptura, deslocamento, torna-se visível quando uma linha se curva, irrompe o espaço da causalidade histórica. Os acontecimentos são transformações nos regimes de verdade e nos discursos. Eles são momentos em que novas formas de pensar e de ser no mundo emergem e transformam as práticas e os entendimentos existentes (Foucault, 2007).

Esta pesquisa de doutorado se iniciou em março de 2020, exatamente o mês em que a COVID-19 foi caracterizada pela OMS (Organização Mundial da Saúde) como pandemia. Nessa época, houve grande aumento de pessoas utilizando as redes sociais. Com isso, inclusive, a página “Pai resgatando vidas” se popularizou, adquirindo milhares de seguidores engajados. Com o tempo, o engajamento continuou, porém, não com tanta força devido ao fim da pandemia e enfraquecimento da rede social *facebook*. Em maio de 2024, o pai, organizador do instituto, foi preso por acusações como suspeita de lavagem de dinheiro e suspeita de cometer abusos sexuais contra usuárias de drogas em troca de comida e itens de higiene. Concomitante às acusações, alguns seguidores criaram uma petição pública para angariar assinaturas, afirmando que “não há humilhação dos internos no projeto Pai resgatando vidas-Manaus”.

Nesse momento, entendemos que, com a prisão dos organizadores do instituto, houve uma ruptura do que era considerado verdade e que foi construído ao longo dos anos por meio das redes sociais, um acontecimento. Por conseguinte, outras verdades foram construídas, como a suspeita de lavagem de dinheiro e de abuso sexual. Esses acontecimentos, para além do *corpus* de pesquisa, também, constroem o arquivo problematizado, ao passo

que são rastros da memória e, concomitantemente, do esquecimento. Dessa forma, compõem o arquivo discursivo desta pesquisa, os acontecimentos e o *corpus* (os recortes enunciativos selecionados da transcrição dos vídeos). Por entendermos que o sujeito é constituído a partir do interdiscurso, percorremos, a seguir, algumas especificidades das histórias dos sujeitos desta pesquisa e seus múltiplos espaços de enunciação.

1.3 Sujeitos e Múltiplos Espaços Discursivos

Construímos e desconstruímos diálogos entre diferentes lugares discursivos, sendo que as experiências concretas se tornam um meio de investigação de categorias analíticas e seus usos hegemônicos (Costa, 2002). Constrói-se o lugar discursivos via narrativas, não por um espaço pré-definido que tenta fixar a identidade do sujeito, uma vez, que essa questão do sujeito é discutida via três domínios da experiência: a verdade, o poder e a conduta individual, domínios que são compreendidos uns em relação aos outros. E esse sujeito se constitui por meio das práticas de si, esquemas sugeridos ou impostos pela cultura da sociedade na qual está inserido (Foucault, 2004, p. 276).

Isso posto, sujeito e objeto de estudos erigem concomitantemente, passam por processos distintos, porém, interdependentes, a subjetivação e a objetivação. Examina-se, dessa forma, como sujeito e objeto se formam e se transformam em relação e em função um do outro (Foucault, 2004). Por meio da genealogia, buscamos entender que e como os dispositivos operam sobre o indivíduo alterando o corpo e sua constituição enquanto sujeito. Esses dispositivos podem ser, como diz Foucault (1988) anátomo-político (investigação e docilização dos corpos em suas individualidades) e biopolítico (o desenvolvimento do poder sobre a vida por meio das disciplinas do corpo e da regulação da população). Nas duas primeiras fases do estudo de Foucault, a arqueológica e a genealógica, entendia-se sujeito como produto das múltiplas relações entre poder e saber, sujeito com sujeição à história.

A partir da problemática da ética (terceira fase) nos estudos de Foucault, a questão do sujeito gerou um desdizer das suas obras anteriores, o que não foi problema para o autor, uma vez que acreditava que sempre estamos diferentes do nosso ponto de partida. Ele explica: “Existem momentos na vida onde a

questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir” (Foucault, 1998, p. 13). A verdade deixou de ser vista como lógica e passou para a categoria ética.

Para além da operação do saber-poder sobre os indivíduos, passou-se a examinar como os sujeitos reconhecem a si mesmos e se constituem. A partir desse momento, percebe-se que a conduta humana comporta três dimensões: poder-saber-si. Para tanto, ancoramos nessas três dimensões ao descrever um pouco sobre cada participante da pesquisa, também para que você (leitor) se situe e se sinta mais à vontade e possa dialogar com suas individualidades.

Como pesquisadora, nosso olhar analítico é subsidiado pela compreensão de que, ao se instalar na narrativa, o sujeito-mulher sofre “um processo dinâmico e situado de expor e interpretar” (Bastos, 2005, p. 81). A construção de narrativas está ligada, então, à construção identitária, pois tanto os vídeos quanto os comentários são construídos por discursos sobre gênero e sua relação com as drogas. Analisar os discursos é buscar as “verdades” que constituem os sujeitos. Nesse sentido, concordamos com Gregolin (2007, p. 14) quando afirma que:

A discursividade tem, pois, uma espessura histórica, e analisar discursos significa tentar compreender a maneira como as verdades são produzidas e enunciadas. Assim, buscando as articulações entre a materialidade e a historicidade dos enunciados, em vez de sujeitos fundadores, continuidade, totalidade, buscam-se efeitos discursivos.

Michel Foucault tentou realizar um diagnóstico do presente principalmente durante os anos 1960 e 1970. Foi nesse período que ele desenvolveu suas análises sobre o poder, o conhecimento e as instituições sociais. Suas obras mais conhecidas, como "Vigiar e Punir" (1975) e "História da Sexualidade" (1976), exploram as dinâmicas do poder, da disciplina e do controle social na sociedade moderna. Foucault (1975; 1976) buscava compreender como diferentes instituições e práticas sociais moldavam e regulavam os corpos, os comportamentos e as subjetividades dos indivíduos. Seu trabalho foi fundamental para uma análise crítica das estruturas de poder e controle presentes na sociedade contemporânea. A fim de realizar um diagnóstico do presente, Foucault (1975; 1976) desenvolveu a arqueologia e a genealogia como perspectivas de observação de verdades estabelecidas e reguladas pelo que

chamou de saber-poder, dessa forma, aqui observa-se o *corpus* de pesquisa a partir dessa perspectiva, e é sobre ela que nos debruçamos a seguir.

1.4 Metodologia: arqueologia e genealogia

Elucidamos, nesta seção, os percursos necessários para que observemos os discursos problematizados no decorrer desta tese. São eles, a arqueologia e a genealogia, que juntos constituem o modo de olhar e descrever o objeto de pesquisa, os discursos sobre as e das mulheres que usam e abusam de drogas. Por meio da arqueologia, mostra-se os discursos e suas especificidades a partir da sua descrição sistemática (Foucault, 1988). Há uma descrição da discursividade (os sujeitos de pesquisa, como se sentem, interdiscursividades). Da descrição dessa discursividade, ativa-se seus saberes emergentes, o que Foucault (1979) denomina genealogia, história como descontinuidade.

A descrição arqueológica busca compreender a constituição dos saberes (como aparecem e se transformam) a partir das intersecções discursivas. Define-se os discursos enquanto práticas obedientes à regras na qualidade de monumento, não apenas como documento. A arqueologia abandona a busca de uma origem na história e se dedica à descrição das práticas discursivas e das regras que as regem. Aliado à arqueologia, o método genealógico pretende explicar as transformações dos saberes em meio às relações de poder, assinalando a singularidade dos acontecimentos. Trabalha-se com a descontinuidade e a introdução do corpo na história, é sobre os efeitos de poder que circulam determinados enunciados.

Em “História da sexualidade”, Foucault (1988) explica que pretendeu analisar a formação de saberes sobre o sexo em termos de poder. Durante a análise foucaultiana, não se postulou a soberania do Estado como dados iniciais, uma vez que são as formas terminais do poder. Para o autor, primeiro é preciso compreender poder como “a multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem” (Foucault, 1988, p. 88). Poder como um jogo de lutas e afrontamentos que transforma, reforça e inverte as correlações de força, o que as isolam por meio da formação de cadeias ou sistemas, ou defasagens e contradições. O poder é, enfim, dinâmico, são estratégias que tomam corpo e constituem os aparelhos estatais, originando leis e hegemonias sociais.

O poder é onipresente porque é produzido a cada instante, entre um ponto e outro, em toda parte, sua aparente inércia é efeito de um conjunto, efeito que procura fixar suas mobilidades. O poder é uma “situação estratégica complexa numa sociedade determinada” (Foucault, 1988, p. 89), não é instituição, nem estrutura. Não se adquire o poder, se exerce, ele não é exterior, é imanente das diferenciações e suas condições internas. As relações de poder têm papel produtor onde atuam, não têm papel de proibição ou recondução. O que induz estados de poder, sempre localizados e instáveis, são as correlações de força. Essas servem de suporte para efeitos de clivagem presentes no conjunto do corpo social, efeitos que atravessam os afrontamentos locais e os conecta entre si. Dessa forma, Foucault (1988, p. 90) conclui que as “grandes dominações são efeitos hegemônicos continuamente sustentados pela intensidade de todos estes afrontamentos”.

Isto posto, chegamos a conhecida afirmação de Foucault (1988, p. 91) de que “lá onde há poder há resistência e, no entanto (ou melhor, por isso mesmo) esta nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder”. As relações de poder têm caráter estritamente relacional e existem a partir de uma multiplicidade de pontos de resistência. As resistências se inscrevem nas relações de poder e introduzem clivagens que se deslocam, recortam e remodelam os sujeitos. Os mecanismos de poder são analisados nesse campo de relações de força. Acerca do discurso sobre o sexo, Foucault (1988, p. 93) tenta responder “quais são as relações de poder mais imediatas, mais locais, que estão em jogo”.

Para tanto, emerge a produção dos discursos no campo das relações de poder. Coloca-se, preliminarmente, quatro regras, que não são “imperativos metodológicos, são prescrições da prudência” (Foucault, 1988, p. 93). São elas: 1) a regra da imanência, pela qual entendemos que um domínio de saber é instituído por relações de poder, uma vez que é possível investir técnicas de saber e procedimentos discursivos sobre o objeto; 2) a regra das variações contínuas, pela qual há um esquema de modificações implicado pelas correlações de força, sendo assim, as relações de poder-saber se tornam matrizes de transformações; 3) a regra do duplo condicionamento, pela qual identificamos que os focos locais funcionam inseridos em uma estratégia global, que proporciona efeitos globais quando apoiadas em relações precisas enquanto

“suporte e ponto de fixação” (Foucault, 1988, p. 95); 4) a regra da polivalência tática dos discursos, entendendo que é no discurso que se articulam poder e saber. Discurso enquanto segmento descontínuo, instrumento e efeito de poder. Discurso é veículo e produtor de saber e, concomitantemente, delimitador do poder.

Assim, a arqueogenealogia explica as transformações dos saberes em relação ao exercício de poder sobre o corpo (gestos, hábitos, discursos). Mudanças nas configurações dos saberes provocam o que Foucault (1999) chamou de insurreição dos saberes, uma disposição epistemológica que trata novos saberes históricos a partir da genealogia. Genealogia enquanto uma conexão entre o conhecimento e as memórias locais, constituindo um saber histórico das lutas e sua influência nas táticas atuais (Foucault, 1999). Ativa-se saberes locais contra a instância do conhecimento “verdadeiro”. Uma condição para o exercício do poder é a constituição de um campo de saber, um movimento recíproco.

A partir de Foucault (1999), questionamos as “verdades” existentes acerca das mulheres que usam e abusam de drogas e buscamos entendê-las (as verdades) na dinâmica de relações de poder e na economia dos discursos. Para entendermos a questão do uso de drogas na cultura humana, na próxima subseção, desenhamos as curvas entre o uso de drogas e suas nuances em relação a questões de gênero ao longo da história.

PARTE II

IMBRICAMENTOS HISTÓRICOS: ENTRE O FEMININO E AS DROGAS

Nesta seção, apresentamos discussões sobre o lugar ocupado pelo feminino na sociedade contemporânea e suas concepções. Tencionamos estabelecer o contexto necessário para compreender como as práticas discursivas das e sobre as mulheres usuárias de drogas foram historicamente construídas e como tais práticas influenciam os discursos contemporâneos. Para tanto, consideramos que alguns discursos adquirem estatuto de verdade no decurso da história e marcam a constituição da subjetividade e a forma como as mulheres são vistas. Em seguida, abordamos as relações entre o feminino e as drogas.

2.1 Feminino, discurso e poder no contexto do uso de drogas

No século XVII, por meio do cristianismo, retratava-se a mulher como um ser inferior (criada a partir da costela de Adão), ser imperfeito, influenciável e pecaminoso (Nunes, 2000). As mulheres (mulheres brancas) não eram vistas como responsáveis pelo cuidado de seus filhos, que ficavam com suas amas de leite (mulheres pretas). Muitas crianças eram mortas aos cuidados das amas de leite, uma vez que eram sobrecarregadas com os cuidados dos filhos das mulheres brancas e de seus próprios filhos. Para resolver esse problema, o pensamento iluminista do século XVIII estimulou a criação dos filhos e a prática da amamentação (Nunes, 2000). Essa concepção de mulher enquanto mãe e esposa foi delineada para atender necessidades políticas de uma época (a sociedade burguesa do século XVIII), não é algo inerente ao ser.

De acordo com Laqueur (2001), Galeno (médico e filósofo do século II d.C.) fundou o modelo do sexo único segundo o qual existia apenas um sexo, o masculino, porém com duas características diferentes. Havia o homem perfeito, que tinha mais calor no corpo permitindo que seus órgãos fossem externalizados, e o homem imperfeito, com menos calor no corpo, sendo que o frio contrairia e apertaria o órgão sexual e o manteria interno. Essa perspectiva perdurou da Idade Clássica até o início do Iluminismo.

Entre os séculos XVII e XVIII, manteve-se a hierarquia entre homens e mulheres a partir do saber da medicina, que passou a considerar, além da diferença sexual externa, os órgãos internos do corpo como os órgãos reprodutores feminino que se tornaram justificativas para a afirmação de que são perfeitos e adequados à maternidade. Buscavam-se diferenças corporais, mentais e morais entre homens e mulheres para manter um quadro social hierárquico. Assim, a base para manter esse quadro foi o modelo dos dois sexos, argumentando-se que os lugares sociais são determinados pela sua natureza (Nunes, 2000).

Esse modelo designou a hierarquia entre homens e mulheres como uma relação de complementaridade, com a utilidade pública de estabelecer o espaço público (trabalho e atividades intelectuais) aos homens e o privado (vida doméstica e maternidade) às mulheres. Buscou-se, com isso, conservar a divisão social do trabalho e ideais de família e infância modernos (Nunes, 2000).

Além da diferença biologicamente determinada, confronta-se o caráter cultural da diferença sexual a partir de investimentos políticos sobre ela. Porém, os movimentos feministas do século XX criticaram esse modelo essencialista dos séculos XVIII e XIX, combatendo a situação de dominação em relação às mulheres. Enquanto as tradições filosóficas buscavam compreender a essência da diferença sexual, a atual perspectiva de gênero a compreende como construções histórico-sociais instauradas a partir de relações de poder, uma vez que os discursos constroem efeitos de verdade na constituição do que é ser mulher.

A partir dessa perspectiva, Butler (2010) realiza uma denúncia à construção social da diferença sexual a fim de desnaturalizar as categorias de homem, mulher, masculino e feminino (França, 2013). A sexualidade é socialmente construída a partir de uma economia de discursos e sustentada por uma dinâmica de poder (Foucault, 1988). Pelo método genealógico, questiona-se as verdades sobre determinado fenômeno por meio da discussão sobre como foram instauradas e quais saberes as atravessam. Desde 1949, já se fundamentava o conceito de gênero nos escritos de Simone de Beauvoir, *O segundo sexo*. A autora já entendia o feminino como uma construção social, podemos citar a frase “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher” (Beauvoir, 1980, p. 17).

Antes da noção de gênero, em 1960, as feministas dos Estados Unidos trabalhavam com a noção de patriarcado a partir do contexto de dominação masculina na história e na cultura. Por meio dessa noção, entendia-se que os homens oprimem as mulheres e, para discutir essa opressão, recorria-se à categoria patriarcado (Piscitelli, 2004). O debate sobre o patriarcado denunciou a subordinação feminina por meio da busca de uma origem da história de opressão das mulheres.

Pela ideia de patriarcado, entendia-se que as mulheres eram intrinsicamente ligadas à biologia, com deveres como a dedicação à reprodução, amamentação e cuidados infantis. Essa distinção biológica entre homens e mulheres fundamentava a desigualdade e era base para a opressão feminina (Piscitelli, 2004). Consequentemente, notou-se que essa noção não conseguiu desnaturalizar a opressão feminina, por esse motivo, passou-se a discutir a noção de gênero como categoria analítica, por meio da publicação do artigo “Tráfico de Mulheres: notas sobre a economia política do sexo”, de Gayle Rubin (1993). Esse trabalho, por uma perspectiva feminista, difundiu o conceito de gênero a partir do movimento feminista e do seu debate sobre a opressão da mulher.

Além do movimento feminista, as teorias sociais iniciaram as discussões sobre gênero envolvendo a ideia de diferença sexual como princípio classificatório, diferença relativizada culturalmente (Piscitelli, 2004). De acordo com Butler (2010), a crítica genealógica consegue subverter as relações de dominação de gênero e a diferença sexual marcada por binarismos. Discorremos, agora, sobre o percurso teórico do gênero a fim de justificar nossa tomada de posição.

Segundo Piscitelli (2004), partir de 1970, a ideia de gênero como construção social começou a ser difundida, uma vez que não é resultado de diferenças anatômicas, é resultado dos significados culturais que se inscrevem no corpo. Porém, essa discussão introduz uma dicotomia, a natureza (o sexo) e a cultura (o gênero), tal distinção não corrobora à desconstrução dos corpos sexualizados e racializados.

Diferente de desenvolver a noção de gênero apenas para descrição de fenômenos, partir dessa noção enquanto categoria analítica requer a busca por compreender porque e como as relações entre gêneros são construídas como

são, como funcionam e como se transformam. Essas relações de gêneros foram produzidas ao longo da história e são passíveis de desconstrução, de questionamentos sobre sua fixidez aparente. Pesquisar sobre gênero tem potencial político, uma vez que, por meio da análise, é possível interrogar e mudar paradigmas históricos (Scott, 1995). Vale ressaltar que Foucault e Hannah Arendt interpretam, na política, um espaço de constituição e problematização da verdade. Como o gênero, o sexo também é socialmente construído apesar de, muitas vezes, naturalizado como indica Butler (2010) ao questionar a imutabilidade, a fixidez do sexo. Esse questionamento reclama a historicização da categoria sexo por meio da investigação sobre a sua criação e seus fins.

Ao considerar o sexo enquanto ordem da natureza, o próprio discurso o coloca em um domínio pré-discursivo. O sexo nesse domínio trata a biologia como destino e se torna útil para a manutenção das normas de gênero. Nesse sentido, o que resta é o encaixe das pessoas aos seus corpos, macho e fêmea de acordo com um modelo de masculinidade e feminilidade respectivamente (Butler, 2010). Dentro dessa perspectiva, Butler (2010) tenta desnaturalizar essas concepções naturalizantes do que é ser homem e do que é ser mulher. Para tanto, ela entende que gênero não atua apenas como uma inscrição cultural em um sexo pré-existente, o gênero produz a diferença entre homens e mulheres de tal forma que engendra o sexo enquanto preexistente, anterior à cultura, o que garante a estabilidade da sua estrutura binária.

O sexo (pré-discursivo) é, então, efeito do gênero enquanto construção cultural. Butler (2010) propõe a investigação das categorias de sexo e gênero a partir da genealogia, investigação de identidades enquanto efeitos de instituições, práticas e discursos com origens múltiplas e difusas. Por ser uma modalidade de relações de poder, as relações de gênero têm efeitos sobre as subjetividades, constituindo o sujeito “gendrado”. O sujeito é constituído por uma matriz de regras de diferenciação entre masculino e feminino, por repetições resultantes da necessidade de se enquadrar em um desses ideais. A manutenção do gênero é realizada por reiterações sucessivas de normas, que nunca se aproximam por completo do ideal masculino e feminino. Esse ideal é uma ficção, uma vez que o gênero é performativo, não é preexistente.

Perde-se o direito de ser, o estatuto de sujeito, caso haja um distanciamento dos padrões feminino e masculino, o sujeito é gendrado. Para Butler (2000), não somos, nos materializamos enquanto homem e mulher a partir das normas. Existimos no mundo reiterando normas que nos aproximam dos ideais de gênero, uma reiteração tão repetitiva que cria a ilusão de sermos uma essência masculina ou feminina. Essa constituição do sujeito por meio de normas é denominada performatividade, sendo os sujeitos constituídos performativamente como seres gendrados.

Dessa forma, entendemos que o sexo é uma das normas que qualificam o corpo, reconhecido assim a partir da sua aparência de gênero, o corpo dele ou o corpo dela. O corpo é estilizado e mantém determinados gestos, movimentos e normas a fim de construir a ilusão de um eu gendrado. Como resultado performativo, constrói-se uma identidade. Porém, existem possibilidades de transformar o gênero por meio de uma ruptura ou repetição subversiva.

Algumas pesquisas na área da saúde, como Moraes (2011), estudam as relações entre gênero e drogas na escolha das substâncias e suas expectativas. Com base nesses estudos, mas em outra direção, estudamos as relações discursivas entre gênero e drogas e como essas relações constroem verdades sobre as mulheres adictas na sociedade contemporânea.

Segundo Rodrigo e Ordaz (2012), os modelos de gênero predisõem os homens ao uso de drogas ilegais e as mulheres às substâncias que seriam “compatíveis” com as “problemáticas” femininas como o uso de anfetaminas e psicofármacos que causariam redução de peso. Longe de ser uma tarefa fácil, a articulação entre gênero e drogas precisa ser pensada a partir das relações hierárquicas no uso, nas intervenções profissionais e nas políticas públicas. A perspectiva de gênero pode garantir uma ampla compreensão do fenômeno das drogas, mas também pode reduzir sua complexidade em termos de subordinação entre gêneros ao invés destacar o inter e intragênero em sua diversidade e desigualdade.

As epistemologias feministas⁵ contribuem para a construção de novas relações e formas de conhecimento a partir da descrição de dispersões e

⁵ As epistemologias feministas pretendem mostrar que os espaços de pesquisa acadêmica, por mais que se determinem neutros e imparciais, são sempre marcados pela posição e condição do sujeito cognoscente com pesquisas estritamente parciais advindas do que é considerado

desconstrução de identidades naturalizadas. Assim, adentramos em campos antes não problematizados para a superação do binário, supostamente masculino e feminino, uma vez que “é importante que possamos perceber a construção das diferenças sexuais histórica e culturalmente determinadas, desnaturalizando as representações cristalizadas no imaginário social” (Rago, 1998, p. 93).

É necessário, então, renunciar o fundamentalismo e o determinismo biológico, que compreendem uma relação binária entre homens e mulheres com base no corpo (Nicholson, 2000). Uma perspectiva que nos identificamos é a posicionalidade, pela qual o gênero é construído social e culturalmente por meio do jogo das relações sociais e sexuais e dos discursos que fundam e legitimam as diferenças (Rago, 2012). Essas relações são denominadas posicionalidade, que existe de acordo com a posição do sujeito, sua localização social, cultural, geográfica, sexual e econômica (Alcoff, 1993). As posições são lugares de interseccionalidade, com camadas, mutuamente imbricadas, que intersectam o campo social (raça, etnias, classe, idade, entre outros).

Assim, para evitar essa dicotomia masculino e feminino, adotamos a perspectiva interseccional de gênero para pensar suas múltiplas dimensões, como raça, classe e idade, que instauram práticas de consumo de drogas (Moraes, 2011). Pela noção de interseccionalidade, examina-se a interação de categorias (gênero, raça, religião, classe) construídas social e culturalmente e sua manifestação na desigualdade e discriminação social. Esses fatores interseccionais contribuem para desmistificar uma dada homogeneidade atribuída aos usuários de drogas.

2.2 A construção social da mídia

Para entender acontecimentos cotidianos envolvendo a relação discursiva entre o feminino e as drogas, problematizamos os acontecimentos marcados pela mídia e pelos “processos discursivos que sustentam uma *genealogia do*

universal masculino e branco, além da exclusão das experiências femininas das abordagens epistemológicas. Para fins de conhecimento e pesquisas posteriores, algumas das principais epistemologias feministas são a teoria feminista da perspectiva, pós-modernismo feminista e o empirismo feminista, melhor detalhadas por Janyne Sattler e Margareth Rago.

presente” (Gregolin, 2003, p. 96). Segundo essa pesquisadora (2003), a mídia é obcecada pelo espetáculo desenvolvido pelas novas tecnologias do *mass media*, que tem como característica a inovação-obsolescência de conhecimentos e técnicas. Posto isto, buscamos entender a produção de saberes e poderes na sociedade atual e pensar a emergência das identidades a partir da circulação de sentidos produzidos pela mídia. Sobre a noção de espetáculo, Debord, 2003, p. 14) afirma que “não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediatizada por imagens”, uma vez que é “uma visão cristalizada do mundo”.

Pela perspectiva da Comunicação, Lima (2004, p. 50) entende mídia como um meio, é um conjunto de instituições que realizam a comunicação por meio de tecnologias específicas, uma mediação entre interlocutores e determinada realidade. Inscrevendo-nos numa perspectiva discursiva, essa mediação se torna um efeito, uma vez que a realidade é efeito de sentido produzido por alguns fatores, o social e o histórico a partir da inscrição do sujeito produtor (Gregolin, 2007). Por conseguinte, a mídia se constitui enquanto um dispositivo que produz o efeito de uma realidade, um presente em comum. Essa perspectiva discursiva aliada aos estudos da mídia podem dialogar para problematizar o papel do discurso na produção de identidades.

Segundo Gregolin (2007, p. 16), a “mídia é o principal dispositivo discursivo por meio do qual é construída uma história do presente”, é um acontecimento que provoca tensão entre a memória e o esquecimento, formatando a historicidade e os laços de identidade que nos liga ao passado e ao presente. No processo de rememoração e esquecimento, os sentidos se deslocam e promovem identidades outras, novos grupos identitários. A fim de compreender como as mídias ressignificam o sujeito e a constituição de novas identidades, traçamos, nesta seção, sua trajetória no Brasil.

Desde o início do século XIX, há uma busca pela instantaneidade da informação, papel desempenhado primeiro pelo rádio, e, depois, pelas mídias digitais e suas inovações tecnológicas entre o final do século XX e início do XXI. No ano de 1983 surge o *www* (*world wide web*), a teia mundial, que permite hipermídias executadas na internet e, em seguida, as três grandes empresas que oferecem seus serviços pelo suporte da internet: *Yahoo* (1995), *Google* (1998) e *Facebook* (2004).

Para Dias (2012), as tecnologias invadem os ambientes devido ao seu aspecto *tekhne* da cultura e, de acordo com Castells (1999), criam uma nova possibilidade de comunicação via textos, imagens, movimentos e sons, que interagem em uma rede, com pontos múltiplos, são novas formas discursivas e novas produções de sentidos. As mídias sociais se tornaram um espaço público de discussão. Essa conexão entre o virtual e o real ajuda a “transformar o urbano em um ambiente híbrido de conexões” entre o global e o local, “fomentando novos usos para a cidade e seus espaços” (Cerbino, 2009. p. 20).

Como Oliari (2014, p. 78), ressaltamos a diferença entre mídias sociais e redes sociais, sendo que essas são “teias de relações entre sujeitos ligados entre si” e aquelas são sistemas/ softwares/ programas cuja internet é suporte e pode gerar redes sociais. O *Facebook*, enquanto mídia, se dirige a um interlocutor específico materializado em um perfil, linha do tempo e postagens.

O autor questiona, então, a existência de uma cidadania na/da internet e comenta que “no ciberespaço, dificilmente alguém será anônimo, já que tudo é armazenado e socializado” (Oliari, 2014, p. 88). Há um anseio por leis que regulamentem o ciberespaço, esse anseio indica a existência de uma cidadania eletrônica (Dias, 2012), leis que considerem as condições de produções específicas da internet, a temporalidade e a produção de sentidos sem excluir a historicidade.

A internet e suas tentativas de regulamentação assinalam novas noções de público e privado, uma vez que é o interlocutor quem as determina no campo do ciberespaço, sendo o privado sempre mutável. Ao contrário do espaço físico, na internet, as identidades se tornam fluídas de acordo com os acontecimentos dentro da rede. Há uma evanescência do sujeito, do sujeito de direito ao sujeito da tecnologia digital. As relações virtuais contribuem para a descentralização do poder e para a integralização entre o público e o privado, derrubando suas fronteiras por meio de uma sociedade que acredita “tudo poder dizer” (Komesu, 2005, p. 58).

O real da cidade, do espaço público é atravessado pelo virtual do espaço privado. O que temos aí é uma organização outra e uma ordem outra da cidade que se dá em função do eletrônico. Essa ordem está na própria arquitetura da cidade, através dos *outdoors* eletrônicos, dos interfones de acesso aos prédios, das câmeras de vigilâncias, dos serviços públicos, muitos deles eletrônicos dos semáforos [...] (Dias, 2011, p. 54).

O público e o privado, então, se interseccionam e produzem novas formas de ser e estar no mundo, novas posições que podem ser interpretadas nos processos discursivos. Para Dias (2012, p. 57), “há uma identificação do sujeito com a comunidade virtual, na qual o sujeito exerce uma função, um papel social, assume uma posição a partir do lugar do qual fala, e essa posição é histórica e ideológica”.

O *Facebook* nasceu, em 2004, da ideia de ser uma rede de relacionamento para os alunos que estavam entrando na universidade de Harvard, seus autores foram os americanos Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz, Chris Hughes e o brasileiro Eduardo Saverin. De *site* de relacionamento, o *Facebook* se transformou em uma mídia social que possibilita redes sociais, definidas, segundo Recuero (2009), como conjuntos de atores – pessoas e instituições – e suas conexões – interações. Uma rede social é constituída por padrões de conexão de um grupo social e seus diversos atores. A rede social é uma das formas de interlocução possibilitadas pela mídia social, que também possui outras características, como a organização de espaços para grupos de interesses comuns e publicitários.

Por se tratar de uma mídia social, o sujeito é interpelado de formas diversas, entre elas, as notificações (materializam um sujeito pendente, um sujeito leitor em constante alerta), o clique no “curtir” e no “compartilhar” (tem efeito multiplicador, uma memória discursiva, quanto mais é referenciado mais é visto). Curtir se torna uma ação de legitimação de uma postagem, o que acontecia na literatura por meio da legitimação advinda de instâncias superiores e autorizadas (Oliari, 2014). Compartilhar tem sentido de cumplicidade à postagem, além de reconhecimento e legitimação, assume-se ambos ao multiplicar seus efeitos (Oliari, 2014). Com as bases históricas da criação do *Facebook* e suas particularidades, prosseguimos com a discussão sobre o papel da mídia na produção de verdades.

2.3 Pela mídia, a história do presente

A mídia tem o papel de mediar a realidade aos leitores, uma vez que não oferece a realidade, permite a construção de “formas simbólicas de representação da sua relação com a realidade concreta” (Gregolin, 2003, p. 97).

Como constrói imagens simbólicas, a mídia participa da construção do imaginário social⁶. Os símbolos, alegorias, rituais e mitos, com suas ideologias e utopias, são os meios de se expressar o imaginário social – visões de mundo, condutas e estilos de vida sempre em movimentos (des)contínuos de preservação ou mudança de determinada ordem.

O imaginário social é construído por meio do diálogo entre sujeitos, enunciadores e enunciatários, formando trajetos simbólicos, onde se traduzem visões de mundo coexistentes (Gregolin, 2003) O imaginário é, então, atravessado pelo simbólico, pela linguagem. Dessa forma, compreendemos que a mídia é uma rede de criação de símbolos, uma comunidade de sentidos que sustenta o imaginário social. Sobre o sistema simbólico, Sodré (1983) explica que funciona em função da troca de certos estereótipos entre discursos.

Diante do fato de que as obrigações, limitações e proibições são impostas ao corpo, Gregolin (2003) considera que há uma ligação intrínseca entre o poder e o corpo. São mecanismos disciplinares do corpo que tomam uma forma sutil, uma tecnologia de submissão (movimentos, gestos e silêncios). Desenha-se uma anatomia (controle dos corpos) política para a construção de uma maquinaria de poder, um método para a construção de uma microfísica do poder que se materializa por meio de mecanismos. São eles: a vigilância, o olhar sobre o corpo; o controle do tempo pelo poder, tempo coletivizado sobre o qual corpos se subordinam; vigilância sobre todo o espaço, pelo outro e por si mesmo; e a produção de saber por meio do registro contínuo⁷.

Primeiro, o poder tem a forma de um *Panopticon*, uma vigilância geral (câmeras e estatísticas para aferir e modelar o cotidiano). Segundo, toma-se a forma de treinamentos disciplinares com o propósito de produzir o sujeito obediente de forma automática (Foucault, 1979). Mesmo com a disciplinarização, o controle e a vigilância, o poder não se torna permanente, é sempre transitório e circular, possui fissuras que possibilitam a meta da libertação dos corpos em substituição à docilidade.

⁶ É pelo imaginário social que os sujeitos percebem a si e aos outros e se constroem enquanto parte de uma coletividade (Gregolin, 2003).

⁷ Sobre o *corpus* desta pesquisa, o registro contínuo em vídeos postados na página “Pai resgatando vidas”.

Propõe-se, então, a análise das formas de resistência, descobrindo onde se inscrevem e quais são seus métodos e pontos de aplicação. Ou seja, destacamos o afrontamento de estratégias nas relações de poder. Relações que se sucedem em micro lutas cotidianas de tal forma que classificam os indivíduos em categorias e os relacionam por meio de uma identidade transformando os indivíduos em sujeitos.

Para Foucault (1979), as lutas giram em torno da questão da identidade, não visam atacar instituições de poder ou grupos determinados. Luta enquanto “técnica particular, uma forma de poder que se exerce sobre a vida cotidiana imediata” (Gregolin, 2003, p. 102). Gregolin (2003, p. 102) discute que há três tipos de luta pela construção da identidade: a) “aquelas que denunciam as formas de dominação (étnicas, sociais e religiosas); b) “aquelas que denunciam as formas de exploração que se separam o indivíduo daquilo que produz; e” c) “aquelas que combatem tudo o que liga o indivíduo a ele mesmo e asseguram assim a submissão aos outros (lutas contra a sujeição, contra as diversas formas de subjetividade e de submissão)”.

Sempre há trocas entre relação de poder e estratégia de luta, as lutas pelo poder também são pela fixação de significados por meio dos canais de produção e informação. Em outras palavras, o processo de produção de sentidos é influenciado pela circulação de imagens na sociedade. O sentido não existe ao acaso, pode ser interpretado a partir de discursos produzidos em determinados momentos sócio históricos.

Do mesmo modo que há mecanismos de vigilância, há resistências cotidianas, há embates entre discursos. A mídia não é apenas suporte de discursos dominantes, é também onde se produz estratégias de resistências. Nela, as técnicas de disciplina e vigilância criam a ilusão de liberdade, uma vez que a resistência se transforma em mercadoria (re)produzida discursivamente de tal forma que acontece a neutralização do seu potencial de subversão (Gregolin, 2003). Nessa sociedade do espetáculo midiático, não há um centro do discurso do poder, como já afirmava Foucault (1979), há uma multiplicidade de poderes que se harmonizam e se confrontam de forma capilar construindo o imaginário coletivo.

A história do presente é composta pela interpelação do leitor pela mídia e sua aparente instantaneidade, resignificando sentidos anteriores com retornos

figurativos ao passado e a criação de representações. Na sociedade da imagem, percebe-se que o real se dá por meio da substituição do mundo pela ilusão de referencialidade, imagem metonímia da realidade, uma lembrança materializada. Nas novas figuras, são reproduzidos os velhos discursos, os sentidos são convergidos como metáforas por meio de um jogo entre ação, representação e alienação dos sujeitos (Gregolin, 2003). E por meio da circulação de figuras, representações constituintes do imaginário social, a mídia produz sentidos e constrói uma história do presente.

A análise discursiva da mídia possibilita discutir os movimentos de “resgate da memória e de estabelecimento do imaginário de uma identidade social” (Gregolin, 2003, 96) e problematizar mecanismos de representação da identidade pelos quais se reconfiguram a história e a memória em objetos da mídia. Neste momento, importa-nos enfatizar que a análise não visa um olhar crítico ao tratamento da dependência química, tampouco os meios para tal. Para compreender como determinados enunciados produzem sentidos para os sujeitos-mulheres pesquisadas, assistimos à trinta vídeos postados até dezembro de 2022. Desses, foram selecionados, dois vídeos para transcrição e análise. A seguir, expomos parte da transcrição dos vídeos para a contextualização dos acontecimentos e, depois, o processo analítico.

2.4 Transcrição do *corpus* de pesquisa

Nesta subseção exporemos o *corpus* de pesquisa analisado e parte da sua transcrição para que o leitor conheça um pouco mais a conversa analisada. Como mencionado anteriormente, trata-se de dois vídeos publicados na página de *Facebook* “Pai resgatando vidas”, Manaus. O primeiro vídeo é intitulado “Ana quer sair” e dele foram selecionados os recortes R5, R6, R7-C1 e R7-C2. Já o segundo vídeo é intitulado “Ana com abstinência” com os recortes R1, R2, R3, R4-C1, R4-C2, R8, R9, R10 e R11. A transcrição na íntegra pode ser consultada no Anexo B desta tese.

“Ana” R1

“Ana”: Tá torto, pai, Não está legal.

“Pai”: **A gente tá** deitado aqui. Gente, eu tô conversando aqui com a Ana. A Ana tá com uma crise de abstinência agora, nesse exato momento e ela quer sair por uma hora para usar a maldita droga e voltar, gente.

“Ana” R2

“Ana”: **Até os maiores médicos lá de Minas falaram** que eu não posso parar assim de vez

“Pai”: E tu acreditou no médico? São médico fulero.

“Pai”: Vocês tao vendo isso? Como é que **o diabo é sujo?**

“Ana” R3

“Olha pra cara desse **animal**”

“Ana” R4

R4-C1

“Que agonia pai que me da em ver isso **leva ela no medico** pede para medicar ela”

R4-C2

“Vai não aninha vai passar põe um pouquinho de **sal de baixo da língua** e destraiamente isso não mata não Ana”

“Aline” R5

“Outra pessoa”⁸: e a decisão vai ser essa ô Aline pai querido e amado na autoridade do teu nome senhor Jesus nós não queremos contar como uma derrota paizão nós não muito pelo contrário nós queremos que essa princesa senhor Jesus se dê valor paizinho nós não queríamos o Instituto não quer que ela volte para a rua paizinho nós sabemos que lá o inimigo tenta ceifar a vida deles o inimigo tenta de todas as maneiras tirá-lo senhor Jesus e na autoridade do teu nome paizinho porque ali naquela Cruz tu disse que teu nome tem poder tu diz que teu nome é capaz de nos desculpar os nossos pecados nos dar uma nova chance paizinho.

(Grifos nossos)

“Aline” R6:

Aline: eu vou sai pela **porta da frente... Só** queria li pedi **desculpa... só** isso

Pai: tu vai pra onde?

Aline: eu vou **pra rua de novo...** pai ((chorando))

Pai: éh isso que a gente não queh minha filha... que você volte pra lá

Aline: o problema eh eu mesma... **só** eu sei o que que eu tô passando... é **só isso**

[...]

Pai: quer usar droga?

Aline: num sei... num sei quando chegar lá fora com certeza neh... eu não vou menti

Pai: tu num tá vendo como que cê tá ficando bonita minha filha

Aline: eu to... pai

Pai: tu num tem um espelho que tu possa tá olhando pra ti

Aline: eu tenho um espelho que eu ganhei

Pai: olha pra ti aqui cara

Aline: **desculpa** mas... ((balança a cabeça para os lados)) não vai... hoje ninguém vai me segurar ((abaixa a cabeça)) (Grifos nossos)

“Aline” R7

R7-C1:

não de esse desgosto pro pai não quando vc entrou la vc **não era ninguém** e hj vc está uma **nova mulher erga a cabeça** siga em frente Deus tem o melhor pra vc ele não quer que vc desista **mulher ergue a cabeça** (Grifos nossos)

R7-C2:

O senhor tem que colocar pessoas que realmente querem se tratar e **essas meninas** são muito **preguiçosa** tem que colocar elas pra fazer as coisas (Grifos nossos)

“Ana” R8

“Pai”: **Senhoras e senhores**

“Pai”: **O que que eu faço agora** nesse momento aqui com a Ana?

⁸ “Outra pessoa” é uma mulher que ajudava a instituição, aparentemente, como voluntária.

“Pai”: Que a Abigail querendo tão aqui querendo
 “Pai”: Não eu tô falando aqui com vocês
 “Ana”: **Não** pai tu tá **gravando** pai **por favor**
 “Pai”: Não **nao to gravando** não minha fia Eu num to gravando não Nós tamos aqui oh
 É... olha aí a Ana Tá bonita ou num tá?
 “Ana”: Por favo, eu prometo pra ti num vai ser nem uma hora
 “Pai”: A a Ana quer sair da casa por uma hora e volta
 “Pai”: É e tu vai comigo pai
 “Pai”: Eu vou contigo.. DEUS ME LIVRE

“Ana” R9

“Pai”: Minha filha dessa droga tu já saiu
 “Ana”: Eu sei mas eu to com aquilo na minha cabeça assim que eu não vou conseguir
 assim de imediato
 [Respira]
 “Pai”: Lê os comentários das pessoas aí rapidinho então
 “Ana”: O senhor tá fazendo isso ao vivo meu deus do céu
 “Pai”: Ao vivo pro pessoal tem que entender

“Ana” R10

“Pai”: Gente... a Ana tá pedindo aqui pelo amor de Deus para mim deixar ela **pegar uma pedrinha bem pequenininha**
 “Ana”: Não precisa falar isso pai **por favor não brinca com a minha vida** você tá brincando com a minha vida
 “Pai”: Tá ela quer que eu deixe ela sair para **pegar um vento é assim que você quer falar pra eles?**
 “Ana”: Quero sair ver não sei talvez lá na hora não sei se deus fô muito grande e eu sei que ele é eu desisto pai mas agora enquanto aqui eu preciso disso eu sei que você não concorde comigo quem sabe eu chego lá e desisto disso (**Grifos nossos**)

“Ana” R11

“Pai”: Lá na casa nós estamos com 20 e poucos ela tá vendo todo mundo conseguir tá vendo a amiga dela lá consegui e vem com essa história que vai morrer mostra para ti que tu não vai morrer Mostra pra ti que tu não vai morrer mostra pro inimigo
 “Pai”: Ela tá conseguindo mas ela já teve quantas recaídas
 “Pai”: Uma uma
 “Ana”: É pois é mas teve né Eu não sou diferente
 “Pai”: Tu quer ter essa recaída hoje tu quer ter essa recaída hoje Quer que eu mando ele pegar uma pedra ali para ti
 “Ana”: Eu quero
 “Pai”: Aí tu sai da casa e vai voltar para rua por causa de uma pedra
 Pai eu quero fumar
 “Pai”: Eu vou pegar a tua pedra vou pegar eu vou te dar aí gente ela quer fumar pedra eu vou comprar é r\$ 10 uma pedra é vou dar os r\$ 10 dela olha só vocês vão acompanhar ela perder a benção dela para fumar uma porcaria que não vai demorar um minuto um minuto Um minuto ela vai perder a benção dela
 “Ana”: Hoje eu vou parar com isso mais tarde eu estou sentindo mais tarde lá Vou passar mal eu me conheço
 “Pai”: Não você não vai passar mal não você vai
 “Ana”: Eu conheço o meu corpo
 “Outro”: Mas também você conhece o seu corpo e não conhece na verdade
 “Ana”: E tu conhece

Com a exposição das conversas entre “Pai”/“Ana” e “Pai”/ “Aline”, passemos ao processo analítico. Por meio dele almejamos discutir como os discursos sobre o feminino e as drogas são produzidos e circulados na mídia *Facebook*; de que maneira esses discursos moldam a percepção pública sobre

mulheres e consumo de drogas; e como as relações discursivas entre o "feminino" e as drogas contribuem para a construção de verdades sobre as mulheres na sociedade contemporânea.

PARTE III
PRÁTICAS DE SI
Uma análise das subjetividades em jogo

As práticas de si envolvem o cuidado de si mesmo e a reflexão sobre a própria existência. Os indivíduos buscam conhecer a si mesmos mais profundamente e, com base nesse conhecimento, buscam transformar aspectos de sua subjetividade e conduta. Essas práticas podem incluir uma variedade de técnicas e disciplinas, como meditação, escrita de diários, exercícios espirituais, prática da virtude, entre outras. Foucault (1985) argumenta que essas práticas eram fundamentais para a constituição das subjetividades nesses períodos e que estão entrelaçadas com as dinâmicas de poder e controle social. As práticas de si estão intrinsecamente ligadas às estruturas de poder em uma sociedade. As normas éticas e morais que guiam essas práticas são muitas vezes influenciadas pelo contexto histórico e pelas relações de poder dominantes.

Embora as práticas de si possam ser vistas como formas de conformidade com as normas estabelecidas, Foucault (1985) também reconhece o potencial de resistência dentro delas. Os indivíduos podem subverter as normas dominantes através de práticas de si, criando assim espaços de liberdade e autonomia dentro das estruturas de poder. Em suma, as práticas de si representam uma forma de investigar como os indivíduos se relacionam consigo mesmos, com os outros e com o poder em uma determinada sociedade (Foucault, 1985). Essa abordagem proporciona uma visão crítica das dinâmicas de subjetivação e das relações de poder que permeiam a vida social e individual.

Nesta parte, os objetivos são: Discutir como e quais marcas linguísticas de subjetividade aparecem nos dizeres e compreender como os discursos constroem verdades sobre as mulheres. Para sustentar a análise, discutimos as noções-conceito que embasam a análise, especialmente, dos primeiros recortes e, em seguida, os imbricamentos com os dizeres analisados. O foco arqueológico consiste em estudar as camadas de episteme e como os enunciados se sobrepõem uns aos outros, além de investigar como esses discursos se organizam ao longo da história. Trata-se de compreender como produzimos conhecimento sobre práticas específicas.

Ao adotar uma abordagem genealógica, interessa compreender como as práticas constroem enunciados e diferencia a história das práticas de sexualidade e da loucura, por exemplo, da loucura, sem se deter em sua invenção, bem como construir práticas para lidar com essas questões. A análise concentra-se nas continuidades e transformações históricas, buscando compreender não as causalidades, mas as descontinuidades e transições entre situações.

A construção de um conceito nem sempre é positiva, e a história pode transitar entre a verdade e a ficção, sendo analisada a partir de jogos de diferença. Portanto, a história é composta por formas de denunciar verdades, onde a palavra assume um caráter simbólico dentro de um regime discursivo, contribuindo para a construção de uma realidade particular. Os discursos têm o poder de construir relacionamentos, inclusive nas redes sociais. Os recortes discursivos se acumulam e consolidam verdades ao longo do tempo, sendo vital compreender esse processo. Tais recortes, enquanto discursos, se conjugam em dispositivos, que representam conjuntos de discursos em funcionamento, criando uma realidade particular sob a forma de um filtro discursivo.

Para Foucault (1979), não se trata de investigar a causa de algo, mas sim de analisar como uma situação se transforma em outra. As instituições de reclusão selecionam corpos considerados improdutivos pela sociedade, enquanto as instituições disciplinares objetivam domesticar o corpo. Como os ambientes de trabalho, por exemplo, moldam os corpos? Com base nos estudos de Foucault (1979), poderíamos responder da seguinte forma: por meio de práticas simbólicas de poder. Afinal, o que é o simbólico? Entendemos, por meio do que Lacan (1985a) denomina tríade do Real, do simbólico e do imaginário, sendo uma estrutura fundamental para compreender a psicanálise lacaniana e a constituição do sujeito. O Real, como descrito por Lacan (1985a), é uma dimensão que vai além da linguagem e da representação simbólica, como algo que sempre retorna ao mesmo lugar, resistindo à completa assimilação ao sentido. Esta dimensão está associada a experiências de trauma, angústia e inassimilável na psique humana.

Por outro lado, o Simbólico é a ordem da linguagem, do significante e da cultura. Lacan descreve o Simbólico como aquilo que emerge do Outro, indicando sua natureza intersubjetiva e social. Ele é concebido como a cadeia

significante que organiza e estrutura a experiência humana, mediando as relações entre os sujeitos e o mundo ao seu redor.

O Imaginário, por sua vez, é a dimensão da identificação, das imagens especulares e das ilusões de completude. É neste domínio que o sujeito forma sua imagem unificada do eu, muitas vezes pela identificação com imagens idealizadas e fantasias narcísicas. Lacan (1985a) descreve o Imaginário como um processo de especularização, destacando sua relação com a imagem do espelho e a identificação narcísica, ao mesmo tempo em que sublinha que esta completude é sempre perdida. É a partir do imaginário que Lacan (1985a) destaca a influência do inconsciente na formação da subjetividade. De acordo com Lacan (1985a), o sujeito do inconsciente é descentrado e dividido, marcado por uma falta estruturante que o torna sempre incompleto e alienado. Esse sujeito é constituído por processos inconscientes e linguísticos que escapam ao controle consciente, e sua identidade é construída através de uma série de significados e significantes que operam abaixo do nível da consciência.

Para Lacan (1985a), o sujeito do inconsciente é fundamental para entender a natureza da psique humana e o funcionamento do desejo. Lacan (1985a) enfatizou a importância do inconsciente na formação da identidade, argumentando que o inconsciente não é simplesmente um depósito de impulsos reprimidos ou desejos reprimidos, mas sim um sistema estruturado de linguagem e significação. Nesse contexto, o sujeito do inconsciente não é um eu unificado e consciente, mas uma construção complexa formada através de processos linguísticos e simbólicos, o sujeito é descentrado e fragmentado. Ele descreveu o sujeito como sendo "barrado", indicando que há uma divisão fundamental entre o eu consciente e o inconsciente. Essa divisão é representada pelo "Nome-do-Pai", que descreve a entrada do sujeito na ordem simbólica através da linguagem e das normas sociais.

Além disso, Lacan (1985a) introduziu o conceito de "objeto a" para descrever o objeto perdido que causa o desejo humano. Esse objeto é inatingível e está além do alcance do sujeito, mas é o motor do desejo e da busca incessante por satisfação. O sujeito do inconsciente é, portanto, moldado por seu relacionamento com esse objeto a, que é tanto uma fonte de prazer quanto de angústia.

O sujeito nunca se torna totalmente consciente de seu inconsciente, pois sempre há aspectos que permanecem inacessíveis e opacos. Em suma, o sujeito do inconsciente, conforme concebido por Lacan, é uma construção complexa formada através da linguagem, do simbolismo e do confronto com o desejo. Ele é descentrado, fragmentado e constantemente em busca de um objeto perdido que o completa, mas que permanece inatingível.

Para introduzir, ao leitor desta tese, os dizeres que problematizamos, discutimos os primeiros recortes discursivos selecionados da transcrição dos vídeos postados na página do *Facebook* e do *Youtube* “Pai resgatando vidas”, Manaus, sendo os vídeos: “Aline quer sair” e “Ana está com abstinência”. Para tanto, destacamos que a mídia e rede social (como o *Facebook* e o *Youtube*), produz sentidos e representações que constituem o imaginário social, construindo uma história do presente por meio do resgate de memórias e interdiscursos (Gregolin, 2003). Dessa forma, esta tese se torna uma problematização sobre a história do presente das mulheres e sua relação de uso e abuso de drogas.

3.1 O enunciado “Pai”

Discutimos, a partir de agora, sobre o primeiro vídeo “Ana está com abstinência”. No vídeo, “Ana” diz estar com abstinência e precisa sair um pouco da casa, mas quer voltar depois, como no trecho a seguir:

“Ana” R1

Ana: Tá tor::to pai... não está legal::

Pai: A gente tá deitado aqui gente... eu tô conversando aqui com a Ana... A Ana tá com uma crise de abstinência agora... nesse exato momento ((respiros)) e ela quer sair por uma hora para usar a maldita droga e voltar..Gente.

(Grifos nossos)

Neste excerto, há o uso da expressão “A gente tá”, expressão que indica proximidade e informalidade (“A gente tá deitado aqui”), uma situação de interação e diálogo (“gente... eu tô conversando aqui com a Ana...”), um tom de urgência ou preocupação (“A Ana tá com uma crise de abstinência agora... nesse exato momento ((respiros))”). Além de características de fala coloquial e familiar, observamos elementos de poder e controle em jogo. Por exemplo, a referência a uma figura de autoridade, o “Pai”, que é mencionada como uma fonte de

correção ou julgamento ("Tá tor::to **pai**... não está legal:: "). Isso sugere dinâmicas de poder e hierarquia dentro do grupo representado no diálogo.

A expressão de urgência e o desejo de retornar após o uso da droga também implicam em um padrão normativo de comportamento e de conduta, moldado por fatores sociais e culturais. A dicotomia entre "usar a maldita droga" e "voltar" destaca a ambiguidade e a complexidade da relação de "Ana" com a droga, que é tanto um alívio temporário quanto uma fonte de sofrimento contínuo. Essa ambiguidade desafia as representações simplistas do vício e da recuperação, revelando a complexidade da experiência humana.

Para Derrida (1995), as oposições aparentemente claras entre conceitos, como presença/ausência, interior/exterior, verdadeiro/falso, são mais complexas do que parecem. Ele sugere que essas dicotomias são interdependentes e se entrelaçam de maneiras complexas. Por exemplo, em vez de considerar presença e ausência como opostos, Derrida argumenta que a ausência pode estar presente na presença e vice-versa, desafiando assim a separação estrita entre esses conceitos. Em "Ana" R1, por exemplo, para alguém com abstinência, a droga está presente em sua ausência.

Sobre a palavra "Pai", usada para designar a pessoa responsável pelo instituto, entendemos que não possui um sentido fixo ou unívoco, mas sim uma multiplicidade de sentidos que variam de acordo com o contexto e a experiência individual de cada pessoa. Por exemplo, "pai" pode ser entendido literalmente como uma figura paterna, mas também pode evocar ideias de autoridade, proteção, cuidado, ou até mesmo de ausência ou negligência, dependendo das experiências pessoais e das relações de cada pessoa com essa figura. No recorte enunciativo em questão, a autoridade do "pai" é questionada pela crise de abstinência de Ana. Apesar de ser chamado de "pai", sua autoridade é desafiada pela situação, onde "Ana" expressa seu desejo de usar drogas. Isso destaca a fragilidade da autoridade e revela que a posição de poder do "pai" não é incontestável.

À função simbólica do pai na cultura e na sociedade, refere-se o Nome-do-pai, que é crucial para o desenvolvimento psíquico do sujeito. Como exposto anteriormente, para Lacan (1985a), o Nome-do-Pai é um conceito central que desempenha um papel fundamental na estruturação da psique humana e na entrada do sujeito na ordem simbólica. Lacan (1985a) descreve o Nome-do-Pai

como um significante que introduz o sujeito na ordem simbólica, mediando sua relação com a linguagem e as normas sociais. Essa função simbólica do pai não se limita apenas ao pai biológico, mas refere-se mais amplamente à figura paterna como representante da lei, da autoridade e da estrutura simbólica da cultura. Sobre isso, Lacan (1998, p. 279) discute que:

É no nome do pai que se deve reconhecer o suporte da função simbólica que, desde o limiar dos tempos históricos, identifica sua pessoa com a imagem da lei. Essa concepção nos permite estabelecer uma distinção clara, na análise de um caso, entre os efeitos inconscientes dessa função e as relações narcísicas, ou entre eles e as relações reais que o sujeito mantém com a imagem e a ação da pessoa que a encarna, daí resultando um modo de compreensão que irá repercutir na própria condução das intervenções.

É por meio do Nome-do-Pai que o sujeito entra em relação com as regras e os significados compartilhados pela sociedade. O Nome-do-Pai desempenha um papel crucial na resolução do Complexo de Édipo, pois é a partir da identificação com o pai e da internalização de suas proibições e normas que o sujeito começa a formar sua identidade e a se orientar dentro da cultura. Além disso, o Nome-do-Pai também está relacionado à função de castração simbólica, que marca a entrada do sujeito na ordem da linguagem e da lei. Portanto, o Nome-do-Pai não é apenas uma figura paterna concreta, mas um significante que representa a autoridade simbólica e a estruturação da psique humana. Sua presença é essencial para o desenvolvimento psíquico do sujeito e para sua integração na ordem simbólica da cultura.

A palavra "pai" tem origem na língua latina, mais especificamente no termo "pater". Essa raiz também se encontra nas palavras derivadas como paternidade, paterno, paternal, entre outras (Neves, 2019). O termo "pater" por sua vez vem do proto-indo-europeu *pəter-*, que expressava a figura do pai. Essa palavra era utilizada para se referir ao pai biológico, mas também tinha um sentido mais amplo, relacionado à figura de autoridade, proteção e poder dentro da esfera familiar.

A figura paterna, representada pela palavra "pai", possui uma carga cultural e simbólica muito significativa em diferentes culturas e sociedades ao longo da história. O pai é tradicionalmente visto como o provedor e protetor da família, com responsabilidades de orientação e educação dos filhos (Neves, 2019). No entanto, é importante ressaltar que a concepção do papel do pai e as

representações simbólicas associadas a ele podem variar em diferentes contextos culturais e ao longo do tempo. Os estudos nas áreas da psicologia e sociologia – como de Ribeiro (2010) “Paternidades contemporâneas: Reconfigurações na relação pai-filho” – têm demonstrado como as noções de paternidade têm evoluído e se transformado, questionando os padrões tradicionais e abrindo espaço para uma compreensão mais ampla e diversa do papel do pai na sociedade contemporânea. Em suma, a palavra "pai" tem uma etimologia que remonta à língua latina e seu significado se relaciona com a figura de autoridade e proteção na esfera familiar, embora sua concepção possa variar cultural e historicamente.

3.2 O diabo e o animal

Apresentamos uma breve discussão sobre práticas de subjetivação a partir do discurso religioso cristão e do discurso médico interpretado na conversa entre “Ana” e “pai” (segundo vídeo, “Ana está com abstinência”).

“Ana” R2

“Ana”: Até os maiores médicos lá de Minas falaram que eu não posso parar assim de vez.

“Pai”: E tu acreditou no médico? São médico fulero.

“Pai”: Vocês tão vendo isso? Como é que o diabo é sujo?

(Grifos nossos)

No recorte “até os maiores médicos lá de Minas falaram que eu não posso parar assim de vez, pai” expressa um argumento de autoridade, uma forma de exercer poder a partir do saber médico, que regula a verdade por meio de um conjunto de enunciados como “não posso” e “Até os maiores médicos lá de Minas falaram”. Esses enunciados produzem poder sobre o sujeito de tal forma que têm efeito em sua subjetividade, uma vez que o sujeito olha para si a partir desses saberes. Nessa relação de poder, nesse embate, atravessa o discurso religioso cristão, a partir da qual crê-se que o “diabo” está sempre contra o sujeito, e é “sujo”. Essa situação de enunciação produz alguns efeitos de sentido como a impureza, a desonestidade e a imoralidade a partir do enunciado “o diabo é sujo”.

Nos enunciados “E tu acreditou no médico? São médico fulero” e “Vocês tao vendo isso? Como é que o diabo é sujo?”, o discurso médico, geralmente,

tido como verdadeiro, torna-se refutável quando no embate com o discurso religioso cristão. O conhecimento científico perde o status de verdadeiro quando contradiz o saber religioso. Assim como o discurso médico, o discurso religioso cristão também produz efeitos sobre os sujeitos, “pai”, “Ana” e “internautas”. Produz-se o efeito de controle sobre o corpo do outro.

Dentro da casa, “Ana” tem acesso ao atendimento médico e de estética. A sua constituição enquanto sujeito de direito se dava a partir do momento que estaria na casa, não a partir da sua capacidade de desenvolver um saber sobre si e sua relação com as drogas. A gestão da saúde e do corpo fundamenta a inserção do sujeito nos serviços de saúde a partir do dispositivo da medicalização (Fiore, 2002). O sujeito se torna objeto de uma intervenção, segundo Foucault (2008), biopolítica, um modo de governo que surge na modernidade e que tem como foco a gestão e controle da vida, particularmente das populações. Diferente dos mecanismos de poder soberano, que se concentravam no direito de tirar a vida ou deixar viver, o poder biopolítico busca fazer viver e deixar morrer, concentrando-se em práticas que visam maximizar a saúde, a produtividade e a longevidade dos corpos e populações.

A palavra Diabo é carregada de sentidos e interpretações diferentes, dependendo do contexto em que é utilizada. De acordo com Souza, Abumanssur e Júnior (2019), em um sentido religioso, o Diabo é um ser sobrenatural considerado a personificação do mal, opositor de Deus e responsável por tentar os seres humanos ao pecado. Nesse sentido, é frequentemente associado à imagem de um ser demoníaco, com chifres e rabo. No entanto, ainda segundo Souza, Abumanssur e Júnior (2019), o termo também pode ter uma conotação figurativa, sendo usado para descrever uma pessoa considerada má, cruel ou mal-intencionada. Nesse sentido, é comum ouvirmos expressões como "ele é um verdadeiro diabo" ou "aquela mulher é o próprio diabo em forma de gente". Nesses casos, a referência não se dá diretamente à figura religiosa, mas sim a características negativas atribuídas ao Diabo.

Há ainda o uso do termo Diabo como uma forma de expressão ou interjeição, usada para transmitir surpresa, indignação ou enfatizar uma experiência negativa. Por exemplo: "Diabo, como essa comida está salgada!" ou "Diabo, meu carro quebrou de novo!" Sendo assim, a palavra Diabo possui uma multiplicidade de sentidos e interpretações, que vão desde seu contexto religioso

até seu uso figurativo e artístico. É importante considerar essas diferentes perspectivas ao analisar o seu sentido em determinados discursos. Em “como o diabo é sujo”, assim como o discurso médico, o discurso religioso cristão também produz efeitos sobre os sujeitos “pai”, “Ana” e “internautas”. Produz-se efeito de controle sobre o corpo do outro. Quando isso acontece, pode-se atribuir ao outro características não humanas como na situação exposta a seguir. “Ana” e “pai” foram passear de carro quando viram uma pessoa na rua e pai teceu o comentário:

“Ana” R3

Outra pessoa: “Olha pra ca:ra desse animal”
(Grifos nossos)

Essa forma de estigmatização baseada na animalização das pessoas usuárias de drogas costuma ser alimentada por preconceitos, estereótipos e falta de conhecimento acerca do problema das drogas e das complexidades associadas ao uso e dependência química. Ao serem tratadas como inferiores ou subumanas, essas pessoas são frequentemente alvo de discriminação, violência e exclusão social (Corrêa, 2016).

Com base nos estudos de Goffman (2008), entendemos que a animalização das pessoas usuárias de drogas é um fenômeno complexo que está relacionado à desumanização e estigmatização desses indivíduos. Esse processo envolve a representação pejorativa e redutora das pessoas que fazem uso de substâncias psicoativas, muitas vezes retratando-as como seres inferiores, primitivos, irracionais ou desprovidos de dignidade e direitos humanos. Notamos que o uso do enunciado “olha” manifesta sentido imperativo, chamando a atenção não somente de “Ana”, mas dos espectadores. Convida-os a concordar com o “Pai”.

É importante destacar que a animalização das pessoas usuárias de drogas contribui para a perpetuação de uma visão distorcida e pejorativa sobre o problema das drogas, dificultando a implementação de políticas de saúde mais humanizadas e eficazes. Combatendo essa forma de estigmatização, é possível promover uma abordagem mais empática, respeitosa e inclusiva em relação às pessoas que enfrentam o problema do uso de drogas. Sobre o vídeo do qual

analisamos a transcrição, segue dois comentários realizados pelos seguidores da página.

“Ana” R4

R4-C1 (recorte 4 – comentário 1)

“Que agonia pai que me da em ver isso **leva ela no medico** pede para medicar ela”

R4-C2 (recorte 4 – comentário 2)

“Vai não aninha vai passar põe um pouquinho de **sal de baixo da língua** e destrai a mente isso não mata não Ana”

(Grifos nossos)

É importante observar que os comentários refletem uma dinâmica de poder onde os indivíduos estão se envolvendo em aconselhamento e sugestões sobre como lidar com uma situação específica, relacionada à saúde de "Ana". Essa dinâmica reflete a disseminação do poder por meio do conhecimento, onde os indivíduos compartilham informações e conselhos uns com os outros, exercendo uma forma de poder sobre o que é considerado adequado ou correto. A menção ao médico e à medicação sugere a influência da autoridade médica e do sistema de saúde como formas de controle social.

Para Foucault (1999), a medicina e as instituições médicas exercem poder sobre os corpos e as vidas das pessoas, regulando o que é considerado normal e patológico, e prescrevendo tratamentos específicos para corrigir desvios. A sugestão de usar sal e distrair a mente como forma de tratamento reflete a disseminação do conhecimento popular e práticas de autocuidado. Os efeitos de sentido podem ser interpretados em diferentes níveis: o sal como substituto da substância psicoativa, algo físico que tenta desviar o foco, um ritual de alívio; o sal como efeito placebo, oferecendo uma suposta sensação de controle sobre o corpo; e o sal como símbolo de purificação e proteção, uma vez que é utilizado em rituais religiosos para afastar o mal ou proteger de energias negativas, pode purificar os efeitos negativos da abstinência.

Interpretamos os comentários como uma manifestação do biopoder, pelo qual os indivíduos buscam controlar a vida e o corpo do outro, muitas vezes recorrendo a práticas não médicas para lidar com problemas de saúde. No entanto, essa diversidade de conhecimentos e práticas também pode ser vista como uma forma de resistência ao poder institucionalizado da medicina e das estruturas de saúde, uma vez que os indivíduos procuram soluções alternativas ou complementares para seus problemas. Em suma, há uma interação complexa

entre formas de poder, conhecimento e resistência no contexto da saúde e do cuidado pessoal, revelando as dinâmicas de controle social subjacentes a essas interações aparentemente cotidianas.

3.3 Relações de poder e o poder sobre a vida

Encontrar uma forma de existir para além das normas é essencial. O poder não se resume à governança; não se possui, mas se exerce, pois está sempre em movimento (Foucault, 1979). Trata-se de uma dinâmica relacional que varia em suas manifestações, é inevitável viver alheio ao poder. As instituições do saber e do poder são, ao mesmo tempo, criadoras e reguladoras da verdade. Por exemplo, o saber médico consiste em um conjunto de discursos que fundamentam determinadas teses. A busca constante pela saúde por parte dos médicos se embasa em conhecimentos diagnósticos específicos, considerados verdadeiros e seguros. O diagnóstico, por sua vez, exerce uma grande influência sobre o indivíduo, detendo o poder de proferir verdades acerca de sua condição. As pessoas passam a se enxergar a partir desse diagnóstico, com impactos significativos em suas vidas, especialmente no caso de dependentes químicos.

Foucault (1979) também direciona seu interesse para a análise do funcionamento do poder, em vez de explicar sua essência. Este princípio se estende à questão da verdade, na qual estamos sempre respondendo ao poder mesmo sem compreendê-lo completamente. Discute-se as condições de iniciação de uma verdade, seus efeitos e nossas interações com ela, explorando, por exemplo, as razões que levam uma mãe a acreditar em uma falsa narrativa sobre um professor.

Dentre outros temas abordados, a biopolítica surge como um mecanismo de regulação e gestão da vida, envolvendo questões sobre quem vive e quem morre, bem como a gestão dos corpos em prol da maximização de lucros, em um contexto capitalista. Trata-se de um aparato tecnológico de saber e poder que regula as pessoas, gestando-se no interior do regime burguês disciplinar, com o objetivo de otimizar os lucros. O conceito de biopolítica se refere aos mecanismos de poder que visam regular e controlar não apenas os indivíduos como também as populações em nível biológico (Foucault, 1998). Nesse

contexto, as drogas podem ser vistas como um meio de exercer controle sobre os corpos, seja para suprimir sintomas indesejados, aumentar o desempenho ou manipular comportamentos.

Retomamos o fato de que os participantes (que buscam recuperação) da instituição “Pai resgatando vidas” moram durante três meses em uma casa. Após esse tempo, entende-se que estariam aptos a procurar um trabalho e morar em outro lugar, pois estariam “limpos”. Quando alguém sai da casa antes de findar o tempo, há sempre uma punição. A pessoa assina um termo de desistência e não pode voltar. Essa técnica de punição incide sob o corpo e modela, no corpo, a nossa subjetividade. Não obstante, também compõe o que Foucault (1999) chamou de biopoder, o poder que não manda matar, o poder que deixa morrer. Ao sair da casa, o termo assinado demonstra que não mais há a responsabilidade sobre aquele corpo. Sobre isso, observemos o seguinte excerto sobre o segundo vídeo, “Aline quer sair”:

“Aline” R5

“Outra pessoa”⁹: ((realiza a oração em Aline)) E a decisão vai ser essa? Ô Ali::ne::... Pai querido e amado **na autoridade do teu nome Senhor Jesus** nós não queremos contar como uma derrota Paizão mas muito pelo contrário Paizão... Nós queremos que essa princesa Senhor Jesus... SE DÊ VALOR... Paizão nós não queríamos/o **instituto** não quer que ela volte para a rua Paizão nós sabemos que lá:... o **inimigo** tenta ceifar a vida de:les... o **inimigo** tenta... de todas as maneiras **TIRÁ-LO Senhor Jesus** e na **autoridade do teu NO:me** Paizão porque ali naquela cruz tu disse que o teu nome tem poder tu disse que o teu nome é capaz de nos justificar os nossos pecados e nos dar uma nova chance... Paizinho DÁ uma nova chance para Aline.

(Grifos nossos)

A referência ao "inimigo" que tenta "ceifar a vida deles" indica uma dinâmica de poder na qual os indivíduos estão sujeitos a ameaças externas, mas também sugere a existência de um sistema de controle que tenta protegê-los. Isso pode ser interpretado dentro do contexto do biopoder, onde as instituições procuram regular a vida e a morte das pessoas para manter a ordem social. Além disso, a menção à rua como um espaço perigoso, onde a vida está constantemente ameaçada, ressoa com as ideias de Foucault sobre os espaços disciplinares e de controle. Para Foucault (1999), certos espaços, como as instituições prisionais ou os hospitais psiquiátricos, são projetados para exercer controle sobre os corpos e regular o comportamento dos sujeitos. Portanto,

⁹ “Outra pessoa” é uma mulher que ajudava a instituição, aparentemente, como voluntária.

destacam-se as dinâmicas de poder, controle e regulação que estão em jogo, bem como a maneira como as instituições exercem influência sobre a vida e a morte dos indivíduos.

No excerto, ocorre uma espetacularização por meio de diversos elementos discursivos que enfatizam a dramaticidade da situação e reforçam uma narrativa emocionalmente intensa. O uso de vocativos como "pai querido e amado", "senhor Jesus", "paizinho", bem como a repetição enfática dessas expressões, contribui para a construção de um discurso carregado de devoção e apelo emocional. Essa escolha linguística não apenas reforça a dimensão religiosa do discurso, mas também busca envolver o espectador de forma mais afetiva e persuasiva. Além disso, há um jogo de oposição entre "nós não queremos contar como uma derrota" e "muito pelo contrário", que dramatiza o embate entre o fracasso e a redenção, um elemento comum em discursos espetacularizados. A referência ao inimigo que "tenta ceifar a vida", assim como a evocação do poder da cruz e da possibilidade de perdão, insere o discurso em uma lógica de luta espiritual, intensificando a noção de perigo e salvação. A repetição de termos como "autoridade do teu nome", "senhor Jesus", e "paizinho" funciona como um recurso estilístico para enfatizar o clamor e a súplica, criando um efeito de dramatização e reforçando a centralidade da fé na resolução da situação. Assim, é construída uma narrativa espetacularizada, em que a religiosidade e a emoção são mobilizadas para enfatizar a urgência e a importância da transformação da personagem em questão.

Os enunciados demonstram um discurso composto por elementos religiosos, como as referências a "Deus" e a "senhor Jesus". Esses termos funcionam como dispositivos de poder, evocando uma autoridade superior que busca influenciar a vida e as escolhas de "Aline". Por exemplo, expressões como "autoridade do teu nome senhor Jesus" e "na autoridade do teu nome paizinho" destacam a autoridade divina invocada para construir a subjetividade. Também há tentativas de controle por parte de quem fala, como na expressão "nós não queremos que ela abra e saia para aquela porta". Esse recorte discursivo ilustra uma desresponsabilização da instituição caso "Aline" saia, demonstrando uma dinâmica de poder em jogo. Isso acontece quando afirmam não responsabilizar pelo que acontecerá se "Aline" sair.

Podemos identificar a FD (formação discursiva) cristã, enquanto um sistema de formação de enunciados (Foucault, 2007), uma vez que há o uso recorrente de expressões religiosas, como "na autoridade do teu nome senhor Jesus", "paizinho", "Deus de milagre", "honra e glória do teu nome", entre outros. Essas expressões demonstram uma formação discursiva que integra a religiosidade e a busca de intervenção divina. Há uma referência à luta contra o inimigo, representado pelo vício, pela rua e por influências negativas.

Notamos a centralidade do nome próprio como ponto de controle e identificação, uma vez que a repetição frequente do nome "Aline" ao longo do texto destaca sua importância como um ponto de referência central. O nome funciona como um marcador de identidade, referindo-se à pessoa específica sobre a qual o discurso se concentra. Nesse sentido, o nome próprio é utilizado como um dispositivo de identificação e controle, destacando a presença e a suposta preocupação com a pessoa em questão. A repetição do nome também serve para singularizar e individualizar o sujeito.

Ao destacar repetidamente o nome próprio¹⁰, o discurso enfatiza a singularidade e a individualidade do sujeito em relação aos outros, contribuindo para a construção de sua identidade única dentro do contexto do discurso. Essa regularidade também reflete o exercício de poder e controle sobre a subjetividade. Ao repetir seu nome ao longo do discurso, os falantes buscam influenciar sua identidade, suas escolhas e sua autoimagem. Isso demonstra a maneira como os dispositivos de poder operam no nível da linguagem, moldando e controlando a subjetividade. Por outro lado, a repetição do nome próprio também pode ser interpretada como uma forma de resistência por parte dos sujeitos. Ao destacar continuamente a identidade da pessoa, os sujeitos buscam afirmar sua presença e sua importância, mesmo diante das dificuldades e desafios mencionados na transcrição analisada. A gravação desse vídeo é uma prática confessional pela qual o sujeito enuncia sobre si mesmo e cumpre o papel da teatralidade. Para falar, é preciso um outro que escuta e interpreta o enunciado, por exemplo, numa seção de terapia, o psiquiatra, ou num vídeo do *facebook*, os internautas.

¹⁰ Sobre o nome próprio, Lacan (1998, p. 495) dizia: "Também o sujeito, se pode parecer servo da linguagem, o é ainda mais de um discurso em cujo movimento universal seu lugar já está inscrito em seu nascimento, nem que seja sob a forma de seu nome próprio".

3.4 “Eu vou sair pela porta da frente”

Passemos ao sexto recorte, a transcrição de um trecho da conversa entre uma integrante da casa, “Aline”, e “Pai”, no vídeo publicado em 09 de junho de 2021.

“Aline” R6:

Aline: eu vou sair pela **porta da frente**... **Só** queria li pedi **desculpa**... **só** isso

Pai: tu vai pra onde?

Aline: eu vou **pra rua de novo**... pai ((chorando))

Pai: éh isso que a gente não queh minha filha... que você volte pra lá

Aline: o problema eh eu mesma... **só** eu sei o que que eu tô passando... é **só isso**

[...]

Pai: quer usar droga?

Aline: num sei... num sei quando chegar lá fora com certeza neh... eu não vou menti

Pai: tu num tá vendo como que cê tá ficando bonita minha filha

Aline: eu to... pai

Pai: tu num tem um espelho que tu possa tá olhando pra ti

Aline: eu tenho um espelho que eu ganhei

Pai: olha pra ti aqui cara

Aline: **desculpa** mas... ((balança a cabeça para os lados)) não vai... hoje ninguém vai me segurar ((abaixa a cabeça))

(Grifos nossos)

“Aline” R6:

Aline: ((choro)) () eu vim aqui falar com senhor () eu vou sair pela **porta da FRENTE**... **só** queria lhe pedir desculpas **SÓ** i::sso... ((choro))

Pai: Tu vai pra onde?

Aline: Eu vou **praRU::a:: de no::vo::**() pai:: ((choro))

Pai: Que é isso que a gente não quer: minha filha que você volte pra lá

Aline: ((choro)) eu sei... pa::i mais eu quero ir... () eu não quero que ninguém () fica me () **PRENDENDO** () ((choro)) ((respiro profundo))

Pai: Tris::te né pessoal não vou poder segurar ela gente... como eu falei ó: as portas tá aberta se ela quiser chocolate eu vou dar aquelas caixa com VINTE caixa ali... ((interrupção da fala por Aline)) todas pra ela...

Aline: Eu não:: quero ma::is

Colaboradora: num quer:: ir lá pra casa comigo?

Aline: ((choro)) não::... num quero ir::...

Colaboradora: () a gente vai pra reunião... () você fica comigo depois... eu te tra::go aí você fica...

Aline : Não::...

Colaboradora: depois eu te tra::go... aí tu fica...

Pai: A gente não tinha combinado de ir pu shopping ho::je... dá uma vol::ta minha filha?

Aline: Eu não:: quero pai... eu não que::ro...

Pai: VOCÊ QUER usar droga?

Colaboradora: Nã::o... não é... abstinência não... isso aí é...é:: esse relacionamento aí que ela se envolveu...

Pai: É o relacionamento?

Aline: NÃO! Não é! não é nada de relacio (n)amento que nem com o Macauli eu to mais:: des::de ontem:: de on::tem..(desde... on::tem a noi:te... desde...NÃO... NÃO É... não é por cau:as do maCAuli pelo AMOR DE DEUS... não é por causa de::le... É POR CAUSA DE MIM MÊS::MA... não é:: por causa dele...

Pai: É abstinência?

Aline: É:: também... tu::do::... é () envolve muita coi::sa

Pai: mas a gente QUER ajudar:: só pra gente entender:: as pessoas também que tão aqui todo mundo...Olha aqui ó::... TODO MUNDO chorando aqui ó::...todo mundo que tá te assistindo aqui ó.. milhõ::es de pessoas todo mundo assistindo e todo mundo chorando...todo mundo aqui tá torcendo por ti

Aline: EU SE::I di::sso... NÃO É por causa do macauli é por causa de:: MIM ((suspiro)) só isso que eu quero todo mundo sai::ba NINGUÉM culpa ele (por)que:: que ele não tem culpa de na::da o problema é EU mês::ma só eu sei o que que eu to passando... é:: só:: i::sso..

Pai: ()a gente nem cuidou () nem cuidou de ti direi::to::...filha

Aline: Eu se::i pai

Pai: A gente precisa cuidar de ti ()

Aline: Eu sei pai quem sabe eu não volte

Pai: Quer usar droga?

Aline: Num sei... num sei... quando eu chegar lá fora:: com cer::teza né::... ((respiro)) eu NUM VOU MENTIR!

Pai: Tu não tá vendo como você tá ficando buni::ta minha filha?

Aline: E eu::... tô...

Pai: Será que não tem um espelho pra que tu possa tá olhando... olha pra ti...cara::...

Aline: Eu () te::nho... um espe::lho:: que eu ganhei::...**Descul::pa::...mais...**

Colaboradora: Ai meu deus...Misericórdia senhor... ((súplica))

Aline: Não::...() Hoje ninguém vai me segurar::...((respiro))

(Grifos nossos)

O vídeo foi gravado a fim de expor a intenção de “Aline” de sair da casa, que explica que, ao contrário de outros integrantes, não quer fugir, sair escondido. Por esse motivo, “Aline” preferiu expor sua saída ao “pai” argumentando “eu vou sair pela **porta da FRENTE...**”. Esse recorte discursivo pode ser interpretado como uma forma de preservação da autoimagem a partir do item lexical “porta”, símbolo de travessia e possibilidades outras. Realizar essa afirmação se torna uma tentativa de mostrar a si e ao outro que o que está fazendo é correto, não é escondido. “Aline” expressa um desejo de sair, que pode ser visto como um exercício de liberdade pessoal. No entanto, o pai tenta exercer controle para protegê-la, expressando um desejo de evitar que ela volte à rua. A partir dos estudos de Derrida (1995), interpretamos que a dicotomia entre liberdade e controle é instável, isso porque a liberdade de “Aline” está inserida em um contexto de dependência e vulnerabilidade, e o “controle” do pai é motivado por uma preocupação que também contém elementos de amor e proteção. Assim, a liberdade de Aline e o controle do pai estão interligados e não podem ser totalmente separados.

Nos trechos “o problema é EU mês::ma só eu sei o que que eu to passando... é:: só:: i::sso..” e “Tu não tá vendo como você tá ficando buni::ta minha filha?”, “Aline” afirma que seu problema é algo que só ela pode compreender completamente, enquanto o pai tenta apontar uma mudança

positiva externa (“ficando bonita”). A experiência individual de “Aline” e a compreensão externa do pai não são mutuamente exclusivas. A experiência de “Aline” está sendo moldada pelas percepções e interações com os outros, e a preocupação do pai perpassa uma tentativa de entender e ajudar a partir de sua perspectiva. Portanto, a experiência individual e a compreensão externa são entrelaçadas, cada uma influenciando e refletindo a outra.

“Aline” entende que não está agindo de acordo com as normas vigentes e, ao mesmo tempo, ecoa força argumentativa no cumprimento de uma norma moral como agir de modo, aparentemente, transparente. O que marca essa tentativa de transparência no dizer é, também, a regularidade dos itens “só”, “só isso” e “desculpa” no enunciados “**só** queria lhe pedir **desculpas** **SÓ** i::sso... ((choro))”, “**só** eu sei o que eu tô passando, é **só isso**” e “**desculpa** mas...”. Diante do sentimento de culpa, faz-se um apelo a partir do pedido de desculpa na tentativa de univocidade do dizer, que de acordo com Da Silva (no prelo – artigo do livro) se torna uma tecnologia de correção. A culpa de “Aline” é potencializada com os comentários do “pai” e dos internautas, que tentam persuadi-la a continuar na casa. Sobre os comentários, expomos dois, a seguir.

“Aline” R7

R7-C1 (recorte 7 – comentário 1):

não de esse desgosto pro pai não quando vc entrou la vc **não era ninguém** e hj vc está uma **nova mulher erga a cabeça** siga em frente Deus tem o melhor pra vc ele não quer que vc desista **mulher ergue a cabeça** (Grifos nossos)

R7-C2 (recorte 7 – comentário 1):

O senhor tem que colocar pessoas que realmente querem se tratar e **essas meninas** são muito **preguiçosa** tem que colocar elas pra fazer as coisas
(Grifos nossos)

No primeiro comentário, notamos termos pueris como “quando vc entrou la vc **não era ninguém**” atribuído à “Aline”, dando-lhe uma característica além da animalesca, a da não existência, descaracterizando-a como ser humano. Dessa forma, o lugar da mulher que usa e abusa de drogas se torna o lugar do anormal e a partir do momento que entra em tratamento torna-se alguém, torna-se normal. No segundo comentário (R7-C2), notamos o termo “preguiçosa” no recorte discursivo “essas meninas são muito preguiçosa”. Esse item lexical não desqualifica somente “Aline”, desqualifica “essas meninas”. Aponta-se para um grupo de meninas crianças, não mulheres adultas, demonstrando uma

infantilização a partir do discurso da responsabilidade, uma vez que o outro a vê como alguém que não contribui para a sociedade, simbolizada pela casa.

O discurso pueril, da infantilização, interpretado por meio dos itens lexicais “ninguém”, “preguiçosa” e “meninas”, é, também, discurso da moralização construído a partir do problema social do medo das drogas. Assim, entendemos que os comentários do *Facebook* significam, além de prática de si, mais uma tecnologia de correção do outro¹¹.

3.5 Subjetividades discursivas

Nos excertos analisados, a presença do item lexical "pai" introduz dinâmicas de poder e hierarquia, onde ele é referenciado como uma fonte de correção ou julgamento. Essa autoridade é desafiada pela situação de crise de abstinência enfrentada por “Ana”, descrevendo a complexidade das relações de poder. Por outro lado, a descrição da situação de crise de abstinência de “Ana” destaca a ambiguidade e complexidade de sua relação com as drogas. Enquanto a droga é apresentada como uma fonte de alívio temporário, também é reconhecida como uma fonte de sofrimento contínuo, desafiando as representações simplistas do vício e da recuperação. Além disso, a análise derridiana das dicotomias oferece uma perspectiva para compreender a situação de “Ana”, destacando a interdependência de conceitos como presença/ausência.

A análise do excerto “Aline”R2 destaca a regularidade dos termos "só" e "desculpa" nos enunciados, indicando uma tentativa de simplificar e justificar suas intenções, especialmente diante do sentimento de culpa percebido. Esse uso de linguagem reflete uma estratégia de univocidade do discurso, conforme descrito por Da Silva (2022) quando afirma que o pedido de desculpas funciona como uma tecnologia de correção. A culpa é intensificada pelos comentários do "pai" e dos internautas, que tentam persuadir “Aline” a permanecer na casa. Essa pressão social contribui para seu conflito interno sobre permanecer ou sair, ampliando seu sentimento de inadequação.

¹¹ Como Foucault (1988), que entende a sexualidade como uma tectonologia, Lauretis (1994), percebe gênero como resultado de tecnologias sociais (como o cinema), o gênero como um efeito dessas tecnologias.

Os comentários presentes no *Facebook* demonstram termos pejorativos e infantilizantes atribuídos a "Aline" e ao grupo de mulheres usuárias de drogas. O primeiro comentário ("Aline" R7-C1), ao descrever "Aline" como "ninguém" quando entrou na casa, destaca uma tentativa de desumanizá-la, relegando-a a um status de anormalidade. No segundo comentário ("Aline" R7-C2), a palavra "preguiçosa" é utilizada não apenas para desqualificar "Aline", mas também para estender essa desqualificação a todo o grupo de mulheres, infantilizando-as e negando-lhes a autonomia e maturidade. Esses discursos, permeados por termos infantis e moralizantes, revelam uma tentativa de correção e controle do comportamento.

Em "Aline" R5, A menção ao "inimigo" que ameaça a vida dos indivíduos indica a existência de um sistema de controle que busca protegê-los, demonstrando dinâmicas de biopoder e disciplina. Em "Ana" R2, o embate entre os discursos médico e religioso demonstra uma disputa de autoridade e saber na tentativa de influenciar as escolhas e a subjetividade. A referência ao "diabo" como uma entidade suja e malévola revela a influência do discurso religioso na percepção do certo e do errado, criando uma dicotomia moral que se contrapõe ao conhecimento científico representado pelos médicos. Essa tensão entre diferentes formas de conhecimento e valores representa como as instituições exercem poder sobre os sujeitos e moldam suas identidades e escolhas. Em "Ana" R6, a estigmatização e desumanização das pessoas usuárias de drogas, exemplificada pela animalização de uma pessoa na rua, revela os preconceitos e estereótipos presentes na sociedade em relação a esse grupo. A representação pejorativa com o uso do item lexical "animal" contribui para a perpetuação da discriminação, violência e exclusão social.

Pelos comentários, principalmente em "Ana" R4-C1 e R4-C2, notamos a disseminação do poder por meio do conhecimento, demonstrando como os sujeitos (internautas) compartilham percepções sobre o que é considerado adequado ou correto em determinada situação. A menção à autoridade médica e ao sistema de saúde aponta a influência das instituições médicas na regulação da vida e do corpo das pessoas, conforme discutido por Foucault (1999) a partir da noção-conceito de biopoder. Ademais, a sugestão de tratamentos alternativos, como o uso de sal e métodos de distração, revela a presença de práticas de autocuidado e a busca por soluções fora do âmbito médico

tradicional. Essas práticas, embora possam ser vistas como formas de resistência ao poder institucionalizado da medicina, também demonstram a complexidade das interações entre diferentes formas de poder, conhecimento e resistência. Na próxima seção, onde expandimos o processo analítico, entenderemos que esse poder sobre a vida também pode ser compreendido a partir do que Debord (2003) chamou de espetacularização.

PARTE IV

ACONTECIMENTO DISCURSIVO: UMA ANÁLISE SOBRE A ESPETACULARIZAÇÃO DA VIDA

Os discursos têm o poder de construir relacionamentos, inclusive nas redes sociais, acumulam e consolidam verdades ao longo do tempo. São essas verdades, construídas sobre as mulheres, em relação ao poder e saber que buscamos problematizar e, nesta seção, investigar as práticas discursivas e sua influência na história e memória. Consideramos que os discursos se conjugam em dispositivos, que representam conjuntos de discursos em funcionamento, criando uma realidade particular sob a forma de um filtro discursivo. Os trechos analisados produzem efeitos de sentido de uma suposta preocupação do “pai” em relação às pessoas atendidas na instituição, inclusive, afirma que busca atendimento médico, psicológico, estético e religioso aos atendidos. Porém, com as últimas notícias, pudemos questionar ainda mais suas atitudes. Na página, uma realidade particular foi construída a partir do uso de enunciados que consolidavam verdades e constituíam discursos. A fim de questionar esses discursos, a seguir, analisamos outros recortes enunciativos selecionados da transcrição dos vídeos. Entretanto, desta vez, cruzando discussões sobre as notícias da prisão do “pai” e do seu filho, que também trabalhava na instituição. Primeiramente, expomos as notícias, depois, prosseguimos a análise.

Ao pesquisar notícias sobre a página “Pai resgatando vidas”, em maio de 2024, as primeiras são: “Chefe de ONG é investigado por abusos sexuais contra usuárias de drogas em troca de comida e itens de higiene, aponta inquérito”; “Preso pela polícia, dono da ONG “Pai resgatando vidas” ia concorrer ao cargo de vereador de Manaus pelo MDB de Eduardo Braga”; “Graças à Thaysa Lippy, ONG Pai resgatando vidas virou ‘utilidade pública’ em Manaus”; e “Operação prende responsáveis por ONG suspeita de lavar dinheiro de doações para pessoas em situação de rua em Manaus”. Para além das notícias sobre a prisão, uma petição também chamou atenção. Como exposto no capítulo metodológico, algumas pessoas que acompanhavam as redes sociais da página criaram uma petição online para angariar assinaturas alegando que não houve humilhação dos internos no projeto “Pai resgatando vidas-Manaus”. Também expomos, a seguir, um recorte da petição nesta parte da pesquisa.

4.1 A prisão do pai: um acontecimento discursivo

No dia sete de maio de 2024, “pai” e seu filho, co-fundador da ONG, foram presos pela polícia civil do Amazonas por suspeita de lavagem de dinheiro. A notícia foi disponibilizada no site do G1, segue algumas notícias a respeito e a petição mencionada anteriormente.

FIGURA 1: Prisão do pai



Disponível em: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2024/05/07/operacao-da-pc-prende-responsaveis-por-ong-que-deveria-ajudar-pessoas-em-situacao-de-rua-em-manaus.ghtml>

FIGURA 2: Prisão do pai



Disponível em: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2024/05/08/chefe-de-ong-e-investigado-por-abusos-sexuais-contra-usuarias-de-drogas-em-troca-de-comida-e-itens-de-higiene-aponta-inquerito.ghtml>

FIGURA 3: Prisão do pai



Disponível em: <https://radaramazonico.com.br/preso-pela-policia-dono-da-ong-pai-resgatando-vidas-ia-concorrer-ao-cargo-de-vereador-de-manaus-pelo-mdb-de-eduardo-braga/>

FIGURA 4: Prisão do pai



Disponível em: <https://amazonas1.com.br/gracas-a-thaysa-lippy-ong-pai-resgatando-vidas-virou-utilidade-publica-em-manaus/>

FIGURA 5: Prisão do pai

Disponível em?: <https://peticaopublica.com.br/viewsignatures.aspx?pi=BR121842>

As notícias revelam uma operação da Polícia Civil do Amazonas que resultou na prisão de indivíduos envolvidos em uma ONG em Manaus, a qual deveria auxiliar pessoas em situação de rua e uso/abuso de drogas. No entanto, a organização foi acusada de desviar recursos e falhar em cumprir suas obrigações. Esse acontecimento ilustra uma discrepância marcante entre a missão declarada da ONG e a realidade de má gestão e corrupção, de acordo com a notícia do G1, criando um contraste que visa impactar a opinião pública. Notamos que as narrativas expostas nas notícias enfatizam a traição da confiança depositada em instituições voltadas para o bem-estar social e destaca a necessidade de uma supervisão mais rigorosa. Nesse caso, onde estaria a responsabilidade social? Acreditamos que deveria estar na transparência e no compromisso ético da ONG com as pessoas que ela se propôs a ajudar. A sociedade confia nessas instituições para oferecer suporte a populações vulneráveis, e quando há desvios de recursos e falhas no cumprimento dessa missão, ocorre uma quebra de confiança que prejudica tanto os beneficiários diretos quanto a credibilidade do setor social como um todo.

As ONGs no Brasil ganharam importância ao longo das últimas décadas, especialmente após a democratização do país e a expansão do setor civil. Muitas dessas organizações surgiram para preencher lacunas deixadas pelo Estado em áreas como assistência social, saúde e educação. No entanto, a falta de regulamentação adequada e a dificuldade em monitorar a atuação dessas entidades frequentemente resultam em casos de desvio de recursos e outras

irregularidades. Escândalos de corrupção dentro de ONGs não são novos, e episódios como o descrito nas notícias ilustram a persistência desses problemas. Notamos que as notícias apresentam termos como “suspeita” e “investigado”. Palavras que apontam sentidos daquilo que não é comprovado, é uma possível verdade, enunciados que constituem o discurso jornalístico.

Segundo a notícia, a operação da Polícia Civil não só busca lidar com a má conduta identificada, mas também servir como uma medida para restaurar a confiança pública nas ONGs. O foco na ação da polícia demonstra a importância de mecanismos de controle e auditoria na gestão dessas organizações. A resposta institucional, emanada da operação, é uma tentativa de garantir que os recursos destinados ao bem-estar social sejam utilizados de maneira adequada, reforçando a necessidade de transparência e responsabilidade na gestão de ONGs. Com esta breve discussão sobre as últimas notícias a respeito da instituição “Pai resgatando vidas-Manaus”, também notamos a espetacularização desse acontecimento que se tornou um campo de batalha entre acusações e defesas em relação aos responsáveis pela instituição. Esse fato é elucidado, por exemplo, pela petição pública criada para obter assinaturas de pessoas que acreditam na instituição em questão. Passemos, agora à segunda parte da nossa análise.

4.2 Discurso, poder e espetacularização

Nesta subseção, a análise busca explorar os sentidos e as tensões presentes no diálogo, destacando como os discursos dos personagens se entrelaçam e se desconstroem mutuamente. Para tanto, retomamos o primeiro vídeo “Ana está com abstinência”. O vídeo se inicia da seguinte forma: Pai ativa a *live*, aparentemente, sem a permissão de “Ana”, uma vez que ela comenta em tom de reprovação “Não pai tu tá gravando pai **por favor**”. A expressão por favor demonstra um pedido, um pedido de interrupção da gravação. Vejamos:

“Ana” R8

Pai: ((arfa)) **SENHO::RAS E SENHO:RES... o que que eu fa:ço ago:ra** nesse momento aqui com a A:na que a Abigail que tão aqui querendo/Nã::o eu tô falando aqui com vocês aqui ((risos))

Ana: **Nã**o: pa:i tu tá **gravando** pai **por favor**: ((choro))

Pai: Nã: **nã**o **to gravan:do** nã: **:** minha fia eu num to gravando não...Nós tamos aqui oh É... olha aí a Ana

Ana: Deixa pai eu...

Pai: Tá bonita ou num tá?

Ana: Por favo:... eu prometo pra ti num vai ser ne:m uma hora

Pai: A:...a Ana quer sair por/da casa por uma hora e voltar:...

Ana: É pai e tu vai comigo pai

Pai: Eu vou contigo.. DEUS ME LIVRE CONTIGO ((risos))

(Grifos nossos)

Na primeira linha, de imediato, deparamo-nos com os dizeres “**SENHO::RAS E SENHO:RES**”, as primeiras palavras pronunciadas no vídeo. Essa expressão indica uma forma de tratamento dirigida a um público, termos que remontam à Idade Média, quando eram utilizados para designar alguém da nobreza. Há, então, uma habilidade em tornar situações pessoais em eventos de interesse coletivo, como o circo no qual a apresentação chama atenção para as “aberrações” ou para os animais. Em vídeo ao vivo nas redes sociais, essa expressão ganha nova dimensão, para além da saudação, a dimensão da espetacularização, seu uso reforça a importância do momento de forma a atribuir sentido de evento significativo. O público é convidado a participar de uma experiência especial e potencialmente única. O espaço digital se transforma em um palco e o apresentador e o conteúdo em parte de uma performance. Apoiamo-nos em Debord (2003) para afirmar que a replicação da linguagem de eventos presenciais, teatrais, por exemplo, é uma característica da sociedade do espetáculo, na qual a representação se torna mais importante que a realidade. A *live* não é apenas um espaço de comunicação, é uma performance cuidadosamente executada para maximizar a atenção e o engajamento do público.

Outra estratégia de validação do público é o uso da interrogação retórica no enunciado “**o que que eu fa:ço ago:ra** nesse momento aqui com a A:na”. “Pai” utiliza uma pergunta retórica para expressar uma aparente situação de dúvida ou indecisão. Esse padrão sugere uma busca por validação ou apoio da audiência, mesmo que não haja uma resposta direta esperada. “Pai” mantém uma posição de autoridade ao longo da conversa. Ele se coloca como o detentor do poder de decisão na expressão “**o que que eu fa:ço ago:ra**”, embasado do discurso da responsabilidade, que legitima a figura de autoridade como responsável pelas decisões. A negação repetida sobre a gravação e o questionamento da aparência de “Ana” indicam uma tentativa de controle sobre a narrativa e a percepção externa.

A insistência de "Ana" em que o "Pai" está gravando, e a subsequente negação dele, significam um discurso da desconfiança e da vigilância a partir dos enunciados "**Não: pa:i tu tá gravando pai por favor: ((choro))**" e "**Não:: não to gravan:do não:: minha fia eu num to gravando não**". Por conseguinte, interpretamos que a dinâmica entre os interlocutores é marcada pela suspeita e pela necessidade de controle, onde a gravação ou exposição pública é um ponto de conflito.

Na perspectiva de Michel Foucault (1979), o discurso é uma manifestação de poder e uma prática social que forma objetos e sujeitos. Observando a conversa apresentada, apontamos para uma relação de poder entre os interlocutores, especialmente na figura do "Pai", que parece assumir uma posição de controle e autoridade. Ao questionar " **o que que eu fa:ço ago:ra nesse momento aqui com a A:na** ", ele posiciona-se como aquele que deve decidir o curso das ações, mostrando uma tentativa de coordenar e talvez manipular o contexto. Sua repetição de que não está gravando no enunciado "**não to gravan:do não:: minha fia** " é interpretada como uma estratégia de minimizar as preocupações de "Ana" e assegurar sua posição de controle, demonstrando como o poder pode ser sutil e indireto. Na conversa, a preocupação expressa por "Ana" com a possibilidade de estar sendo gravada ("**Não: pa:i tu tá gravando pai por favor:**") demonstra uma consciência de ser observada, relacionada à ideia de autovigilância, medo e insegurança.

O discurso sobre a aparência de "Ana" em "Tá bonita ou num ta?" pode ser analisado sob o prisma da performatividade e da construção de identidade. Aqui, o "Pai" parece buscar uma validação externa sobre a aparência de Ana, o que pode ser interpretado como uma tentativa de reforçar uma identidade específica para ela. Foucault (2007) argumenta que as identidades são formadas e reforçadas por meio de práticas discursivas e sociais, e este momento da conversa parece exemplificar como o discurso pode atuar para regular e definir o que é considerado aceitável ou desejável em termos de aparência e comportamento.

As identidades são, então, produtos de sistemas de pensamento e conhecimento (epistemes) que estabelecem o que é considerado verdadeiro ou falso, normal ou anormal. Foucault (2007) descreve como esses sistemas operam via práticas discursivas, que são formas estruturadas de falar e pensar

sobre o mundo, e como essas práticas são implementadas em instituições, como hospitais, prisões e escolas. Essas práticas e discursos criam categorias e classificações que, por sua vez, definem e regulam as identidades.

Por fim, interpretamos a declaração " Eu vou contigo.. DEUS ME LIVRE CONTIGO" como uma dimensão de resistência dentro da dinâmica de poder. Foucault afirma que onde há poder, há também resistência. Essa frase pode ser entendida como uma expressão de autonomia e recusa de ser controlado, indicando uma tensão entre a autoridade do "Pai" e o desejo de autonomia de Ana. Em suma, a conversa analisada sob a ótica foucaultiana demonstra como o poder é exercido e contestado em interações cotidianas. A figura do "Pai" tenta manter o controle por várias estratégias discursivas, enquanto as reações de "Ana" apontam para uma consciência de vigilância e uma luta por autonomia.

Para retomar aqui o que é resistência para Foucault (1979, p. 135), expomos parte de sua entrevista realizada por Bernard Henri-Lévy (B.H.L):

B.H.-L.: Voltemos à sua política, àquela que você consignou em A Vontade de Saber. Você diz: "**Onde existe poder, existe resistência**". Você não restabelece esta natureza que há pouco você queria descartar?

M.F.: Não acredito. Esta resistência de que falo **não é uma substância**. Ela não é anterior ao poder que ela enfrenta. **Ela é coextensiva a ele** e absolutamente contemporânea.

B.H.-L.: A imagem invertida do poder? Daria no mesmo... Os paralelepípedos debaixo da natureza em festa...

M.F.: Também não é isto. Se fosse apenas isto, não haveria resistência. Para resistir, **é preciso que a resistência seja como o poder**. Tão inventiva, tão móvel, tão produtiva quanto ele. Que, como ele, venha de "baixo" e se distribua estrategicamente.

B.H.-L.: "Onde existe poder, existe resistência" é, por conseguinte, quase uma tautologia...

M.F.: Absolutamente. Não coloco uma substância da resistência face a uma substância do poder. Digo simplesmente: **a partir do momento em que há uma relação de poder, há uma possibilidade de resistência**. Jamais somos aprisionados pelo poder: podemos sempre modificar sua dominação em condições determinadas e segundo uma estratégia precisa.

Assim, o discurso torna-se uma arena onde poder e resistência se entrelaçam, refletindo as dinâmicas de controle e liberdade que permeiam a sociedade. Para Foucault (1979) poder é ação sobre ação, a ação de "Ana" sobre a negação do "Pai", afirmando que iriam juntos, também é poder e é resistência. A relação de poder se perdura a partir, também, da ativação do saber religioso

quando a expressão “DEUS ME LIVRE” é utilizada como um saber verdadeiro que atua de maneira disciplinar.

Observamos como os elementos dessa conversa se desdobram e se entrelaçam, criando uma rede complexa de significações e contradições. A partir das noções de desconstrução e *différance*, analisamos a conversa apresentada de maneira a destacar a instabilidade e o caráter fragmentário do sentido no discurso. Derrida (1995) argumenta que o sentido nunca é fixo e que as palavras carregam múltiplos sentidos, sendo sempre deferidos ou adiados.

Uma das primeiras observações a partir da abordagem derridiana é o jogo de presença e ausência, particularmente no que se refere à questão da gravação. O “Pai” insiste que “Não eu to falando aqui com vocês” e “Eu num to gravando não minha fia”, tentando, assim, afirmar uma presença não mediada, como se a gravação, simbolicamente, representasse uma ausência ou uma duplicação da presença. Derrida (1995) explora como a escrita (ou, neste caso, a gravação) é muitas vezes vista como uma representação secundária da fala, a qual é considerada uma presença plena. No entanto, ele desestabiliza essa hierarquia ao mostrar que a escrita, ou qualquer forma de registro, é inerentemente ligada à própria possibilidade de significado. A negação da gravação, portanto, não elimina a possibilidade de sua existência; pelo contrário, reforça a instabilidade da presença pura que o “Pai” tenta assegurar.

Outro ponto que destaco é a questão da identidade e da performatividade, observada na expressão “Ta bonita ou num ta?”. Como a identidade é sempre um processo de diferenciação (Derrida, 1991), aqui, a pergunta do “Pai” pode ser vista como uma tentativa de fixar uma identidade para “Ana” por meio de uma avaliação externa. No entanto, essa negação é, ao mesmo tempo, uma afirmação de uma relação com o “Pai”, revelando uma aporia¹²: ao rejeitar o controle, ainda se reconhece uma relação de poder. Derrida (19991) argumenta que tais impasses são inevitáveis e fazem parte da estrutura da linguagem e do pensamento, pois a linguagem sempre carrega consigo suas próprias contradições e limites.

Por fim, a abordagem derridiana permite-nos questionar a própria estrutura da conversa e como ela é compreendida. A desconstrução não é

¹² Uma dúvida, uma ambiguidade decorrente da impossibilidade de resposta.

simplesmente a desconstrução de um texto ou discurso, mas uma forma de entender que qualquer sistema de significação é instável e aberto à reinterpretação. A conversa entre o "Pai" e "Ana", então, para além de uma troca de informações ou afirmações de poder, constrói um campo de jogo de significados em constante movimento, onde cada tentativa de fixar um sentido é inevitavelmente desafiada por outras possíveis interpretações.

Lacan (1949) afirma que o inconsciente é o discurso do Outro. Neste sentido, a fala do "Pai" na conversa ("Não eu to falando aqui com vocês" e "Eu num to gravando não minha fia") pode ser vista como uma tentativa de reassegurar sua posição no registro simbólico, ou seja, no campo da linguagem e das normas sociais que estruturam o inconsciente. A linguagem usada pelo "Pai" procura manter uma certa ordem e estabilidade, o que Lacan () chama de "Nome-do-Pai", a instância simbólica que regula e orienta o desejo e a lei. A insistência em negar a gravação pode ser interpretada como uma forma de proteger essa ordem simbólica, mantendo o controle sobre a situação e sobre as definições de realidade e verdade.

A fala sobre a aparência de "Ana" ("Tá bonita ou num ta?") emite o sentido de um desejo de reconhecimento e aprovação, uma busca por confirmar uma imagem específica no olhar do Outro. A relação do "Pai" com os outros interlocutores é marcada por uma tentativa de satisfazer esse desejo de validação, que nunca pode ser completamente realizado, pois o desejo é estruturalmente insaciável.

A partir de Lacan (1949), interpretamos a conversa como uma luta pela definição do eu, onde o "Pai" busca reafirmar seu papel e identidade pela linguagem e pelo controle, enquanto "Ana" expressa uma resistência a essa imposição. A pergunta "Tá bonita ou num ta?" pode ser interpretada como uma tentativa de capturar uma imagem idealizada de Ana, que é então projetada para os outros, autorizando o desejo de reconhecimento e a construção de uma identidade no campo do olhar do Outro. A conversa é, assim, uma manifestação das dinâmicas inconscientes que operam no nível do simbólico e que são constantemente marcadas pelo desejo do Outro e pelas dificuldades em lidar com o Real. Para além das dinâmicas inconscientes, retomamos que há elementos de espetacularização, que podem ser entendidos como a exposição exagerada e dramatizada de aspectos da vida cotidiana, transformando-os em

um espetáculo para uma audiência (os internautas). Esse jogo é marcado pela influência dos meios de comunicação e das redes sociais, onde a linha entre o público e o privado é frequentemente borrada.

Como já mencionada no recorte “Ana”R8”, e agora retomada nesse recorte, a espetacularização na conversa começa com a introdução de uma audiência fictícia: “Senhoras e senhores”. Essa abertura cria uma cena teatral, onde o “Pai” assume o papel de um mestre de cerimônias ou apresentador, dirigindo-se a um público imaginário. A expressão “Senhoras e senhores” não é apenas uma saudação, mas uma convocação para que todos, tanto presentes quanto ausentes, se tornem espectadores de um evento que está para acontecer. Esse gesto inicial já configura um cenário onde a vida privada é transformada em uma performance pública. Outro aspecto da espetacularização é a exibição de “Ana” para o público: “É... olha aí a Ana. Tá bonita ou num ta?”. Ao fazer essa pergunta e convidar o público para “olhar” a “Ana”, o “Pai” busca uma validação externa da aparência de Ana, utilizando-a como um objeto de apreciação e avaliação. Esse momento pode ser interpretado como uma tentativa de transformar “Ana” em um espetáculo, onde seu valor é medido pela aprovação dos espectadores. A espetacularização, nesse sentido, desumaniza e reduz a pessoa a um objeto de consumo visual.

Finalmente, a espetacularização também se manifesta na transformação de uma situação cotidiana em algo digno de atenção pública. A interação, que poderia ser um simples diálogo, é elevada a uma performance para uma audiência. Debord (2003) argumenta que “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens”. Debord destaca como, na sociedade moderna, as relações humanas são mediadas e transformadas por imagens e representações que constituem o espetáculo.

As tecnologias de comunicação transformam a experiência de lugar e identidade, borrando as fronteiras entre o público e o privado. Para Meyrowitz (1985), os meios de comunicação eletrônicos tornam os aspectos privados da vida mais acessíveis ao público. A gravação, neste contexto, funciona como um dispositivo que torna explícito o papel de espectadores na dinâmica social. Ao saberem que estão sendo gravados, os participantes podem alterar seu comportamento, cientes de que suas palavras e ações estão sendo capturadas para possível visualização futura. Isso intensifica a teatralidade e a performance

dos envolvidos, já que cada gesto e fala passam a ser potencialmente dirigidos a um público externo. A frase "Não pai tu ta gravando pai por favor" dita por "Ana" demonstra uma consciência e talvez uma preocupação com a exposição que a gravação oferece, o que pode influenciar diretamente seu comportamento e o tom da conversa.

O "Pai", ao negar a gravação repetidamente, pode estar tentando manter a aparência de uma situação mais privada e controlada, mesmo sabendo que a realidade é diferente. Isso cria uma dissonância entre a realidade da gravação e a tentativa de manter uma imagem de normalidade ou intimidade. A espetacularização se intensifica com a confirmação da gravação, pois ela estabelece de forma concreta a existência de uma mediação que transforma a situação em um espetáculo, não apenas para os envolvidos diretamente, mas para todos que eventualmente assistirem à gravação.

Assim, a gravação não só captura a interação, mas também a molda, tornando os participantes conscientes de seu papel como performers em um cenário que vai além do momento presente, projetando suas ações para uma audiência futura. Isso corrobora a análise de que a espetacularização é uma característica marcante dessa conversa, afetando profundamente as dinâmicas sociais e os comportamentos dos envolvidos. Passemos ao próximo recorte enunciativo.

4.3 A espetacularização da moralidade e da identidade

"Ana" R9

"Pai": Minha filha... dessa droga tu ja saiu.

"Ana": Eu sei... mas... eu to com aquilo na minha cabeça... assim que eu não vou conseguir assim... de imediato.

[Respira]

"Pai": **Le os comentários das pessoas** aí rapidinho então.

"Ana": O senhor ta fazendo **isso ao vivo... meu deus do céu.**

"Pai": Ao vivo pro **pessoal** tem que entender.

(Grifos nossos)

O "Pai", ao instruir "Ana" a "**Le os comentários das pessoas**", está exercendo uma forma de poder disciplinar, uma vez que, para além da coerção física, de acordo com Foucault (1979), o poder se manifesta também via observação e controle da informação. A instrução do "Pai" para que "Ana"

interaja com a audiência ao vivo pode ser vista como uma tentativa de disciplinar o comportamento de Ana, expondo-a publicamente.

O enunciado "Ao vivo pro **pessoal** tem que entender" demonstra uma lógica de normalização, pela qual o "Pai" justifica a exposição de "Ana" como uma necessidade para que "o pessoal" compreenda a situação. A vida privada de Ana é colocada em uma plataforma pública para ser observada, julgada e normalizada, constituindo-se em mecanismos de biopoder. A transmissão ao vivo se torna um mecanismo de controle e disciplina, onde o comportamento e a situação de Ana são avaliados por uma audiência, reforçando normas sociais e expectativas sobre recuperação e comportamento "adequado". Segundo Foucault (1987, p. 195) a "disciplina "fabrica" indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício". Nesse sentido, o poder disciplinar não apenas controla os corpos, mas também os molda, transformando-os em sujeitos úteis e obedientes. Isso é feito com uma série de mecanismos e técnicas, como a vigilância contínua, a hierarquia, o exame e a norma.

A exposição ao vivo se alinha com a noção lacaniana de "olhar", pela qual o sujeito é objetificado e seu ser é mediado pela percepção dos outros. Ana, ao ser colocada em uma plataforma pública, é submetida ao olhar do Outro, o que pode gerar uma sensação de alienação e perda de autonomia. Em termos discutidos por Lacan (1985b), interpretamos que essa situação coloca "Ana" em um estado de castração simbólica, onde ela é reduzida a um objeto para os outros.

Para Lacan (1985b), a castração simbólica não se refere a uma perda física, mas a uma perda de poder e desejo que é inerente à entrada do sujeito na ordem simbólica, ou seja, na linguagem e na cultura. Para entrar na ordem simbólica construída pela *live*, essa castração é um processo fundamental na constituição do sujeito e na estruturação do inconsciente. A castração que o complexo freudiano designa é a castração simbólica (Lacan, 1985b). Ela não tem nada a ver com a ausência de um órgão, nem mesmo com a ausência de sua representação no inconsciente, mas com a inexistência do significante. Lacan (1985b) sublinha que a castração simbólica não se trata de uma perda literal, mas da ausência de um significante que poderia preencher a falta do Outro (a estrutura simbólica ou o grande Outro).

Dessa forma, a castração simbólica está relacionada à falta constitutiva do sujeito, uma falta que nunca pode ser preenchida. Essa falta, ou castração, é o que impulsiona o desejo, pois o sujeito é constantemente confrontado com o fato de que não pode ser o objeto de desejo completo para o Outro. A castração simbólica, portanto, é o que permite ao sujeito existir dentro da linguagem e da cultura, ao mesmo tempo em que marca uma divisão interna, uma falha que estrutura o desejo e a subjetividade. O que possibilita a existência de “Ana” nas *lives* é a falta de privacidade, por exemplo, ela demonstra não querer ser filmada naquele momento.

Entendemos que os dizeres analisados aqui não são apenas diálogos sobre a recuperação de Ana, mas também um palco onde se desenrolam dinâmicas de poder e configura um espetáculo, relação social mediada por imagens (Debord, 2003). Para Debord (2003), a sociedade moderna é dominada por uma cultura de imagens e representações que se interpõem nas relações humanas, transformando a realidade em uma encenação contínua. Essa espetacularização não é apenas uma exibição de imagens, mas um modo de vida em que a própria realidade é substituída por uma representação, criando uma forma de alienação.

Para Debord (2003), essa transmissão ao vivo representa a "inversão da vida" e a "autonomização da imagem" sobre a realidade. O "Pai" busca validar e justificar a situação de “Ana” diante de um público, transformando uma situação pessoal e íntima em um evento público, onde a "imagem" de recuperação e controle é apresentada para uma audiência, em vez de lidar com as complexidades e nuances da realidade privada de Ana. Concordamos com Debord (2003) quando destaca que o espetáculo cria uma separação entre o ser e o ter, entre o ser e o parecer. A fala de Ana, expressando preocupação com a gravação e a situação ao vivo, pode ser vista como uma manifestação dessa separação. A exposição ao vivo cria uma pressão para parecer de uma certa maneira, mesmo que a realidade interna de “Ana” seja diferente. Isso é uma forma de alienação, onde a identidade de “Ana” é mediada e, em certa medida, controlada pela necessidade de apresentar uma imagem específica para os outros. Entendemos a espetacularização como um fenômeno discursivo onde eventos são moldados e representados de maneira a maximizar seu impacto e

visibilidade, muitas vezes simplificando ou distorcendo a complexidade da realidade.

A decisão do "Pai" de transmitir a situação ao vivo e a insistência em interagir com a audiência por comentários corroboram à espetacularização. Ao expor "Ana" ao julgamento do público, o "Pai" e a audiência assumem uma posição de controle e autoridade, onde a situação de "Ana" é avaliada e julgada publicamente. Esse ato de espetacularização pode ser visto como uma forma de disciplina e controle, onde o comportamento de "Ana" é normatizado de acordo com as expectativas sociais e a moralidade dominante.

A espetacularização pode, também, desumanizar os sujeitos, transformando-os em meros objetos de consumo visual. A expressão "ao vivo pro pessoal tem que entender" exemplifica como a situação é moldada para o consumo da audiência, onde a experiência de "Ana" é reduzida a uma narrativa simplificada e facilmente compreensível. Isso cria uma narrativa hegemônica que marginaliza ou ignora as complexidades e os aspectos subjetivos da experiência de Ana.

"Ana" R10

"Pai": Gente... a Ana tá pedindo aqui pelo amor de deus... para mim deixar ela **pegar uma pedrinha bem pequenininha**.

"Ana": Não precisa falar isso pai... **por favor... não brinca com a minha vida**... você tá brincando com a minha vida

"Pai": Ta... ela quer que eu deixe ela sair para **pegar um vento... é assim que você quer falar pra eles?**

"Ana": Quero sair... ver... não sei talvez lá na hora não sei se deus fo:: muito grande e eu sei que ele e:: eu desisto pai... mas agora enquanto... aqui eu preciso disso... eu sei que você não concorde comigo... quem sabe eu chego lá e desisto disso

(Grifos nossos)

Nos dizeres do "Pai", notamos um comentário sobre a fala de "Ana" pela repetição do morfema "-inha", que pode significar afeto ou desprezo como em: "Gente... a Ana tá pedindo aqui pelo amor de deus... para mim deixar ela **pegar uma pedrinha bem pequenininha**". Aqui, o uso da expressão "pelo amor de Deus" e a referência a uma "pedrinha bem pequenininha" sugerem um pedido de caráter humilde e inofensivo. Entretanto, ao destacar o tamanho ínfimo do objeto desejado, o "Pai" parece diminuir a importância do desejo de Ana, como se estivesse ironizando a urgência ou a seriedade do pedido. Essa escolha das palavras pode ser interpretada como um possível desdém ou uma tentativa de desqualificar o desejo de Ana, apresentando-o como trivial.

“Ana”, por sua vez, reage à fala do “Pai” de forma defensiva ao enunciar “Não precisa falar isso pai **por favor não brinca com a minha vida** você tá brincando com a minha vida.” A repetição da palavra “vida” e o apelo ao “não brinca com a minha vida” indicam a seriedade com que “Ana” enxerga a situação. Ela se posiciona em um discurso de vulnerabilidade, expressando que o ato de falar sobre seu desejo de forma leviana é, para ela, uma forma de ameaça ou desrespeito. A insistência de que o “Pai” está “brincando com a minha vida” expõe uma relação de poder e controle, onde a autonomia de “Ana” é questionada e subestimada.

O “Pai” então tenta reformular a situação com uma nova interpretação: “Tá ela quer que eu deixe ela sair para **pegar um vento é assim que você quer falar pra eles?**” Aqui, ele novamente desvia o foco do objeto “pedrinha” para um contexto mais abstrato e possivelmente trivial, “pegar um vento.” O uso da expressão “é assim que você quer falar pra eles?” introduz um elemento de pressão social e expectativa de conformidade, uma vez que há espectadores, há vigilância. Ele sugere que há uma audiência observando (os “eles” do discurso), o que coloca “Ana” sob escrutínio público, intensificando a sensação de julgamento e controle.

Para Foucault (2007), o discurso é uma prática que não apenas reflete a realidade, mas a constrói e a regula. O poder, segundo ele, é exercido por meio do discurso e está presente em todas as relações sociais. Na conversa, o “Pai” detém uma posição de autoridade e usa o discurso para reforçar o controle sobre “Ana”. Ele define os limites do que é aceitável ou não (por exemplo, a possibilidade de “Ana” sair para pegar uma pedrinha ou um vento). Essa relação de poder é demonstrada quando “Ana” se submete ao julgamento do pai, reconhecendo sua autoridade ao dizer “eu sei que você não concorde comigo”.

Assim, notamos que o “Pai” atua como um agente de controle, usando o discurso para manter a ordem e definir limites, enquanto “Ana” tenta negociar seu próprio espaço de liberdade dentro desses limites. A conversa em questão é interpretada como parte de uma narrativa maior de consumo, onde os espectadores (ou internautas) são convidados a consumir essa interação como um espetáculo. A expressão “você tá brincando com a minha vida” expressa uma conscientização da transformação de sua vida em um objeto de consumo e entretenimento, algo que é moldado e apresentado para uma audiência. O

controle do "Pai" sobre a narrativa e a tentativa de "Ana" de buscar autenticidade revelam a tensão entre a experiência direta e a mediação espetacular, característica da sociedade do espetáculo. Nesse fio discursivo, também questionamos se o "Pai" realmente não concorda ou se aproveita do momento de aparente fragilidade para ganhar visualizações, curtidas, no *Facebook*.

"Ana"R11

Pai: Lá na casa nós estamos com vinte e poucos ela tá vendo todo mundo conseguir... tá vendo a amiga dela também que tá sofrendo de abstinência aqui e tá conseguindo...e por que ela fica com essa história que vai morrer? **MOSTRA PRA TI QUE TU NÃO VAI MORRER:: Mostra** pra ti que tu não vai morrer **MOSTRA** pro inimigo

Pai: Ela tá conseguindo mas ela já teve quantas recaídas que ela (())

Pai: UMA... UMA

Ana: É pois é mas teve né Eu não sou diferen:te

Pai: Tu quer ter essa recaída hoje? tu quer ter essa recaída hoje... Quer que eu mando ele pegar **uma pedra** ali para tí?

Ana: Eu quero...((lamentos))

Pai: Aí tu sai da casa e vai voltar para rua? por causa de **uma pedra**?

Ana: Pai eu que:ro fumar:

Pai: Eu vou pegar a **tua pe:dra** eu vou pegar eu vou te dar: tá aí gente ela quer fumar pedra eu vou comprar é dez reais uma pedra é? vou dar os dez reais dela olha só gente ela vai ter/ vocês vão **acompanhar ela perder a benção dela** para fumar uma porcaria que não vai demorar UM MINUTO um minuto Um minuto ela vai perder a benção dela

Ana: mas eu vou parar com esse mal estar que eu tou sentindo

Pai: É:... ela vai passar

Ana: ((que eu to sentindo)) que mais tarde lá: eu Vou passar mal eu me conheço

Pai: Não:... você não vai passar mal não/você vai

Ana: Eu conheço o meu corpo

Outra pessoa: Mas também se tu conhece o teu corpo e não conheces na verdade

Ana: E TU conhece?

(Grifos nossos)

A conversa demonstra uma multiplicidade de sentidos e interpretações, especialmente na relação entre "pedra" (crack) e "benção" (que expressa sentido de algo bom). O "Pai" coloca a escolha de "Ana" como uma oposição entre o vício e a "benção", criando uma dicotomia moral. Lacan (1985b) entende o inconsciente enquanto estruturado como uma linguagem e sugere que o desejo é moldado pela falta. A interação entre "Pai" e "Ana" pode ser analisada em termos de uma estrutura simbólica de autoridade e desejo. "Ana" expressa um desejo de fumar, que pode ser interpretado como uma busca por um gozo que transgride os limites do simbólico.

O "Pai", atuando como a figura do Nome-do-Pai, tenta regular esse desejo, impondo uma ordem simbólica que define o que é aceitável, as regras. O confronto final, onde "Ana" afirma "Eu conheço o meu corpo" e "Outra pessoa" responde "Mas também você conhece o seu corpo e não conhece na verdade",

reflete a tensão entre o sujeito e o inconsciente. Lacan (1985b) sugere que o sujeito nunca tem um conhecimento completo de si mesmo, pois o inconsciente é estruturado como uma linguagem que escapa ao controle consciente. A declaração da "Outra pessoa" pode ser vista como uma expressão do inconsciente coletivo ou da ordem simbólica que desafia o autoconhecimento de "Ana".

Quando o "Pai" menciona "aí gente ela quer fumar pedra eu vou comprar é dez reais **uma pedra**", ele está se dirigindo a um público, transformando a condição de vulnerabilidade de "Ana" em um evento público. Esse ato de expor questões privadas é uma característica da sociedade do espetáculo. O "Pai" encena a situação como um drama moral, onde "Ana" está prestes a "perder a benção dela" por causa de uma "porcaria que não vai demorar um minuto". Essa dramatização transforma a decisão de "Ana" em um ato espetacular de perda e redenção, onde o valor de sua "benção" é comparado ao prazer do uso da droga. A moralização não é apenas uma tentativa de controle, mas também uma performance que visa influenciar a audiência, reforçando normas sociais e estigmatizando o comportamento de "Ana".

Debord (2003) argumenta que, na sociedade do espetáculo, a vida é consumida como uma série de imagens e eventos. A conversa mostra como a situação de "Ana" é tratada como uma narrativa consumível, onde seu possível fracasso ou sucesso se torna uma história a ser observada e julgada. A declaração "vocês vão acompanhar ela perder a benção dela" convida a audiência a participar desse espetáculo, transformando a experiência pessoal de "Ana" em um evento coletivo de julgamento e moralização. A vida de "Ana" é reduzida a um episódio de um drama maior, onde seu destino é decidido pela narrativa construída pelo "Pai".

A conversa também destaca como a identidade de "Ana" é moldada e definida pelo espetáculo. Ela é posicionada como uma figura em conflito, entre a tentação da droga e a perda de sua "benção". A espetacularização dessa luta interna serve para reforçar certas normas e valores, transformando sua luta pessoal em um exemplo moral para a audiência. A própria fala de "Ana", "Hoje eu vou parar com isso mais tarde... Eu conheço o meu corpo", tenta afirmar uma agência pessoal, mas é imediatamente desafiada pelo "Pai" e pela "Outra

peessoa", reforçando a ideia de que sua identidade e escolhas são julgadas e controladas pela estrutura do espetáculo.

Dessa forma, sob a lente da teoria de Debord (2003), a interação "Pai"/"Ana" e "Pai" e "Aline" pode ser vista como um microcosmo da sociedade do espetáculo. A situação é transformada em um evento público, onde questões privadas são expostas e moralizadas para uma audiência. A vida de "Ana" e "Aline" é consumida como uma narrativa espetacular, onde suas identidades e escolhas são julgadas e controladas. O espetáculo não é apenas um cenário visual, mas uma prática social que define e molda as relações humanas, transformando-as em mercadorias para consumo público.

A análise demonstrou a espetacularização do poder sobre a vida do outro, do biopoder. Notamos que há um esforço constante em fazer viver, um esforço demonstrado tanto pelo "pai" quanto pelos internautas, pelos espectadores. Um poder que faz viver, mas que deixa morrer materializado quando fazem orações explicando que tentaram de tudo, a culpa não é do instituto, todo mundo tentou avisar, pois o que acontecer fora do instituto e da internet não é "nossa" responsabilidade. Entendemos que a construção do poder sobre a vida também tem como base a formação discursiva capitalista que submete as pessoas à espetacularização do seu corpo por meio de vídeos ao vivo transmitidos pelas redes sociais. A seguir, tencionamos problematizar as principais discussões abordadas nesta pesquisa, percorrendo-a desde os problemas de pesquisa, a tese, os objetivos até as análises e observações propostas para que possamos lançar um outro olhar sobre o assunto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa abordou as práticas discursivas que (des)associam o feminino às drogas por meio da produção e circulação de sentidos e percepções públicas. O objetivo geral foi problematizar as práticas discursivas entre o feminino e as drogas, concentrando-se na produção e circulação de sentidos por meio da mídia social *Facebook*. A mídia, segundo Gregolin (2004), desempenha um papel crucial na produção de saberes e poderes na sociedade contemporânea, influenciando a emergência de identidades por meio da circulação de sentidos. Configura-se, então, como um dispositivo que constrói uma realidade compartilhada. Gregolin (2004) destaca que a mídia é o principal dispositivo discursivo na construção da história do presente, tencionando memória e esquecimento e moldando identidades. Elas transformam o espaço urbano em um ambiente híbrido de conexões entre o global e o local, criando novas formas discursivas.

Dessa forma, os comentários no *Facebook* são interpretados como uma forma de tecnologia de correção, onde o discurso pueril e moralizador reflete o medo social em relação ao uso de drogas. Essa tentativa de desqualificação e infantilização contribui não apenas para estigmatizar, como também para reforçar uma narrativa de responsabilidade individual e social, onde aqueles que não se enquadram nos padrões estabelecidos são marginalizados e punidos. Assim, questionamos: como os discursos sobre o feminino e as drogas são produzidos e circulados na mídia *Facebook*, e de que maneira esses discursos moldam a percepção pública sobre mulheres e consumo de drogas?

A circulação desses discursos no *Facebook* é amplificada por mecanismos de compartilhamento e curtidas, que aumentam a visibilidade de postagens que evocam fortes reações emocionais. As interações nos comentários também contribuem para a disseminação, com discussões acaloradas atraindo mais atenção devido aos algoritmos da plataforma que priorizam conteúdos de alta interação. Além disso, os algoritmos do *Facebook* tendem a criar bolhas de filtragem, mostrando aos usuários conteúdos que reforçam suas crenças preexistentes, o que pode intensificar a disseminação de discursos estigmatizantes e moralistas.

Esses discursos têm um impacto significativo na percepção pública sobre mulheres que consomem drogas, reforçando estereótipos negativos. A imagem pública dessas mulheres é frequentemente moldada por percepções de fraqueza, desvio moral e irresponsabilidade, perpetuadas pelas narrativas estigmatizantes amplamente compartilhadas. A presença do enunciado "pai" introduz uma autoridade que é desafiada pela crise de abstinência enfrentada por "Ana", evidenciando as complexas relações de poder em jogo. Essa dinâmica reflete não apenas a influência de figuras de autoridade na vida das mulheres, mas também a resistência e desafios enfrentados por elas diante de suas experiências com as drogas. A análise derridiana das dicotomias oferece uma perspectiva valiosa para compreender a situação de "Ana", destacando a interdependência de conceitos como presença/ausência.

Os comentários presentes no *Facebook* demonstram uma série de discursos pejorativos e infantilizantes atribuídos à "Aline" e ao grupo de mulheres usuárias de drogas. Esses discursos buscam desumanizá-las e controlar seu comportamento, perpetuando estigmas e preconceitos em relação a esse grupo. Os comentários demonstram como o conhecimento é utilizado como uma forma de disseminar poder e influenciar as percepções sobre o que é considerado adequado ou correto em determinada situação. A menção à autoridade médica e ao sistema de saúde demonstra a influência das instituições médicas na regulação da vida e do corpo das pessoas, ao passo que a sugestão de tratamentos alternativos indica a presença de práticas de autocuidado e resistência ao poder institucionalizado da medicina.

Também questionamos: Como as práticas discursivas contribuem para a construção da história do presente das mulheres que usam e abusam de substâncias psicoativas? A história do presente, conforme analisada nos excertos, é profundamente marcada por dinâmicas de poder e hierarquia, assim como pela ambiguidade e complexidade de suas relações com as drogas. Além disso, as representações midiáticas e políticas também desempenham um papel significativo na configuração da história presente dessas mulheres. A cobertura midiática sensacionaliza histórias sobre o uso de drogas por mulheres, enfatizando narrativas de tragédia e patologia, o que pode reforçar imagens negativas e estigmatizantes. As políticas públicas relacionadas ao uso e abuso de drogas também podem ser influenciadas por discursos dominantes que

retratam as mulheres usuárias como um problema social a ser combatido, em vez de indivíduos que necessitam de apoio e assistência. As práticas discursivas destacam a tentativa de exercer poder sobre a subjetividade, utilizando a autoridade divina como uma forma de direcionar as escolhas e a autoimagem. Essa busca por resistência às influências negativas e transformação da vida pessoal demonstra as relações entre poder, religião e subjetividade.

Com base nas discussões expostas, ao retomar nossa tese de pesquisa, é possível confirmar que os discursos sobre o feminino e o consumo de drogas refletem e reproduzem normas de gênero, estereótipos sociais e relações de poder, contribuindo para a estigmatização das mulheres que usam drogas. Notamos a reprodução de normas de gênero e estereótipos como os papéis tradicionais atribuídos às mulheres, de cuidadora do lar, por exemplo, quando são chamadas de “preguiçosa tem que colocar elas pra fazer as coisas”. Nesse contexto, emerge uma interação dinâmica entre as estruturas de poder, as práticas de cuidado pessoal e as estratégias de resistência. Para além disso, notamos que o que há é a espetacularização da estigmatização, é o espetáculo dos estereótipos, das normas e das relações de poder, é a espetacularização do outro enquanto torna-se público o que é privado, desumanizando e simplificando o outro.

Consideramos que as *Lives* (os vídeos ao vivo) se constituíam enquanto práticas do outro, ao passo que envolviam, aparentemente, cuidado de si e a suposta preocupação com o outro. Uma prática do outro que envolve técnicas como a espetacularização, a exposição e os comentários. Inicialmente, o instituto se apresenta enquanto instituição disciplinar, posto que visa domesticar o corpo usuário de drogas. Essa domesticação, esse molde do corpo acontece por meio de práticas simbólicas de poder, práticas da ordem da linguagem, práticas que emergem do Outro, práticas intersubjetivas e sociais. As *lives* constroem o personagem pai como essencial para o desenvolvimento das pessoas acolhidas no instituto e estão entrelaçadas com dinâmicas de poder e controle da vida do outro. Concordamos com Foucault (1985) quando afirma que essas práticas são guiadas por éticas morais influenciadas pelo contexto histórico e relações de poder. Notamos que as *lives*, no contexto da página, se difundiram em época de pandemia por Covid-19, período de grande concentração de pessoas *online*.

As conversas analisadas demonstram como a espetacularização pode infiltrar-se em interações cotidianas, transformando eventos privados em performances públicas. A figura do “Pai” atua como um diretor de cena, manipulando narrativas e buscando validação externa, enquanto a própria existência de um público, seja ele real ou imaginado, molda o comportamento e as dinâmicas entre os envolvidos. Essa análise revela como a espetacularização não apenas expõe a vida privada, mas também a molda e a transforma em um espetáculo para consumo público. Para Debord (2003), isso representa a alienação e a substituição da realidade por uma representação mediatizada, onde o “parecer” se torna mais importante que o “ser”. A espetacularização é uma prática discursiva que reforça relações de poder, desumanizando os indivíduos e simplificando a realidade para consumo público. Dessa forma, compreendemos que a história do presente, por meio da espetacularização, transforma eventos privados em performances públicas, moldando identidades e comportamentos de acordo com as expectativas sociais e as demandas da audiência. Por fim, a exposição de “Ana” e “Aline (entre outros participantes da instituição) ao vivo não é apenas um ato de comunicação, mas uma manifestação de poder e controle, que reforça a lógica da sociedade do espetáculo.

Ao considerar que a leitura é uma prática que envolve a produção de novos sentidos e o deslocamento das fronteiras entre diferentes conceitos, espero, com esta pesquisa, que seja possível explorar as histórias das participantes de forma a problematizar suas relações nos diversos espaços que ocupa. Esta pesquisa também se constitui como uma ponte, um elemento de passagem, para novas investigações, como as práticas de si e as relações de poder patriarcal que envolvem as mulheres e o consumo de substâncias psicoativas.

REFERÊNCIAS

- ALCOFF, Linda; POTTER, Elizabeth. Introduction: When Feminisms Intersect Epistemology. In: ALCOFF, Linda. **Feminist epistemologies**. London: Routledge, 1993.
- BASTOS, Liliana Cabral; SANTOS, William Soares dos. Introdução. In: BASTOS, Liliana Cabral; SANTOS, William Soares dos. (Orgs.). **A entrevista na pesquisa qualitativa**. Rio de Janeiro: Quartet: Faperj, 2005.
- Batista, Vera Malaguti. **O medo na cidade do Rio de Janeiro**: dois tempos de uma história. Rio de Janeiro: Revan, 2003.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: fatos e mitos. vol.1. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Círculo do livro, 1980.
- BUTLER, J. Corpos que pesam. In: LOURO, G. (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 151-167.
- BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero*: feminismo e subversão da identidade. 3. ed. Rio de Janeiro: **Civilização Brasileira**, 2010.
- CARNEIRO, Henrique. As necessidades humanas e o proibicionismo das drogas no século XX. **Revista Outubro**, IES, São Paulo, v. 6, 2002, p. 115-128.
- CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em rede**. vol. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CERBINO, Ana Luiza Fernandes. Espaços Comunicacionais e Virtuais: produções e. In: SILVA CASTRO, Gisela Grangeiro da; BACCEGA, Maria Aparecida (Org.). **Comunicação e consumo nas culturas locais e global**. São Paulo: ESPM, 2009. p.19-34.
- CORACINI, Maria José Rodrigues Faria. A memória em Derrida: uma questão de arquivo e de sobre-vida. **Cadernos de estudos culturais**, Campo Grande, MS, v. 2, n. 4, p. 95-125, 2010.
- CORACINI, Maria José Rodrigues Farias. **A celebração do outro**: arquivo, memória e identidade – línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução. Campinas: Mercado de Letras, 2007.
- CORRÊA, H.L.; Silva, S.P. **Drogas, Saúde Mental e Sociedade**. São Paulo: Unesp, 2016.
- COSTA, Claudia de Lima. O sujeito no feminismo: revisitando os debates. **Cadernos pagu**. Unicamp, 2002. p. 59-90.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Tradução. Railton Souza Guedes. Projeto periferia: e-book Brails.

DERRIDA, Jacques. **Margem da filosofia**. Tradução. Joaquim Torres. Antonio; pinakAntonio M. Magalhães. Campinas: Papyrus, 1991.

DERRIDA, Jacques. **A Escritura e a Diferença**. Trad. Maria Beatriz da Silva. São Paulo: Perspectiva, 1995.

DERRIDA, Jacques. **Mal de Arquivo**. Trad. Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DERRIDA, Jacques. **A farmácia de Platão**. Trad. Rogério da Costa. São Paulo: Iluminuras, 2005.

DIAS, Cristiane Pereira. **Cidade, cultura e corpo: a velocidade do mundo**. Campinas: LABEUB, 2011.

DIAS, Cristiane Pereira. **Sujeito, sociedade e tecnologia: a discursividade da rede (de sentidos)**. São Paulo: HUCITEC, 2012.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. (1976). **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. (1984). **História da sexualidade II: o uso dos prazeres** (M. T. C. Albuquerque, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Edições Graal, 1998.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade: Curso no collége de France (1975-1976)**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. (1984). Uma estética da existência. In M. B. Motta (Org.), **Ditos e escritos V: ética, sexualidade, política** (E. Monteiro, I. A. D. Barbosa, trad., pp. 288-293). Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. “**Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade**”. Tradução. Wanderson Flor do Nascimento. Verve, N.5, p. 260-277, 2004a.

FOUCAULT, Michel. 2.ed. A Ética do Cuidado de Si como Prática da Liberdade. In: **Ética, sexualidade, política**. Manoel Burros da Moita (Org.). Trad. Elisü Monteiro, Inês Autmn Dourado Barbosa. 2.ed. Rio de Jancino: Forense Universitária. 2006.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. 19. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2009.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

FRANÇA, Márcia Gabriele Oscar de. **Concepções de feminino para profissionais de um serviço de saúde destinado ao tratamento de mulheres dependentes químicas**. 2013. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

FIORE, M. (2002). Algumas reflexões a respeito dos discursos médicos sobre uso de “drogas”. In **Anais da XXVI Reunião Anual da ANPOCS**. Caxambu, RS, Brasil.

FOUCAULT, M. (2008). **Nascimento da biopolítica**: curso dado no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes.

GALEAS, Maurício Sepúlveda; ESPINOZA, Sebastián de la Fuente. La irrupción de las drogas sintéticas como tecnologías del cuerpo In: MEDEIROS, Regina de Paula; MACRAE, Edward; ADORNO, Rubens de Camargo Ferreira. (Orgs.). **A complexidade da questão das drogas**: ideias utopias e ações. Salvador: EDUFBA: CETAD, 2020.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GREGOLIN, Maria do Rosário. O acontecimento discursivo na mídia: metáfora de uma breve história do tempo. In: GREGOLIN, Maria do Rosário. (Org.). **Discurso e mídia**: a cultura do espetáculo. São Carlos: Claraluz, 2003, p. 95-110.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. **Comunicação, mídia e consumo**. São Paulo. vol. 4. n. 11, nov, 2007, p. 11-25.

KOMESU, Fabiana Cristina. **Entre o público e o privado**: um jogo enunciativo na constituição do escrevente de blogs da internet . 2005. 269 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, SP, 2005. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000358660>>. Acesso em: 02 fev. 2014.

LACAN, Jacques. **O Seminário, Livro 2: O Eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (1954-1955)**. Tradução de Martha L. P. da Rocha. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985a.

- LACAN, Jacques. **O seminário 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985b.
- LACAN, Jacques. **Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. Escritos**. Tradução. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- LAQUEUR, T. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- LEMKE, T. **Introducción a la biopolítica**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2017.
- LIMA, Venício A. de. Sete teses sobre mídia e política no Brasil. **Revista USP**, São Paulo, n. 61, mar./maio 2004, p. 48-57.
- MARQUES, Marília Vieira. **Aproximações psicanalíticas da dependência química: do que se trata?**. 2015. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- MORAES, Maristela. **Gênero e uso de drogas: por que articular esses temas?** In: MORAES, Maristela; CASTRO, Ricardo; PETUCO, Dênis (org.). **Gênero e drogas: contribuições para uma atenção integral à saúde**. Recife: Instituto PAPAÍ, 2011. p. 15-20. (Série Homens e Políticas Públicas)
- NEVES, Marco. **Palavras que o português deu ao mundo : viagens por sete mares e 80 línguas**. 1ª ed. - Lisboa : Guerra e Paz, 2019. – 239.
- NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. Trad. Luiz Felipe Guimarães Soares. **Revista Estudos Feministas**. v. 8, n. 2. Florianópolis, 2000.
- NUNES, S. **O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha: Um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a feminilidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- OLIARI, Deivi Eduardo ; GALLO, Solange Leda. Análise do Discurso publicitário na internet web 2.0: sujeitos divididos entre o público e o privado. In: ENCONTRO DO CÍRCULO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS DO SUL, 10., 2012, Cascavel, PR. CORBARI, Alcione Tereza (Org.). **Anais...** Cascavel, [s.n.], 2012. p. 1-10. Disponível em: <[http://www.celsul.org.br/Encontros/10/completos/xcelsul_artigo%20\(57\).pdf](http://www.celsul.org.br/Encontros/10/completos/xcelsul_artigo%20(57).pdf)>. Acesso em: 28 dez. 2023.
- OLIARI, Deivi Eduardo. **Mídia social facebook: o público e o sujeito individualizado**. 2014. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) – Pós-graduação em Ciências da Linguagem, Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, 2014.

PISCITELLI, A. Reflexões em torno do gênero e feminismo. In: COSTA, C; SCHMIDT, S. (Org.). **Poéticas e políticas feministas**. Florianópolis: Mulheres, 2004. p. 43-66.

RAGO, Margareth. Descobrimo historicamente o gênero. **Cadernos Pagu**. (11). Campinas, 1998, p. 89-98.

RAGO, Margareth. **Epistemologia feminista, gênero e história**. Descobrimo historicamente o gênero. Compostela: CNT, 2012.

RANCIERE, Jacques. **EL reparto de lo sensible**: estética y subjetividade. Santiago del Chile. LOM Ediciones, 2009.

RECUERO, RAQUEL. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RIBEIRO, Paulo Roberto Medeiros. **Paternidades contemporâneas**: Reconfigurações na relação pai-filho. Rio de Janeiro: Garamond, (2010).

RODRIGO, M.; ORDAZ, R. Género y usos de drogas: dimensiones de análisis e intersección con otros ejes de desigualdade. **Oñati Socio-legal Series**, v. 6, n. 2, p. 77-96, 2012.

RUBIN, Gayle. **O tráfico de mulheres**: notas sobre a “economia política” do sexo. SOS Corpo, Recife, 1993.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p.71-99, 1995.

SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida**: Por um conceito de cultura no Brasil. Rio de Janeiro. Codecri, 1983.

SOUZA, André Ricardo de; Abumanssur, Edin Sued; Júnior, Jorge Leite. Percursos do Diabo e seus papéis nas igrejas neopentecostais. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, ano 25, n. 53, p. 385-410, jan./abr. 2019.

MEMORIAL DESCRITIVO: TRAÇOS DA PESQUISA-DOR-A

Para explorar a arte da auto expressão proporcionada pelo memorial descritivo, mergulhei na noção de descontinuidade, concebendo a história sem um ponto de partida definido ou uma linha do tempo rígida. Minha jornada acadêmica não está descrita inteiramente nestas páginas, pois sempre há lacunas, fragmentos esquecidos na narrativa, onde o sentido é uma montagem da história e a escrita se torna uma confissão que busca comprovar a verdade (Foucault, 2006).

Essa escrita se assemelha ao exercício do pensamento por meio da correspondência, pois me revelo através da introspecção para o outro, para você, leitor desta tese. Meu nome é Aline, tenho vinte e oito anos, atualmente, sou professora da rede estadual de ensino em Três Lagoas, Mato Grosso do Sul. O bairro onde cresci é ou foi conhecido como "Zona véia", uma área economicamente desfavorecida que abriga uma diversidade de pessoas, incluindo aquelas em situação de rua, muitas das quais rotuladas como usuárias de drogas. Essas pessoas que vivenciam o uso e abuso de drogas, frequentemente, são estigmatizadas e vistas como os "indivíduos perigosos" que Foucault (2010) menciona - indivíduos que são vistos como uma ameaça simplesmente pela sua existência.

Quando iniciei o mestrado em 13 de março de 2017, vivenciei uma experiência memorável ao estar simultaneamente na graduação, por quase dois meses, devido ao atraso no calendário acadêmico causado por uma greve. Encontrei-me em uma situação fronteira, uma fronteira acadêmica que fundiu graduação e pós-graduação em mim. Foram dois meses intensos nos quais me dedicava aos estudos para as provas finais, com a responsabilidade ainda maior de não falhar. Afinal, já estava no mestrado e também precisava frequentar e participar das aulas, durante o dia no mestrado e à noite na graduação.

Durante minha graduação, com o apoio do PIBID e PIVIC, participei da construção e desconstrução de estereótipos e preconceitos, ampliando meu entendimento sobre a sociedade e sobre mim. Após o término do mestrado, no ano de 2019, me distanciei da universidade sem entender ao certo qual caminho percorreria a partir daquele momento. Já estava iniciando um quadro de

obesidade chegando a pesar cem quilos, o que, aliado ao desemprego, ocasionou sentimentos depressivos. Algo que não mencionei em momento algum da minha dissertação era o fato de que já fazia uso de substâncias psicoativas desde o término da graduação. Porém, o uso se tornou ainda mais constante no término do mestrado, entre duas substâncias: a, conhecida popularmente, maconha e a cocaína. Tinha a noção de quanto estava me prejudicando, especialmente, com a cocaína. Quando consegui uma substituição de alguns meses, consegui continuar apenas fazendo o uso da maconha, mas ainda sim sentia que atrapalhava meu rendimento, não “dei conta do recado” e pedi demissão ao invés de parar de fumar (e beber aliás). Desempregada novamente, me isolava cada vez mais.

Uma amiga desde a graduação demonstrou interesse em iniciar o mestrado em Análise do Discurso e pediu que eu a orientasse quanto ao projeto e ao estudo para as provas de seleção. Instigou-me a também prestar o processo seletivo do início do ano de 2020. Com esse incentivo, voltei a estudar, parei de usar cocaína e diminuí drasticamente o uso de maconha. Fomos, então, aprovadas no processo seletivo. Inicialmente, me recusei a continuar trabalhando com o mesmo tema do mestrado, o uso de drogas por mulheres, porque me afetava muito, tinha receio de me expor demais. Ainda assim, persisti na mesma área.

No primeiro semestre de 2021, cursei a disciplina “Teorias da Linguagem”, ministrada pelos professores Aparecida Negri Isquerdo, Renato Rodrigues Pereira, Solange de Carvalho Fortilli e Vania Maria Lescano Guerra; e a disciplina “Tópicos de Teoria e Análise Linguística”, ministrada pelas professoras Celina Aparecida Garcia de Souza Nascimento e Claudete Cameschi de Souza, duas professoras que participaram da minha formação acadêmica desde a graduação. Ainda em 2020, no segundo semestre, também cursei a disciplina “Trabalho de Campo – Parte do Capítulo teórico metodológico”, lecionada pelos docentes Celina Aparecida Garcia de Souza Nascimento, Claudete Cameschi de Souza, Renato Rodrigues Pereira e Solange de Carvalho Fortilli. Nesta disciplina, tive a oportunidade de realizar diferentes leituras que contribuíram para a reescrita do meu projeto de doutorado e escrita de parte do capítulo teórico metodológico.

Na primeira metade do ano de 2021, tive a oportunidade de participar da disciplina “Tópicos Especiais: Seminário em Estudos da Linguagem: Marcas de subjetividade”, oferecida pelas professoras Celina Aparecida Garcia de Souza Nascimento e Claudete Cameschi de Souza, momento no qual realizei leituras importantes para a minha pesquisa. Na segunda metade de 2021, realizei o primeiro estágio docência do doutorado na disciplina “Introdução à Linguística, de forma online devido à pandemia por COVID 19, sob a orientação da professora Cameschi de Souza, que também me orientou no estágio docência do mestrado. Foi uma experiência desafiadora, posto que foi integralmente online.

Ainda no início do doutorado, vivenciei a pandemia por COVID-19 e não foi possível ter uma vida ativa fora de casa. Cada vez mais isolada, passei por situações complicadas que não poderiam ser expostas aqui, mas que culminaram na piora e, depois, melhora do meu quadro psicológico, acredito eu. Cabe ressaltar que, anteriormente, iniciei um tratamento com psicóloga em 2018, mas não persisti. Com essa melhora e com o início de constantes atividades físicas em 2022, consegui sair do quadro de obesidade e de outras situações. A atividade física foi o que me motivou a diminuir os sentimentos depreciativos e a continuar minha pesquisa de doutorado.

Ainda em 2022, engravidei, o que foi uma surpresa aterrorizante inicialmente, mas confortável depois. Como as disciplinas do doutorado já estavam concluídas, escrevi o primeiro capítulo da tese durante a gravidez entre idas e vindas à universidade. Com o nascimento do meu filho, dediquei-me exclusivamente a ele nos primeiros meses, e depois encontrei dificuldades em conseguir tempo para escrita, posto que me tornei mãe solo, sem participação alguma da família paterna. Às vezes conseguia ajuda da minha mãe para que pudesse estudar, não muitas porque ela já cuida da minha irmã que necessita de muito apoio sendo autista.

Todos esses fatores influenciaram na minha dedicação à pesquisa acadêmica. Logo, com um ano de idade meu filho já frequentava a creche e pude me dedicar um pouco mais à pesquisa e realizar o meu segundo estágio docência no primeiro semestre de 2023. Desta vez, tive a oportunidade de realizá-lo na disciplina “Prática de leitura e produção de textos” sob a orientação da professora Silvelena Cosmo Dias. Confesso que estava apreensiva em

relação à professora da disciplina, que, inclusive, participou da minha banca de qualificação do mestrado com duras críticas. Entretanto, a surpresa foi imensa, a professora Silvelena é muito prestativa e carismática com todos, logo já a admirei enquanto profissional e pessoa. A experiência de voltar à sala de aula na universidade foi enriquecedora, repleta de aprendizagens, uma experiência que ajudou a me reestabelecer enquanto profissional da área da educação, uma vez que também estava trabalhando com substituições na rede estadual visto que minha bolsa de estudos findou em abril de 2023.

No segundo semestre do mesmo ano, busquei conciliar a pesquisa com a vida materna, aulas particulares e substituições e 26 horas-aula na rede estadual. Sem a bolsa de estudos, meu tempo para pesquisa ficou ainda mais diminuto, deparei-me, dessa forma, com a frustração de não conseguir escrever com eficiência e com a dedicação que sempre tive com meu trabalho acadêmico ao mesmo tempo que me dedicava à adaptação ao trabalho de professora. Finalmente, nas férias do início do ano de 2024, consegui me concentrar apenas no trabalho materno e acadêmico, produzindo a análise do *corpus* de pesquisa.

Exposto um pouco do meu percurso no doutorado, dedico os próximos parágrafos à exposição dos eventos que participei e trabalhos que desenvolvi durante o doutorado. Fui avaliadora no evento Integra UFMS em 2020 e 2021. Em 2020, participei do II Ciclo de Conferências em Lexicografia da UFMS. No segundo semestre do 2021, meu artigo “Exclusão em (dis)curso nos dizeres de mulheres com transtorno por uso de substâncias psicoativas” foi publicado pela revista Conexão Letras, trabalho no qual abordei os resultados da minha pesquisa de mestrado.

Em agosto de 2021, Romilda Meira de Souza Barbosa, Cláudia Poliana de Escobar de Araújo e eu, Aline Rodrigues da Silva, desenvolvemos um projeto de organização de um livro para concorrer ao edital COED/AGECOM Nº13/2021. Como não integramos o corpo docente da universidade, concorremos como comunidade externa. Após o envio do livro, em formato e-book, que organizamos, fomos classificadas em quinto lugar considerando todos os membros e em primeiro lugar como membros externos, o que foi muito satisfatório. O livro foi publicado pela editora UFMS no final de 2022 e se intitula “Linguagem e educação: interações, sentidos e identidades”. Além de contribuir com a organização do livro, escrevi dois capítulos que o integra: “O arte(sanato)

das mulheres sateré-mawé: divulgação cultural pelo instagram”, trabalho desenvolvido em parceria com Danielle Gonzaga de Brito e Ágata Carvalho Ferreira; e “Dizeres (via *facebook*) sobre e da mulher com dependência química: considerações introdutórias” com a orientação da professora doutora Celina Aparecida Garcia de Souza Nascimento.

Em 2022: participei da oficina “Arruaçando reflexões: uma circularidade de corpos espaços e contextos”, ministrada pelo professor Wallace Araújo e da oficina “Identidade negra positiva na literatura infantil”, ministrada pelo professor Ricardo Jaheem, ambas por meio do Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos; apresentei o trabalho intitulado “Gênero como categoria analítica: a questão das drogas” na IV Semana de Letras da UFMS/CPTL: reflexões sobre o ensino (pós-)pandemia e IV Jornada Monteiro Lobato; apresentei o trabalho “Arte e trabalho sateré-mawé: divulgação cultural pelo instagram” no II Colóquio Filosofando com mulheres; participei do XIV SELin (Seminário de Estudos Linguísticos da Unesp) com a apresentação do trabalho “Mulheres e substâncias psicoativas: algumas tecnologias de correção sobre o corpo”; e participei da atividade Conversas Literárias “Literatura Indígena”, “Literatura Infanto-juvenil” e “Literatura Sul-mato-grossense”, vinculada à ação de cultura “Mais Cultura UFMS. Em 2023, participei do Seminário Temático NEABI “Pacto da Branquitude” pelo Instituto Federal do Paraná e fui avaliadora no FeciTEL (Feiras de Ciências e Tecnologia de Três Lagoas) do IFMS.

No mestrado, estudei os processos de (in)exclusão, hos(til)pitalidade e (a)normalidade nos dizeres de mulheres com dependência química atendidasB no CAPS ad de Três Lagoas, Mato Grosso do Sul. Foi uma experiência de contato direto com a instituição e com os sujeitos participantes da pesquisa. Desta vez, estou ainda mais distante dos sujeitos de pesquisa do doutorado, uma vez que o *corpus* se encontra *online* por meio de vídeos no *Facebook*. Por esse motivo, não busquei dar voz às mulheres que enfrentam a dependência química, pois minha análise parte da minha própria perspectiva, da minha voz. É crucial constantemente reavaliar as dinâmicas sociais, e assim, espero que meu trabalho estimule essa reflexão contínua sobre nossas relações na sociedade.

ANEXO B

Transcrição da fala dos sujeitos que compõem os vídeos

1: Excertos de diálogos extraídos da Página *Facebook*: “Pai resgatando Vidas”

Metodologia: a transcrição das *lives*, da página *Facebook*, segue as normas de transcrições do Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta de São Paulo (PRETI, 2009) NURC/Núcleo USP.

Pai: Ói genti eu to aqui cum a Aline querendo sair da casa EU NUM vou prender a aline ela vai.. cê vai... sa::ir eu não lhe falei que a PORta tá aber::ta? Eu não lhe falei que a porta ia ta: aberta... só precisa:: ((interrupção da fala por Aline))

Aline: ((choro)) () eu vim aqui falar cum o senhor () eu vou sair pela porta da FRENTE só queria lhe pedir desculpas SÓ i::sso... ((choro))

Pai: Tu vai pra onde?

Aline: Eu vou praRU::a:: de no::vo::() pai:: ((choro))

Pai: Que é isso que a gente não quer: minha filha que você volte pra lá

Aline: ((choro)) eu sei... pa:i mais eu quero ir... () eu não quero que ninguém () fica me () PRENDENDO () ((choro)) ((respiro profundo))

Pai: Tris::te né pessoal não vou poder segurar ela gente... como eu falei ó: as portas tá aberta se ela quiser chocolate eu vou dar aquelas caixa com VINTE caixa ali... ((interrupção da fala por Aline)) todas pra ela...

Aline: Eu não:: quero ma::is

Colaboradora: num quer:: ir lá pra casa comigo?

Aline: ((choro))não::.. num quero ir::...

Colaboradora: () a gente vai pra reunião... () você fica comigo depois... eu te tra::go aí você fica...

Aline : Não:::...

Colaboradora: depois eu te tra::go... aí tu fica...

Pai: A gente não tinha combinado de ir pu shopping ho::je... dá uma vol::ta minha filha?

Aline: Eu não:: quero pai... eu não que::ro...

Pai: VOCÊ QUER usar droga?

Colaboradora: Nã::o...não é... abstinência não... isso aí é...é:: esse relacionamento aí que ela se envolveu...

Pai: É o relacionamento?

Aline: NÃO! Não é! não é nada de relacio ()namento que nem com o Macauli eu to mais:: des::de ontem:: de on::tem..()desde... on::tem a noi:te... desde...NÃO... NÃO É... não é por cau:as do maCAuli pelo AMOR DE DEUS... não é por causa de::le... É POR CAUSA DE MIM MÊS::MA... não é:: por causa dele...

Pai: É abstinência?

Aline: É:: também... tu::do:::... é () envolve muita coi::sa

Pai: mas a gente QUER ajudar:: só pra gente entender:: as pessoas também que tão aqui todo mundo...Olha aqui ó:::... TODO MUNDO chorando aqui ó:::...todo

mundo que tá te assistindo aqui ó.. milhõ::es de pessoas todo mundo assistindo e todo mundo chorando...todo mundo aqui tá torcendo por ti

Aline: EU SE::I di::sso.... NÃO É por causa do macauli é por causa de:: MIM ((suspiro)) só isso que eu quero todo mundo sai::ba NINGUÉM culpa ele (por)que:: que ele não tem culpa de na::da o problema é EU mês::ma só eu sei o que que eu to passando... é:: só:: i::sso..

Pai: ()a gente nem cuidou () nem cuidou de ti direi::to::...filha

Aline: Eu se::i pai

Pai: A gente precisa cuidar de ti ()

Aline: Eu sei pai quem sabe eu não volte

Pai: Quer usar droga?

Aline: Num sei... num sei... quando eu chegar lá fora:: com cer::teza né::... ((respiro)) eu NUM VOU MENTIR!

Pai: Tu não tá vendo como você tá ficando buni::ta minha filha?

Aline: E eu::... tô...

Pai: Será que não tem um espelho pra que tu possa tá olhando... olha pra ti...cara::...

Aline: Eu () te::nho... um espe::lho:: que eu ganhei::...Descul::pa::...mais...

Colaboradora: Ai meu deus...Misericórdia senhor.... ((súplica))

Aline: Não::...() Hoje ninguém vai me segurar::...((respiro))

Pai: Quer que eu te leve daqui pra te deixar lá na bo::ca?

Aline: Não precisa não:: pai

Pai: Eu VOU... vou lhe levar... a pessoa tá tendo uma oportunidade de mudan::ça gente e não quer:: infelizmen::te é uma coisa que eu digo pra vocês essa droga ela é MALDITA...né MALDITA... feita pelo próprio demônio... a mulher tá ficando bonita... tá engordando... a gente tá cuidando...ela ainda tem ferimentos que a gente cuidar... hoje ela tinha uma agenda dela com o médico pra gente passar uma receita pra ela... mas ó:: quer sair ó::tá toda limpinha hoje::...toda arruma::da... olha as unha dela aqui ó tudo bem feita:... ó::isso aqui com DOIS minutos lá na ru::a... vai virar tudo lixo de novo né::...cabelo dela bem arrumado...perfume...com shampoo::...ela tem tudo... cre::me...vai voltar pra uma rua onde não vai ter nada disso minha filha não vai ter um chuvei::ro não vai ter um pão pra ti comer::...hoje mesmo lá no café você não falou:: pô a gente () lhe acordava uma hora de::ssa...como é que mudou do café para cá agora?...Dá uma oportunidade pro seu pai minha filha...tentar:: mais uma vez::...

Aline: Não pai::...Hoje não.... ()

Pai: Bora no shopping comigo agora vamo dá -- deixa o pai mostrar pra você que tem outra coisa melho::r pra ti::...tu vê as meninas aqui que sai daqui que desiste—que vai usar droga que vai lá pra/quela sujeira de no::vo filha?...se for pra gente resgatar o teu amigo lá rumbora resgatar e::le...quer tirar mais alguém da rua a gente ti::ra...mas não perca a sua benção não::...é o dia que tá sendo difícil aí agora eu ia te entregar:: o celular:: achando que tu já tinha condições de ter um celular pra tá::

Aline: ((murmuro inaudível)) eu não to pronta pra ter celular::...

Pai: ela é since::ra pelo menos isso ela tá falando...que não--tu gostou da tua amiga hoje lá dizendo que vai ter um curso que ela quer fazer o curso... a Pé:rla?

Aline: fico feliz por ela...

Pai: Olha como tu tá lin::da meu amor:: tu tá mui::to lin::da cara... hoje nosso passeio do shopping...tu tinha combinado o passeio do shopping hoje...lembra eu mandei tu te arrumar hoje...pra gente ir:: vai você e vai a outra amiga leva mais alguém:...podia até: ser o Paulo bora pegar o Paulo lá...levar ele pra esse passei:o...

Aline: () aguentar minha vida de novo?...

Pai: o Paulo gosta de ti de VERDADE::

Aline: eu se::i disso... eu vou lá olhar () ele...

Pai: então bora mas não... () não pra você cair pras drogas....resgate e:le:

Aline: ((voz de choro sussurrando)) nã::o pai:: eu nã:o vo::uu

Pai: porque tu não traz o Paulo pra cá?

Aline: nã::... pai...deixe ele lá mesmo... ((risos))

Pai: deixe ele lá mesmo tu acha bom pra ele lá?...

Aline: não... eu não acho pai:...

Pai: aquilo não é bom pra ninguém nã::: minha filha

Aline: mas aí vai complicar mais ainda já tá complicado imagina de novo ele aqui

Pai: eu acho que o tá atrapalhando um pouco a Aline é esse relacionamento dela com esse Macauli

Aline: não... pai pelo AMOR de deus não fala i::sso

Pai: eu vou falar porque eu vou te falar::... SÓ FOI VOCÊ--

Aline: ((explicações inaudíveis)) não fa::la pai por que isso vai pegar pro lado dele e eu não quero que ele fique sujo por causa de mim

Pai: MAS FOI né minha filha?

Aline: NÃO::...não é isso não::... ele vai sair:: da casa pai

Pai: pode sair:: não tem problema aqui ninguém segu::ra

Aline: nã::o::...eu sou mais idiota que e::le pai pelo amor de deus

Pai: não:: meu amor não faça isso não eu acho que tu tá se precipitando por causa de HOMEM? Tu- - Será que ele já é o amor da tua vida com UMA SEMANA ? será que –

Aline: eu já conhecia ele antes muito antes

Colaboradora: é uma paixão...

Pai: tu conhecia ele daonde?

Aline: eu conhecia el:e ele me ajudou me colocou numa recuperação lá no
()((não compreendi o nome do centro de reabilitação citado))

Pai: NÃO::mas ele nem sabia que era você vocês nunca tiveram relacionamento.

Aline: é eu não sabi::a que...-- eu conheci ele a partir daquele momento que eu vi ele lá dentro do carro também naquele dia que me resgataram no sopão

Pai: si::m minha filha... mas não quer dizer que ele é o amor da sua vida tem outro ho::mem outras pessoas

Aline: mas não é por causa dele não:: pai::

Pai: hum:: minha filha tu quer me enganar:... fala a VERDADE... quem que é ele que tá () te destrutando? Fala a verdade:::...

Aline: não:::.... não:::....

Pai: FA::LA ATÉ PRA GENTE SABER QUEM É ELE TAMBÉM

Aline: não:: eu não vou falar nada:::...eu não vou falar nada só quero sair lo:go...

Pai: eu posso chamar e:le aqui? Pra gente conversar?

Aline: não:: não: senhor não é por causa do Macauli eu não quero que ele venha aqui por favor não quero nem:: que ele olhe eu sain:do

Pai: mas era boa:: ele saber o porquê tu tá saindo porque eu vou culpar ele sabe por que?

Aline: não:::....olha aí ó:...

Pai: tu sabe o porquê que eu vou culpar ele? Porque eu falei que aqui relacionamento não dava cer:to...agora gente que eu posso fazer ela é de maiOR:::....o cara é de maior e eu dizen:do pra NÃO ter: relacionamento na casa poxa aline era pra ti ter focado em ti minha filha tu é boni:ta olha como tu tá ficando boni:ta cara... tu vai dar confiança pra macho? Macho não vai faltar pra ti depois de arrumada não:: VAI TER O MACHO QUE TU QUISER VAI TER MACHO DE TODO O CANTO DO BRASIL AÍ QUERENDO TE VER...todo mundo torcendo por ti... agora olha as pessoas que tão torcendo por ti aqui ((através da live)) aí ó:: tá todo mundo chorando aí ó: todo mundo chorando mais de trinta mil pessoas te assistindo agora... tu vai querer ser uma fracassada... olha tem gente que parou junto contigo de usar droga... que tá aqui ó junto contigo ó... e olha como é que eles ficam aqui ó:...(começa a ler os comentários dos participantes da *live*)) eu acho que deveria mudar algumas

coisas ó: esse negócio de ficar com ele na clínica só com a vontade...nem tudo é o diabo gente as drogas são...- - eu sei...GENTE mas eu tenho certeza que aqui não é abstinência... problema da aline não é abstinência isso aqui é coração tá? e ela tá com o coração ferido de:la e ela vai sair lá pra rua vai querer usar droga... pra afogar as mágoa só que tem outras coisas pra afogar a mágoa... se ela pegasse uma bíblia AGORA... pegasse aquela bíblia ali... pra parar um minuto de:us me dá sabedoria e estudar a bíblia pedir de deus... deus vai dar força pra ela... sem ela poder sair:: to pedindo aqui um apelo amor por favor

Aline: Pai ó: já botei na minha cabe::ça.

Pai: Ti:ra minha filha... Bora orar: para sair da tua cabeça isso... Tu aceita?

Aline: Quando eu colo:co/quando eu digo uma coi:sa pai ninguém pede na minha cabeça... Eu sou super insistente.

Pai: Mas deus... para deus...nada é impossível né minha filha? Tu acha que deus não tem o poder de... mudar as coisas... mudar a história?... Ele não quer mudar a tua história?

Aline: Pai por favor: eu quero sair por favor... o ma:is rápido possível.

((Pai pega o telefone e liga para Macauli – o suposto namorado da Aline))

Aline: Não: não:: não:: pai.

Outro Morador: Ele tá trabalhando pai

Aline: ele tá trabalhando pa:i... deixa ele... ele não tem culpa de na::da... eu já falei: i:sso

Pai: ô Maca:uli!

Aline: Pa:i por favor::

Pai: Escuta aí ó... o que ele tá falando aí ó...fala aí meu filho... fala aí com e:le

Macauli: ((via telefone)) Deixa eu falar com ela aí por favor

Aline: fa:la eu tô escutan:do...

Pai: só fala... segure aí.

Aline: Não:: Macauli... por favor.

Macauli: Aline eu não quero que você vai embora...() pelo amor de deus... ()
você falou que ia ficar na casa () que ia ser uma pessoa melhor...você falou que
não ia desistir:

Aline: não perai:...

Macauli: () você tem que ser for:te Ali::ne!

Aline: tá:... tá bom:...

Pai: Por que tu não vai trabalhar com ele lá na machetaria?

Aline: não:: eu não quero falar com ele pai...não, eu não quero falar com ele,
pai. Por favor

Pai: Por que tu não vai trabalhar com ele lá, então, na machetaria?

Aline: não não não:...

Pai: Por que tu não te ocupa?

Aline: não:: eu não quero aproximação...Por favor.

Macauli: pai eu não quero que ela vá embora pai... pai eu não quero que ela vá embora

Aline: Pai por favor pai... deixe eu ir antes que ele ve::nha pai... Pai eu tô te pedindo por favor: me descul::pa... Não vou aguentar aqui por favor ((choro))

Pai: ((pega o telefone das mãos de Aline)) ô Maca::uli ela tá saindo por causa de ti.

Aline: não, não é pra de ti.

Pai: O que foi que aconteceu? O que foi que eu falei pra ti Macauli? O que foi que eu falei pra ti Macauli?

Macauli: Eu não falei com ela também pai sobre isso...

Pai: Mas o que foi que eu lhe FALEI: meu filho quando você chegou aqui...você não veio pra se tratar... não veio pra cuidar pra que tu foi querer com () enxerimento () pro lado dela? Ou ela aceitar? Eu sempre fui contra o relacionamento...GEN:TE:: eu fui sempre contra relacionamento...Tá?

Macauli: ((falas incompreensíveis)) pai nós fomos pegos numa blitz aqui prenderam nosso carro na frente da biblioteca

Pai: Como é que é?

Macauli: prenderam nosso carro aqui na frente da () policia aqui deram uma blitz...se você puder mandar um advogado pra cá...

Pai: Qual carro?

Macauli: o carro da machetaria...() eu vou ter que desligar:.. PAI eu não quero que a aline vai embora entendeu eu não briguei com a ali:ne ()

Aline: Foi pai ele não brigou comigo eu tô querendo ir porque eu quero ir e vocês não estão entendendo ainda... NÃO briga com ele ele não tem culpa de nada não:: pai... A gente dormiu bem:: a gente conversou::

Pai: Minha filha então por favor:: minha filha... Olha pra mim aqui ó:: por mim... por mim... fica só hoje por favor... Eu me ajoelho aqui pedindo de ti por favor... Por favor: minha filha.

Aline: Não pai...não...quando eu coloco uma coisa na minha cabeça ela é muito resistente.

Pai: Por favor minha filha por favor

Aline: não:: pai eu quero ir pai.

Pai: Toma só um remédio pra ti dormir.

Aline: Não:: pai por favor... Deixa eu ir: por favor::

Pai: poxalinda... eu não queria perder tudo isso minha filha

Aline: Por favor pai:: ((choro))

Colaboradora: () algo novo pra ti lá fora

Aline: ai não vai () não tenho medo de nada.

Colaboradora: vai sim:: minha filha...

Aline: Não vai porque? eu não devo ninguém...

Pai: minha filha a gente não queria que você fosse para usar droga mais já chega... muda de vida por favor:: por nós... Aceita esse desafio... Poxa a gente estava preparando um material para você dar aula pras meninas que estão

precisando de ti... Por favor minha filha eu sei que é difícil mas você NÃO VAI MORRER... Faz esse teste aí ó olha NÃO: VOU MORRER sem usar droga hoje.

Aline: não pai por favor: eu quero ir... por favor.

Pai: Olha como essa droga é suja gente Ó

Aline: Ontem eu consegui ficar mas hoje eu não vou conseguir não

Pai: A priscila tá aí? chama a priscila mesmo para orar antes de ela ir embora

Aline: Tudo que vai VOLTA pai... Tudo que vai volta.

Pai: Como é que essa droga é suja né gente? Uma droga suja tá aí gente () tudo certo a mulher: tava decidida... Hoje de manhã ela tava ainda firme e forte falando do café que fosse na rua ela tava na... Ela ia tar magueando. E o café tá na mesa dela o almoço tá na mesa dela só tem que cuidar do tratamentozinho dela ficando em casa longe da droga mas ela não está conseguindo ...A gente vai orar: a gente vai te levar tá? Eu vou levar... Eu sei obrigado a gente levar ela lá para ela usar a droga dela... Infelizmente né? Eu não tou conseguindo segurar ela não tem outra coisa...Ora aí mano na cabeça dela aí ora... Aline tá querendo deixar casa faz o desligamento... Lamentável.

Priscila: ((realiza a oração em aline)) E a decisão vai ser essa? Ô Ali::ne:... Pai querido e amado na autoridade do teu nome Senhor Jesus nós não queremos contar como uma derrota Paizão mas muito pelo contrário Paizão... Nós queremos que essa princesa Senhor Jesus... SE DÊ VALOR... Paizão nós não queríamos/o instituto não quer que ela volte para a rua Paizão nós sabemos que lá:... o inimigo tenta seifar a vida de:les... o inimigo tenta... de todas as maneiras TIRÁ-LO Senhor Jesus e na autoridade do teu NO:me Paizão porque ali naquela cruz tu disse que o teu nome tem poder tu disse que o teu nome é capaz de nos justificar os nossos pecados e nos dar uma nova chance... Paizinho DÁ uma nova chance para Aline... faz ela ter amor próprio... faz ela esquecer de qualquer ho:mem principalmente Senhor Jesus SE: AMAR, SE RESPEITAR: com o

próprio corpo dela e com a mente dela Paizinho nós quebramos toda a seta do inimigo sobre a vida dela Senhor Jesus nós declaramos que os teus anjos Paizinho tenham liberdade... de dar ordem a respeito dela Paizinho... Nós te pedimos Senhor Jesus para o inimigo não trisque NUM FIO de cabelo da Aline Senhor Jesus que o Senhor guarde ela até a ponta dos pés... Mas INFELIZMENTE Senhor Jesus ela NÃO quer se dar essa chance Paizinho....E os nossos corações ficam partidos perante uma situação como essa Senhor Jesus mas nós declaramos como instituto Senhor Jesus que a porta desses institutos Senhor Jesus estavam abertas para ela Paizinho...Nós queremos que ela fique nós não queremos que ela saia por aquela porta Paizinho... Eu creio que tu és um Deus de milagre que tu és um Deus do impossível.... Senhor Jesus... Fala com ela faz ela ter esse amor próprio Livra ela da bala perdida livra ela Senhor Jesus do homem mal livra ela desse vício maldito pra honra e glória do teu nome... Eu acredito no milagre pode ser que a linha esteja só colocando vírgula na vida dela pode ser que tu esteja escrevendo um novo capítulo pra vida dela pra forjar as páginas do testemunho dela mas que ela não bote um ponto final na vida dela porque ela sabe o risco que ela vai correr lá fora... Ela tem noção de como o inimigo tem sede pela vida dela é pra aceitar ela e matar a vida dela eterna... Pai mas na autoridade do teu nome nós declaramos Senhor Jesus que nós não conseguimos com palavras convencê-la mas que tu possa ter uma outra oportunidade de mostrar para ela o valor que ela tem... É o nome de Jesus Paizinho que nós declaramos que essa batalha não vai ser perdida que a Aline um dia vai voltar a se amar... Em nome de Jesus amém... Vai com Deus... meu amor... que escolha que tu fizeste para a tua vida... meu amor?

Vai porque quer, falta de carinho que não é, a gente está aqui na torcida fazendo de tudo, que Deus tem a piedade da vida dela, que não venha cartigar ela, né gente? É isso que a gente deseja para ela, escolha dela, infelizmente ninguém pode segurar.

Olha como ela estava toda bonita aí, toda arrumada, né? Aqui, um dia, vocês vão ver como ela vai ficar lá na rua de novo. Fala lá o desligamento. Está vendo aí como é difícil? Fala de desligamento. Assina aí, Aline, o desligamento, minha filha.

E aí, meu filho, está vendo a situação da sua amiga indo embora aí? Cara, do bicho. Aline está se desligando da casa. Olha o Cristian como é que está aí, gente. Olha o Cristian, o Cristian passou por isso também, né Cristian?

Não foi fácil, mas hoje o Cristian está aqui, firme, forte, trabalhando, meu filho. Já vai sair por trabalho ou hoje não trabalha? Não sei, o meu papo não vai me buscar lá. É 9 horas, rapaz. Que dinheiro eu tenho.

Olha aí, mostra aí o dinheiro, mostra o dinheiro. Rapaz, vai guardando, vai guardando. Vai entrar mais. Vai investir esse dinheiro aí, né, meu filho? Graças a Deus. Como é que pode, minha gente? Uma pessoa largar uma casa, olha, está chovendo agora.

Ela vai para um lugar onde está a chuva. Vai mandar o chove muito, olha, gente, chove muito. Então, como é que pode uma pessoa largar, meu filho? Como é que pode a pessoa largar um conforto desse, né?

Lá não vai ter de facilidade para ela. Aqui, olha. Você está deixando o ruim para ela, né? Fala para ele, ele não é aqui fora. Fala para eles quando vai fumar na chuva. Era maluco, era maluco. Ele não foi.

Dê -lhe ela aí. E ela está achando o rei aqui, né? Não, ela não está achando o ruim, meu filho. A verdade é que a droga está falando mais, né? A abstinência, né? Olha, quebra a cara, porque aqui chegar aqui fora, vai vencer.

Você é doido, hoje já está bom. Você vai abraçar, então dá tudo depois. Você vai esperar para os outros. Vamo. Aqui ele não quer, mas alguém troca, né? E olha, a gente já está ferida. A gente estava cuidando do outro tratamento.

Ela estava com mais coceira. A gente estava cuidando dessa coceira dela. Já demos piola. Hoje a gente é no médico para ver qual era a pomada que teria que passar, né? Ela não está fácil, a situação dela.

Mas mesmo assim, ela não quer, nem se tratar, não quer cuidar do corpo. Porque lá não vão cuidar dela, né? Lá não vai cuidar. Tu acha que as pessoas lá, quando vê ela chegando lá, vão recebê-la bem, assim, ou...?

Não, não. Eu não queria fazer outra coisa, né? Dar a cabeça. Tá bonitinha, né? Porque a droga é assim. Tem para ir buscar. Não vou nem explicar. Porque ela vai chegar lá e os caras vão... Tá bonito, tá bonito.

Aí ela vai chegar lá. Aí ela vai acabar de ficar como antes. A gente vai chegar na cultura, né? Entendeu? Tem que ficar na merda. Ficar na merda de novo. Um poço de novo. Não é eu. Gostaria de ir para casa voltar.

Chega, é o bonito. Chega aí, fica na merda. Pensava que isso aqui tinha na morrida, quando ele ia para a carreira dele. Não dá para falar nada, Cris. Não dá para segurar de jeito que ela está aí, não tem como...

A cabeça é o guia dela, né, pai? A cabeça é o guia dela. Mas não tem jeito. Não tem como conversar aqui de jeito. Nem que tu conversando com ela, não tem jeito. Não segurar, mas ela é lá dentro. Ela não vai não.

Ela vai sair. Ela está assinando lá para a carreira. Será que tu falando com ela lá pedindo e não vai? Não, meu filho, tenta tu lá. Tenta também, Wagner, tenta lá. Vai tentar conversar, irmãzinha lá, a não sair.

Ah, meu filho, tente lá, todo mundo vai fazer toda a força que for possível, gente. Ei! Olha lá, Cristiano, olha lá no filho, olha lá, o caba vai passando. Olha aí, ó, é conhecimento Cristiano, tem que dar valor para essas pessoas, meu filho.

Então eu estou acendo para você, é verdade? Aline perdendo o par de droga, tudo que tinha direito, os irmãozinhos aí, tudo? Pois irmão não quer deixar, estão fechando a porta para ela não sair, eles estão fechando a porta para ela não sair, mas ela quer sair gente, eu não vou ter como segurar, ela vai sair como eu falo né, que tem que ser o querer, ela tá aí, vocês viram como ela chegar, como ela tá saindo,

toda bonita, toda arrumada, felizmente a droga faz isso, ela tá largando um conforto, cama limpa, lençolzinho limpo, comida na mesa, café, almoço, janta, merenda, chocolate, toda hora que ela pede chocolate nós temos chocolate para dar para ela, mas ela tá aí, a porta aqui, os irmãos dela tudo pelejando lá para que ela não saia, que ela não saia, gente, não é falta de amor, não é falta de carinho,

não é culpa do macaude, é culpa da abstinência né, é culpa da abstinência aí meu filho. Olha só, olha o clima, como é que tá de mandar os hoje? Deixa que ela vai assinar. Olha ali ó, todo mundo chorando aí ó, fala aqui, olha aqui só um exemplo pra ti, olha aqui só um exemplo que aconteceu, conta o que aconteceu contigo, desse mesmo jeito, tá, tá mesmo assinando.

Não tinha que segurar -se ela, não tinha que segurar -se. A filha chorando, a mãe chorando, a gente segurando. Aí fala pra ela, você saiu... Você vai sair, mas eu vou te falar uma coisa, Espírito Santo, ele vai te incomodar e tu vai voltar porque eu creio no Deus que eu sinto porque foi assim que ele fez comigo.

Hoje ela tá três meses, minha filha. Hoje ela faz três meses. E olha como ela tá bonita. A gente volta pela dor porque quando eu saí daqui eu peguei sua golonzada de garrafa. Mostra pra ela o corte aí, minha filha.

Olha aí, olha. Toda cortada lá no hospital, ela lá no hospital foi lá, todo mundo pedindo ajuda que queria voltar de novo para o instituto porque lá não é assim, lá, tu sabe? Eu tô te dando uma nova chance.

E o diabo tá jogando seta na tua vida, mas eu creio no Deus que eu sinto, que ele não vai permitir que o inimigo toque na tua vida da forma como ele tocou na minha. Eu creio que o Espírito Santo vai tocar o teu coração enquanto chegar lá na rua, tu vai voltar.

Nome de Jesus. Filha, olha aqui, olha como tá ali a tua tia que tá ali, que tá saindo por tia, nem de sangue, né? Olha a princesa ali chorando ali, olha. Olha os teus amigos, todos chorando, esses pessoal aqui guardem tia, minha filha.

Os que estão lá na rua que vai te oferecer a droga hoje, hoje tu vai ser o maior sucesso lá na rua porque tu tá chegando bonita, todo mundo quer tirar uma casquinha de tia e isso aí, o diabo vai ficar lá comemorando, fazendo a maior festa.

Porque olha a princesa que você tá e olha como você chegou aqui, né? Dá pra te perceber, né? Já tá com força, já tá com tudo, tá bem bonita. Agora olha lá, que não é nem tô aparente, olha como é que tá ali, como ela tá ficando aqui.

Todo mundo aqui porque aqui é amor de verdade, aqui é carinho de verdade, que a gente quer dar pra você e você deixando o inimigo fazer isso contigo, minha filha. Esquece esse negócio dessa rua, olha a chuva aí, não tá bom pra ninguém não, esse clima aí na rua.

Lá tu não vai... Matando, pessoal, tão aí em guerra, tão em guerra, minha filha, você quer sair daqui no... conforto na segurança para entrar numa guerra dessa daí, tu quer dar uma volta comigo no carro?

a gente vai lá agora eu passe lá contigo tu olha lá para te ver, bora lá vem para te ver como é que está teus amigos lá que tu fala que é teus amigos, para te ver a situação que eles estão lá hoje, bora no carro eu vou te levar lá, vou te mostrar só para te ver olha aí minha filha um dia que você quer vir ó, vou te levar lá do lado da feira você vai ver eles estão com uma lata lá daquela lata lá que tu já conhece o cheiro,

tu já fumou aquilo melhor de vez tu já sabe minha filha o gosto daquilo é só aquilo aquele prazer diminuto ali ó aí passou aquilo ali acabou o dinheiro acabou tudo de novo vai vamos atrás de novo lá vai eu trabalhar de novo juntar latinha juntar o que for para conseguir voltar de novo aquela vida escrota aqui ó todo mundo

já passou por isso aqui já foi usuário usuário usuário que todo mundo que está aqui Chorando pra te nuir,

já passou por isso, e sabe que não é bom, essa droga ela é mal, ela só faz mal pra ti, a tua família, vê as tuas amigas lá do Maranhão, tudo entrando em contato aqui com a gente, querendo te fazer uma surpresa, é isso sim minha filha, que é gostar de ti, tão torcendo por ti lá, as pessoas que estudaram contigo, tão entrando em contato com a gente aqui.

Alegre, feliz, aquelas pessoas que estão lá no Maranhão, estou acendo por ti, essas são teus amigas mesmo, então estou acendo, está feliz de ver tu aqui. Não vá não minha filha, olha como essa rua está aí, está molhado, clima ruim, tu vai pro frio, risco de pegar uma pneumonia.

Mas ninguém quer amor, como você vai? Vai, vai, já estou olhando, peguei um monte de Deus, que eu tomava os piscos dele, vai ser pior. Não, ninguém está ali pendentando não, meu amor, ela já assinou para o Silo?

Não, ainda não, aí vai demorar, pai. E cadeira no papel, assim... Oxe amor, você tem que assinar pelo melho? Espera, não. Deixa ela aí pai, eu creio, eu creio no Deus que eu sinto que ela vai voltar.

Ela vai voltar. Deixa ela aí. Deixa ela aí, ela vai voltar. Não vai gente, aí ó. Sem nada. Toda bonita, arrumamos o cabelo dela, vai direto, direto, direto. Tu vai onde dizendo? Já foi. Não teve jeito que desse jeito, né gente?

Tá vendo? Tá bom, foi muito triste. Não teve gente que desse jeito. Pensa que é fácil, sua vida é diretor, né? Não é fácil não, gente, a gente dá a vida por eles e eles na hora viram assim de costa, faz de conta que ele não fez nada.

Não era nada que a gente não fez nada, ali a gente foi embora. O principal assim, é saber o risco de ela estar correndo. Qualquer hora essa menina pode devagar a acabar de chegar com a secretária. A qualquer hora o inimigo pode sair e falar a vida de uma pessoa que a gente tava tão proberta da gente.

E o meu apelo é o psiquiatra. A clínica precisa de um psiquiatra, mas esbarramos em várias circunstâncias. E a gente precisa de um psiquiatra, porque só o nosso carinho, só o nosso amor. Sem a gente ter um psiquiatra aqui com a gente pra tá dando ajudando a gente com medicação.

Eu acredito que essa menina queria a jura. Mas é uma coisa que é a mente e o corpo. A gente trabalha na mente, mas é uma guerra contra o corpo, também espiritual. Mas aí a gente embarra. Se essa menina tivesse tomando alguma medicação que ajudasse o corpo nessa abstinência, eu acredito que casava com a gente.

Então eu se deixo o nosso apelo. Se você é psiquiatra e Manaus, você pode me ajudar a gente. Caps e Manaus que possam ver essas portas pra gente. São mais de 30 vidas, são mais de 30 almas que se multiplicam com as famílias deles.

As famílias deles querem a vitória. Esses 2 mil seguidores querem a vitória. E se você te deu esse don, esse talento de ser psiquiatra, casa com a gente, me ajuda a gente. A gente se sente frustrada quando a gente vê uma pessoa com potencial.

com tantos sonhos, saí por essa porta. O que saiu aqui pela porta foi uma professora, gente. Uma professora que a gente estava aqui torcendo, né? Que ela conseguisse sair dessa situação. Infelizmente, a droga foi mais forte.

Mas eu acredito que esses dias que ela ficou aqui, a transformação que houve nela, que ficou acemente plantada, que realmente ela vai se arrepender de ter saído. Outra coisa, gente, qualquer clínica, uma clínica profissional, isso faz parte, essa recaída faz parte do usuário que tem anos e anos aí na rua, tá gente?

Isso aí é normal. Não adianta você querer amarrar ela, que aí é pior, ela vai querer se bater, vai fazer coisas piores. Então, ela tem que vir por amor, ela tem que entender que ali não dá mais para ela.

O que vai acontecer aqui com ela, você já sabe. Ela vai entrar lá daqui a pouco, ela vai sentir a vontade de voltar. Pode notar que eu estou falando aí, porque ela recebeu aqui muito carinho, muito amor, muita atenção, tudo, tudo, tudo.

A vida continua, gente. Quer isso, pô, lá? Aqui não para. Mas olha por sopão hoje, gente, mais vasilhas chegando por sopão, material por sopão. Quer isso, pô, lá? Chegou algum lançamento? Olha aí, gente, chega de cortar a batata, agora a gente vai botar a batata aí e já dá para fritar a batata também, né?

Achei que mais logo. Olha aí, por isso aqui, um expor do novo internacional, como lá na Itália. Cadê o nosso taxão? O taxão já chegou? O taxo? Para fritar a batata ainda não? Pois é, meu irmão, olha aí, nós estamos chegando com o nosso equipamento aqui, o Polar aí dando essa força aí, no sopão, agora a batata vai ser cortadinha, tudo bacana para sair a sopa já bacana e ali.

Mas eu acho que esse é para fritar a batata. Não, isso é cortado de legumes, todo tipo de legumes. Aí vai sair assim. Não, ele vai sair de outro jeito lá, não se preocupe não. Tá tudo certo por sopão hoje?

Hoje a tira não vai perder, não, gente, a gente vai fazer um show, você em show, a gente vai estar entregando o sopão, viu? Do Dark. O grupo Dark tem o senhor representante, tem um representante aqui de força.

O homem está aí dando essa força para a gente, aqui também, na segurança. O grupo Dark acabou de doar um mil e trezentos reais para a compra da fazenda, hein? Pai, meu filho começou a usar essa maldita droga com treze anos, eu não sei, meu filho está saindo, essa maldita droga, ele usava maconha, estou sofrendo, meu filho, com meu filho, sofre mesmo, as mães aqui mais sofrem, né gente, felizmente.

Pai Marcos precisa levar eles na cura do vício, na igreja universal. Ontem eu assisti a live da Sandrinha e eu não senti que ela foi verdadeira. Acho que tanto

ele como eu dizer, ele tem culpa. Eu estou aqui chorando por essa moça que estava tão bem, principalmente a moela foi voltar em nome de Jesus.

Ela vai voltar em nome de Jesus e o diabo não vai ter essa vitória sobre a vida dela. Eu acredito que a semente foi plantada, viu gente? Foi plantada, tenho certeza que ela vai lá com a consciência dela, não vai estar boa hoje, ela usando a droga dela lá.

Daqui a pouco ela vai estar lá no luxo, como diz, né? No luxo dela usando a droga dela, mas depois vem a consequência. Aqui vai estar milhões de pessoas daqui do Amazonas, que passar por ela vai falar com ela.

Vai dizer, moça, pra que que tu saiu, por que que tu foi fazer isso e tal. Gente, vocês têm que entender que essa droga lá não é fácil, como vocês pensam que é. Não tente culpar a Aline, tá bom? Realmente é a abstinência que atacou e é assim que ataca, não tem jeito.

Quem tem usuário na casa sabe, a mãe está fazendo de tudo, de repente dá doida, ela sai e não tem que segure, tá? Ela faz o marido dela cair ficando com uma caule. Gente, a história, ela não tinha nada com ele, com Paulo, tá?

Fiquei bem claro isso daí. E ela falou que tem só um carinho ele também, ela falou também a mesma coisa, ele não tem nada. O que eu entendi é a pai todo poderoso, o cuide da Aline nas ruas, toca no coração dela para que ela mude de vida e seja uma pessoa de bem.

Estamos muito tristes aqui no Maranhão, o pessoal do Maranhão aí, com certeza que estava na torcida, estão tristes, né? Ficaram tristes gente de São Paulo, Maranhão, do Rio, do Brasil e do mundo todo, né?

Todo mundo que estava torcendo, realmente a gente perdeu a batalha, gente, a gente não perdeu a guerra, hein? Gente, acalma, a gente vai virar esse jogo aí, Aline vai voltar para casa ainda, se Deus quiser.

Agora estou indo diretamente para o Pronto Socorro, levar essa moça aqui, na eternidade, embora vamos entrar no carro. Agora estou indo para a maternidade, levar a Gisele para ter o nenê dela, que está aí dentro da barriga, conversa que ela saiu correndo da gorinha.

Estamos indo, pessoal, mais uma vez, muito obrigado pela audiência, vou agora levar eles até a maternidade. Não vai poder entrar. Vamos embora, agora vamos estar cuidando aqui da Gisele Binte, gente, é outra história que a gente tem que resolver, está entrando aqui no carro, vamos cuidar dela.

Vamos até a maternidade ver como essa criança está, eu estou achando que ela já está até com a dor de parto porque ela é magrinha então não dá pra perceber muita coisa, mas eu acredito que a Giselle já está para ter o neném dela, então vamos estar torcendo aí para que dê tudo certo lá na maternidade e que a Giselle vai acompanhar o crescimento, saber como é que está realmente o bebê dela agora nesse exato momento na clínica,

que Deus vai abrindo essa porta lá para que dê tudo certo para a gente, com vocês aí, muito obrigado até mais.